



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Arquitetura

Curso de Design Visual

THAÍS ALVES DE ANDRADE

**LINGUAGEM PICTÓRICA INCLUSIVA: desenvolvimento de pictogramas
representativos e neutros para identificação de sanitários públicos**

Porto Alegre

2022

THAÍS ALVES DE ANDRADE

LINGUAGEM PICTÓRICA INCLUSIVA: desenvolvimento de pictogramas representativos e neutros para identificação de sanitários públicos

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design Visual, da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de Designer Visual.

Orientador: Prof. Fabiano de Vargas Scherer

Porto Alegre

2022

THAÍS ALVES DE ANDRADE

LINGUAGEM PICTÓRICA INCLUSIVA: desenvolvimento de pictogramas representativos e neutros para identificação de sanitários públicos

Este Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Design Visual, da Faculdade de Arquitetura, como requisito para a obtenção do título de Designer Visual.

Orientador: Prof. Fabiano de Vargas Scherer

Prof.

Porto Alegre

2022

RESUMO

Por consequência da mudança na percepção sobre os conceitos de gênero e sexo nas últimas décadas, o presente trabalho visa questionar se a separação entre os banheiros ainda se faz necessária e como a sua forma de representação gráfica, a partir da padronização do uso de pictogramas "masculinos e femininos", se tornou obsoleta. A metodologia aplicada no projeto é uma adaptação das propostas por Munari (1983) e Abdullah e Hübner (2006), a qual totaliza nove etapas, buscando trazer um enfoque para o desenvolvimento de pictogramas, sendo elas: I - Definição do Problema; II - Componentes do Problema; III - Coleta de dados; IV - Análise de dados; V - Criatividade e Materiais; VI - Experimentação; VII - Modelo; VIII - Verificação, e IX - Desenho construtivo e Disponibilização. A Fundamentação Teórica aborda quatro assuntos principais (Gênero e Representatividade; Signos e Pictogramas; Design Social; e Sanitários Públicos), buscando entender as suas correlações. Além disso, são realizadas pesquisas qualitativas com pessoas que não se identificam com a binaridade de gênero imposta pela sociedade, a fim de escutar experiências individuais de uma parcela da população invisibilizada muitas vezes. Ademais, uma pesquisa quantitativa também foi feita para entender um contexto geral sobre a relação pessoa-sanitário, compreendendo as três primeiras etapas da metodologia. A Análise de Similares (etapa IV) direcionou o desenvolvimento dos desenhos ao mostrar o enfoque que os pictogramas deveriam ter: a representação gráfica voltada para a função dos sanitários e objetos encontrados no local. Gerando então o Conceito do projeto e os principais requisitos, os quais eram necessários seguir para atingir o objetivo do trabalho. Desenhos foram desenvolvidos (etapa V) e selecionados com a ajuda do público (etapa VI), uma vez que a função de um pictograma só se cumpre no momento que o espectador entende a mensagem. Ajustes foram feitos nos pictogramas apresentados e, a partir disso, estabeleceu-se uma família modelo (etapa VII) para ser verificada em sanitários públicos. Na etapa de Verificação (VIII) foram coletadas percepções sobre os símbolos e preferências, além de atestar a efetividade dos desenhos desenvolvidos. Na etapa seguinte, Desenho construtivo e Disponibilização (IX), os pictogramas finais foram geometrizados a partir de diretrizes de acervos digitais, com a finalidade de serem disponibilizados gratuitamente após a entrega do presente trabalho e, além disso, uma nova versão da família de símbolos foi criada, visando uma maior adesão em projetos de terceiros. A família conta com 6 pictogramas que representam um vaso sanitário, mictório, sanitário família, sanitário PCD, vestiário e fraldário, além de possuir a versão em preenchimento e em contorno. O projeto culmina no cumprimento de todos os objetivos propostos, em adição ao desempenho da função de um pictograma ao comunicar de forma eficiente a mensagem, sendo concluído com sucesso.

Palavras-chave: Design Social, Pictogramas, Gênero.

ABSTRACT

As a result of the change in the perception of the concepts of gender and sex in the last decades, the present work aims to question whether the separation between restrooms is still necessary and how its form of graphic representation, from the standardization of the use of pictograms "male and female", has become obsolete. The methodology applied in the project is an adaptation of the proposals by Munari (1983) and Abdullah and Hübner (2006), which totals nine stages, seeking to bring a focus to the development of pictograms, which are: I - Problem Definition; II - Components of the Problem; III - Data collection; IV - Data analysis; V - Creativity and Materials; VI - Experimentation; VII - Model; VIII - Verification, and IX - Constructive Design and Availability. The Theoretical Foundation addresses four main subjects (Gender and Representativeness; Signs and Pictograms; Social Design; and Public Restrooms), seeking to understand their correlations. In addition, qualitative research is carried out with people who do not identify with the gender binarity imposed by society, in order to listen to the individual experiences of a portion of the population that is often made invisible. In addition, quantitative research was also carried out to understand a general context of the person-restroom relationship, comprising the first three steps of the methodology. The Analysis of Similar (step IV) guided the development of the drawings by showing the focus that the pictograms should have: the graphic representation focused on the function of the toilets and objects found in the place. Creating the project Concept and the main requirements, which were necessary to follow to achieve the objective of the work. Drawings were developed (stage V) and selected with the audience's help (stage VI), since the function of a pictogram is only fulfilled when the viewer understands the message. Adjustments were made to the pictograms presented and, after that, a model family was established (step VII) to be verified in public restrooms. In the Verification stage (VIII) perceptions about the symbols and preferences were collected, in addition to attesting to the effectiveness of the designs developed. In the next step, Constructive Design and Availability (IX), the final pictograms were geometrized based on guidelines for digital collections, with the purpose of being made available free of charge after the delivery of this work and, in addition, a new version of the family of symbols was created, aiming at a more outstanding adhesion in third-party projects. The family has 6 pictograms that represent a toilet, urinal, family toilet, accessible toilet, locker room, and changing room, in addition to having a version in filling and in contour. The project culminates in the fulfillment of all the proposed objectives, in addition to performing the function of a pictogram to efficiently communicate the message, and is successfully completed.

Keywords: Social Design, Pictograms, Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Símbolo multigênero em banheiro de restaurante	16
Figura 2 – Metodologia de Munari	18
Figura 3 – Exemplo de ícone, símbolo e índice	26
Figura 4 – <i>SeoWoo and Her Pink Things 2006</i> e <i>Jake and His Blue Things 2006</i>	27
Figura 5 – Hieróglifos	30
Figura 6 – Brasão Medieval	30
Figura 7 – Vignettes	30
Figura 8 – Pictogramas para a sinalização de trânsito de 1909	31
Figura 9 – Pictogramas do ISOTYPE	31
Figura 10 – Pictogramas Jogos Olímpicos de Berlim em 1936	32
Figura 11 – Pictogramas Jogos Olímpicos de Tokyo em 1964	33
Figura 12 – Pictogramas Jogos Olímpicos de Munique em 1972	33
Figura 13 – Representação das raças na ISOTYPE	35
Figura 14 – Representação de crimes na ISOTYPE	35
Figura 15 – Pictogramas de atleta feminina e teatro para as Olimpíadas de Tokyo de 1964	36
Figura 16 – Pictograma de sanitário feminino para as Olimpíadas de Tokyo de 1964	36
Figura 17 – <i>Wien sieht's anders</i>	37
Figura 18 – Pictogramas para banheiros masculino e feminino para as Olimpíadas de Tokyo 1964	37
Figura 19 – Pictogramas para banheiros masculino e feminino para as Olimpíadas de Munique 1972	38
Figura 20 – Pictogramas para banheiros masculino e feminino	38
Figura 21 – Pictograma de vaso sanitário lançado pela ISO 1990	38
Figura 22 – Pictograma de escola na Tailândia	39
Figura 23 – Pictograma de <i>gender neutral</i>	39
Figura 24 – Pictogramas que podem identificar sanitários multigênero	58
Figura 25 – Projetos conceituais	63
Figura 26 – Projetos aplicados que reforçam o binarismo	65

Figura 27 – Projetos aplicados com foco na função	66
Figura 28 – Projetos aplicados com acessibilidade	66
Figura 29 – Projetos aplicados com soluções diversas	67
Figura 30 – Símbolos para identificação de sanitários citados na NBR 9050	73
Figura 31 – Símbolos desenvolvidos pela AIGA	74
Figura 32 – Pesquisa referencial	75
Figura 33 – Desenhos iniciais	76
Figura 34 – Desenhos vetoriais	77
Figura 35 – Símbolos desenvolvidos	77
Figura 36 – Seleção inicial	78
Figura 37 – Resultado da adequação dos pictogramas	79
Figura 38 – Comparação pictograma fraldário: antes x depois	80
Figura 39 – Resultado da pesquisa de pictogramas de fraldários	80
Figura 40 – Pictograma para fraldário: AIGA x novo desenho	81
Figura 41 – Pictogramas a serem verificados com público	81
Figura 42 – Sanitários da Faculdade de Arquitetura da UFRGS	82
Figura 43 – Sanitário acessível internamente	82
Figura 44 – Sinalização sanitário acessível	83
Figura 45 – Demais sinalizações do sanitário acessível	83
Figura 46 – Verificação dos novos pictogramas	84
Figura 47 – Combinação de pictogramas e termos para verificação	84
Figura 48 – Localização dos sanitários da FACED	87
Figura 49 – Sinalização atual dos sanitários da FACED	88
Figura 50 – Interior dos sanitários da FACED	88
Figura 51 – Sinalização aplicada	89
Figura 52 – Opções de pictogramas apresentadas	89
Figura 53 – Família de pictogramas após verificação	92
Figura 54 – Família final de pictogramas	92
Figura 55 - Malha construtiva utilizada	94
Figura 56 – Comparação antes e depois	94
Figura 57 – Versões em preenchimento e contorno	95
Figura 58 – Comparação situação atual x novo pictograma	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Metodologia de Abdullah e Hübner	19
Quadro 2 – Metodologia Mista Adotada	20
Quadro 3 – Conceitos sobre Gênero	22
Quadro 4 – Síntese das percepções sobre os pictogramas	56
Quadro 5 – Síntese das sugestões	59
Quadro 6 – Comparação " <i>Toilet</i> " e " <i>Restroom</i> "	61
Quadro 7 – Comparação " <i>Bathroom</i> "	61
Quadro 8 – Comparação " <i>No Gender</i> ", " <i>All Gender</i> " e " <i>Gender Neutral</i> "	62
Quadro 9 – Síntese das respostas	69
Quadro 10 – Comparação das respostas	70
Quadro 11 – Mensagem x Objeto	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Termos sugeridos	56
Tabela 2 – Respostas rede social	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ISOTYPE	The International System of Typographic Pictures
AIGA	American Institute of Graphic Arts
D.O.T.	The United States Department of Transportation
SEGD	The Society for Experiential Graphic Design
AHAC	Associação de Homossexuais do Acre
MASP	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
PCD	Pessoas com Deficiência
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FACED	Faculdade de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	14
1.2 OBJETIVOS	17
1.3 DELIMITAÇÕES DO TRABALHO	17
1.4 METODOLOGIA	18
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1. GÊNERO E REPRESENTATIVIDADE	22
2.2. SIGNOS E PICTOGRAMAS	24
2.2.1. Semiótica	24
2.2.1.1. Signos de gênero	26
2.2.2. Pictogramas	28
2.2.2.1. Uma breve história	29
2.2.2.2. Gênero nos pictogramas	34
2.3. DESIGN SOCIAL	40
2.3.1. A responsabilidade social do designer	42
2.4. SANITÁRIOS PÚBLICOS: LIMITAÇÕES E OPORTUNIDADES	43
2.4.1. História e contexto da separação por gênero	43
2.4.1.2. Consequências da separação por gênero	45
2.4.2. Limitações entre inclusão e segregação	48
2.4.3. Oportunidades	49
3. LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES	51
3.1. ENTREVISTAS	51
3.1.1. Resultados das entrevistas	52
3.2. QUESTIONÁRIO	56
3.2.1. Resultados do questionário	57
4. ANÁLISE DE SIMILARES	59
4.1. ACERVOS DIGITAIS	60

4.2. PROJETOS CONCEITUAIS	63
4.3. PROJETOS APLICADOS	64
5. CONCEITO	67
5.1. REQUISITOS DE PROJETO	68
6. ESCOLHA E REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DOS TEMAS	69
7. GERAÇÃO E SELEÇÃO DE DESENHOS	72
7.1 SELEÇÃO DE DESENHOS	77
8. VERIFICAÇÃO	82
8.1 FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRGS	82
8.2 FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS	86
9. DESENHO CONSTRUTIVO E DISPONIBILIZAÇÃO	93
10. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM PÚBLICO	105
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ONLINE	106
APÊNDICE C - GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO ONLINE	109
APÊNDICE D - ENTREVISTA DE VERIFICAÇÃO 1	112

1. INTRODUÇÃO

É possível dizer que o debate entre as relações de gênero, sexo e suas definições tem estado cada vez mais em pauta, tornando-se um assunto globalmente discutido nas últimas décadas, principalmente pelas gerações mais jovens. Uma pesquisa feita pelo Pinterest, em 2019, mostrou um aumento significativo no número de pesquisas que envolviam o gênero neutro, a exemplo da busca de "lista de nomes neutros de gênero", que subiu em 301% em comparação com anos anteriores. Este documento ainda mostra que, no mesmo ano, o dicionário norte-americano Merriam-Webster, adotou oficialmente os pronomes "*they*" e "*them*" como sendo uma possibilidade de uso para o gênero neutro. Entretanto, por mais que este seja um assunto bastante abordado em artigos científicos, livros, mídias digitais e até em conversas casuais, resquícios que enfatizam conceitos conservacionistas ainda estão amplamente enraizados na sociedade.

No início dos anos 80, a palavra gênero começava a ser utilizada em discursos feministas que buscavam explicar a desigualdade encontrada entre homens e mulheres, e, com o tempo, a delimitação entre os conceitos de gênero e sexo começou a se esvaír (WALLACH SCOTT, 2010). Borgovan (2021) define gênero como sendo um conjunto de associações, socialmente construídas, baseadas nas expectativas de conduta de uma pessoa dependendo de seu sexo biológico, como comportamentos, aparência e papéis sociais. Já o sexo biológico diz respeito às características anatômicas que a pessoa tem ao nascer, podendo incluir cromossomos, genitália, composição hormonal, entre outras (NEUTROIS.COM, [201-?]). Além disso, ao contrário do que é amplamente difundido, o sexo biológico vai além da dicotomia entre feminino e masculino, visto que há uma terceira categoria: o intersexo (GLAAD, 2016; FREITAS et al, 2019).

Um dos grandes exemplos na qual esta ambiguidade entre conceitos é encontrada é na história da separação de banheiros entre o feminino e masculino, que segue os moldes de uma sociedade binária, apresentando apenas duas opções. No entanto, esta divisão não é somente feita por questões de segurança ou privacidade, como muitos supõem, visto que os banheiros públicos já são projetados para fornecer estes atributos ao utilizar de cabines individuais (BARNETT et al., 2018). Segundo Kogan (2007, p. 5), as motivações para a criação de leis que determinam a separação dos sexos "estavam enraizadas na ideologia das 'esferas separadas' do início do século XIX, que considerava o lugar apropriado para a mulher estar em casa, cuidar do fogo da lareira e criar os filhos".

A primeira lei de segregação dos banheiros pelo sexo data de 1700 em Paris. Apenas em 1887 surge, em Massachusetts, a primeira lei estadunidense que impôs que os ambientes de trabalho tivessem os banheiros separados. Por mais que a divisão tenha sido feita baseada na anatomia do ser humano, a justificativa para tal se

encontra nos papéis sociais, visto que o objetivo era manter "o lugar" da mulher ainda separado do homem, principalmente, por ela ter conquistado o direito de poder trabalhar - papel social, anteriormente, masculino (BARNETT et al., 2018).

É importante ressaltar que a luta para conquistar o direito de poder trabalhar era travada por feministas brancas de classe média, visto que mulheres pobres e, principalmente, mulheres negras já trabalhavam pela sua sobrevivência. Este último grupo ainda é afetado pelo agravante da herança escravocrata que o deixou às margens da sociedade. Entretanto, além de não atuarem nos mesmos cargos por conta do preconceito racial, mulheres negras sofriam com a segregação até nos banheiros, já que os sanitários que eram destinados a mulheres também eram separados entre brancas e negras, dado que sua integração simbolizava fortemente a igualdade social e a política não podia permitir que isso existisse (SPENCE-MITCHELL, 2021). Outro preconceito que "embasava" essa segregação era o fato de assumirem que mulheres negras eram hipersexuais e, assim, mais suscetíveis a contraírem infecções sexualmente transmissíveis, como gonorréia e sífilis, e que elas poderiam infectar mulheres brancas caso utilizassem os mesmos assentos sanitários, batons ou toalhas (TORRIBIO; GLASS, 1965). Ou seja, nesse contexto, acreditava-se que era preciso proteger as mulheres brancas tanto da população negra, quanto dos ambientes ditos masculinos.

Dessa forma, as normas sociais do século XIX buscavam ditar "o lugar da mulher" na sociedade, criando espaços destinados somente a elas em ambientes públicos, como salas de leitura em bibliotecas (BARNETT et al., 2018). Apesar disso, com o passar do tempo, as mulheres conquistaram mais espaço na sociedade e esta segregação de ambientes foi sendo extinta aos poucos, à exceção dos banheiros, que, segundo Barnett et al. (2018) se tornou universal e esperada por grande parte da população. Mesmo que as manifestações em prol da igualdade de gênero tenham mudado a visão do "lugar apropriado" da mulher na sociedade, esta separação ainda é embasada na noção de que as mulheres precisam de maior proteção.

Além da evolução da visão existente em relação aos papéis sociais da mulher e do homem, o entendimento sobre a identidade de gênero e suas diferentes formas de expressão também progrediu. Expressão de gênero é a forma como uma pessoa se manifesta externamente, por meio do seu nome, pronomes, vestimentas, comportamentos e como interage com os demais (GLAAD, 2016). Já a identidade de gênero trata-se da percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação ou ausência dos dois, independente do sexo biológico, podendo ou não ser visível aos outros. Desta forma, é possível compreender que desde os anos 1700 até os dias atuais, as concepções sobre o que são homens e mulheres, seus respectivos papéis sociais e a tomada de consciência sobre a existência de pessoas que não se identificam com os extremos do binarismo

imposto pela sociedade, tiveram grandes avanços. Por consequência desta mudança na percepção sobre os conceitos de gênero e sexo, é preciso, então, questionar se a separação entre os banheiros ainda se faz necessária e como a sua forma de representação gráfica, a partir da padronização do uso de pictogramas "masculinos e femininos", se tornou obsoleta.

1.1 JUSTIFICATIVA

A partir deste movimento social envolvendo igualdade, identidade e expressão de gênero, o presente trabalho propõe o desenvolvimento de uma representação mais inclusiva da sociedade em ambientes públicos. Para tanto, busca-se trabalhar com uma maior representatividade, acolhimento e noção de segurança a pessoas que não se identificam com a binaridade imposta atualmente.

Em 2015, Ivan Coyote inicia uma de suas palestras falando que todas as pessoas têm necessidades básicas. Elas precisam de ar para respirar; de água limpa para beber; de comida para se alimentar, e de abrigo e amor. Ainda, Coyote conclui sua introdução dizendo que "todos nós precisamos de um lugar seguro para urinar". Estas afirmações parecem ser óbvias para a maioria da população, mas para Coyote, essa última possui um peso maior, visto que se identifica como uma pessoa transgênero e, desde que se recorda, passa por constrangimentos causados por conta da sua identidade e expressão de gênero, principalmente, quando pretende utilizar o banheiro.

Segundo Barnett et al. (2018), indivíduos transgênero relatam frequentes assédios, especificamente em relação ao uso dos sanitários. Em sua análise sobre a intersecção do debate entre o uso dos banheiros com a política, ética e ciência, para O Jornal da Academia Americana de Psiquiatria e Direito (*The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law*), os autores expõem dados de uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 2015, que revelam que 59% dos respondentes evitam o uso de banheiros públicos a fim de diminuir a possibilidade de confrontos ou outros problemas. Concomitantemente, 32% restringem o seu consumo de alimentos e bebidas com essa mesma finalidade e 8% reportaram terem tido problemas renais e infecções no sistema urinário em consequência do não uso dos banheiros públicos quando necessitam.

Em um relatório produzido por Bachmann e Gooch, em 2018, sobre a qualidade de vida de pessoas trans na Grã-Bretanha, é exposto o impacto que a discriminação, a exclusão e a violência possuem nas vidas das vítimas. O documento traz depoimentos de mais de 800 pessoas trans, que se identificam ou não com o binarismo, e evidencia que duas em cada cinco pessoas entrevistadas sofreram algum tipo de crime ou discriminação em locais públicos:

Pessoas reagem agressivamente quando eu uso banheiros públicos, caso elas não tenham certeza do meu sexo biológico. As pessoas acham que é aceitável me

perguntar sobre o meu sexo e minhas genitálias em ambientes públicos. Eu tive pessoas agarrando minha virilha, em público, andando por uma estrada no meio do dia em uma área lotada. Flynn, 21 anos. (BACHMANN; GOOCH, 2018, p. 10, tradução da Autora)

Fui agredida fisicamente por duas mulheres quando eu tentei usar o banheiro em um bar. Elas começaram a me empurrar, gritando que eu estava no banheiro errado e dizendo que este era o banheiro das mulheres. Eu respondi que sabia qual banheiro era e que eu estava no lugar certo, mas elas persistiram. Desde então, eu evito banheiros públicos sempre que possível. Abebi, 34 anos. (BACHMANN; GOOCH, 2018, p. 10)

De acordo com um relatório publicado em 2017 pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), a transfobia é muito mais que o sentido literal da palavra, que denota medo e aversão às pessoas trans. Ela é toda a forma de discriminação, preconceito e inferiorização de indivíduos transexuais e travestis por conta de suas identidades. A transfobia pode se manifestar a partir da recusa à interação social, da negativa de direitos básicos, da violência verbal, física e sexual, até podendo culminar em assassinatos.

Segundo Jesus (2012), a população transgênero é estigmatizada, marginalizada e perseguida por conta do imaginário popular que a considera anormal e, conseqüentemente, estabelece como regra a identificação com o gênero atribuído ao nascimento do indivíduo e espera um comportamento "adequado" para tal. Desta forma, as vivências das pessoas que não se enquadram dentro destas expectativas sociais apresentam uma maior suscetibilidade a potenciais abusos físicos, psicológicos e simbólicos. "Em nosso país, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais, e a travestis, é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento de sua identidade" (DE JESUS, 2012, p. 11).

Em 2021, um caso polêmico envolvendo representatividade e inclusão de gênero foi registrado em Bauru, São Paulo, sendo noticiado nacionalmente pela plataforma digital G1. O caso veio à tona após a viralização de um vídeo, publicado em uma rede social, mostrando o descontentamento de uma pessoa perante ao posicionamento de uma rede de *fast food*, que tentou representar os banheiros de uma maneira mais inclusiva, utilizando um símbolo "multigênero" (Figura 1) em cabines individuais.

Figura 1 - Símbolo multigênero em banheiro de restaurante



Fonte: Jornal do Comércio Pernambuco, 2021.

Após a repercussão, a rede de restaurantes relatou que possui um compromisso de promover ambientes respeitosos e inclusivos "para que todas as pessoas se sintam bem-vindas e possam utilizá-las com conforto e privacidade" (ASSIS; BONORA, 2021). Entretanto, autoridades locais acabaram barrando esta atitude do restaurante respaldadas por uma legislação municipal. Nesta mesma reportagem, à plataforma G1, a advogada Taylise Rochelli Zagatto, presidente da Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e do Conselho Municipal de Atenção à Diversidade Sexual, rebateu que:

ações afirmativas, públicas ou privadas, vocacionadas a combater opressões históricas, sistemáticas e estruturais, como a criação de banheiros "agênero" não devem ser vistas como suspeitas ou indesejadas, mas como imperativos da igualdade em nossa sociedade (ASSIS; BONORA, 2021).

Tendo em vista os argumentos supracitados, percebe-se como a situação atual de separação dos banheiros acaba tornado-se discriminatória e segregativa, dados todos os avanços sociais acerca da pluralidade de gênero. Segundo o relatório de 2015 de uma pesquisa feita sobre transgêneros nos Estados Unidos (*2015 U.S. Transgender Survey*), 1 em cada 10 respondentes reportaram que alguém lhe vetou o acesso a banheiros públicos, ou seja, a separação atual dos sanitários acaba negando à parte da sociedade o exercício de seus direitos básicos. Em sua palestra, no mesmo ano, Coyote afirma que "se não nos movimentarmos agora, para ter certeza que esses espaços sejam realmente abertos e acessíveis a todos, então nós precisamos ser honestos e parar de chamá-los de espaços públicos" (2015, tradução da Autora). O palestrante continua relatando uma experiência vivida por uma criança de quatro anos, que se identifica como sendo "*tomboy*¹", e que mesmo com a pouca idade, já havia vivenciado um constrangimento por conta da sua identidade e expressão de gênero, visto que ela havia sido impedida de entrar nos banheiros femininos e masculinos. "Ela tinha 4 anos de idade, e já tinha sido ensinada a lição brutal de que não havia uma porta do

¹*Tomboy* é a expressão utilizada para denominar meninas que gostam de atividades e comportamentos tradicionalmente associados a meninos, segundo o dicionário Merriam-Webster (2022).

banheiro na pré-escola com uma placa que acolhesse pessoas como ela" (COYOTE, 2015, tradução da Autora). Dessa forma, percebe-se a importância e urgência que este tema possui.

A partir dos fatos citados anteriormente, é inegável o impacto que uma nova representação visual para a indicação e identificação de banheiros públicos pode ter na vida de pessoas, independente da idade, que não se enxergam nos extremos do binarismo imposto pela sociedade atual. Todavia, é preciso concluir que não é possível mudar uma cultura do dia para a noite. Atos discriminatórios e preconceituosos ainda serão vistos no cotidiano. Entretanto, segundo a designer Kristy Tillman (2021), designers estão criando a cultura e é preciso reconhecer que estamos criando um futuro; e é justamente isso que o presente trabalho visa, ser um agente ativo para a mudança e criação de um futuro mais representativo e inclusivo.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo geral do presente trabalho é desenvolver uma família de pictogramas que respeite a diversidade de gênero, sendo ela inclusiva e que esteja disponível à comunidade para ser utilizada, principalmente, na indicação de sanitários em edifícios abertos ao público.

Como objetivos específicos, estão:

- a. Dar mais representatividade às diferentes identidades de gênero;
- b. Servir como elemento inclusivo e não excludente;
- c. Contribuir para a criação de um ambiente mais receptivo;
- d. Ser de fácil reconhecimento e identificação;
- e. Ser replicável em diferentes contextos arquitetônicos;
- f. Ser acessível a pessoas que queiram utilizar em projetos futuros.

1.3 DELIMITAÇÕES DO TRABALHO

Por mais que o objetivo do trabalho seja dar continuidade ao caminho para a mudança do paradigma da binaridade, como designer, é preciso entender a realidade e o contexto em que a sociedade se encontra. Desta forma, é importante ressaltar dois aspectos limitantes que estreitam as possibilidades a serem trabalhadas: o imaginário popular e a arquitetura.

A limitação arquitetônica se dá pela existência de leis municipais e estaduais que prevêm a separação dos banheiros por sexo em estabelecimentos públicos, a exemplo dos artigos 197, 198 e 207 do decreto nº 23.430, de 24 de outubro de 1974,

do governo do estado do Rio Grande do Sul. Consequentemente, por haver esta separação, a população usuária destes estabelecimentos tende a procurar a representação da binaridade, por mais que ela não seja explícita. Assim, considerando o imaginário popular e as restrições no aspecto arquitetônico, é importante propor uma solução que seja passível de ser replicada em diferentes situações, que viabilize uma mudança gradual e que não cause confusão aos usuários.

1.4 METODOLOGIA

Com o objetivo de atingir o melhor resultado com o menor esforço, assim como é afirmado por Munari (1983), o desenvolvimento do presente Trabalho de Conclusão de Curso utiliza como base a metodologia generalista do autor, apresentada em seu trabalho "Das Coisas Nascem Coisas". Na obra, Munari (1983, p. 20) estabelece que "o método projetual não é mais do que uma série de operações necessárias, dispostas por ordem lógica" e nos apresenta 10 macro etapas para o caminho entre o Problema e a sua Solução, como é exemplificado na Figura 2:

Figura 2 – Metodologia de Munari



Fonte: Munari, 1983 (adaptado pela Autora)

É possível inferir que a metodologia apresentada pelo autor pode ser aplicada a qualquer projeto, sendo ele voltado para o design industrial ou de comunicação visual, por possuir natureza abrangente. Entretanto, justamente pelo fato da estrutura metodológica proposta atender a uma vasta gama de projetos e tendo em vista a temática do trabalho, é necessário buscar outros métodos e ferramentas que sejam focados no desenvolvimento de pictogramas pretendendo uma complementação.

Este tipo de modificação em metodologias visa o aprimoramento delas e é estimulado pelo próprio autor, o qual afirma que "o método projetual para o designer não é nada de absoluto nem definitivo; é algo que se pode modificar se encontrarem outros valores objetivos que melhorem o processo" (MUNARI, 1983, p. 21). Panizza (2004) também assegura que o esquema linear apresentado por Munari serve apenas como referencial, visto que na prática o desenvolvimento de projetos possui diversas idas e vindas em todo seu processo. Por conseguinte, este trabalho também faz uso da metodologia apresentada por Abdullah e Hübner (2006) no livro "*Pictograms, Icons and Signs: A Guide to Information Graphics*".

Por mais que a obra seja voltada para o desenvolvimento de pictogramas a partir de uma identidade visual organizacional, sua estrutura projetual não exclui a possibilidade de utilizá-la no presente trabalho. Tendo em vista que a primeira metodologia confere uma base generalista e com foco na resolução de um problema, e

a última possui as especificidades buscadas para este tipo de projeto - o desenvolvimento de pictogramas - é possível perceber que as metodologias apresentadas por Munari e por Abdullah e Hübner se tornam complementares para o desenvolvimento do presente trabalho.

Sendo assim, a estrutura metodológica demonstrada pela dupla de autores pode ser dividida em 3 etapas principais - a Concepção, o Design e a Utilização dos Pictogramas - com diferentes sub-etapas incorporadas, como mostra o Quadro 1:

Quadro 1 - Metodologia Abdullah e Hübner

ETAPA		DESCRIÇÃO
I	Concepção	<p>Nesse primeiro momento, de trabalho conceitual, são apresentadas duas sub-etapas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Listar todos os temas a serem representados: sendo preciso a enumeração de todas as mensagens a serem comunicadas e agrupá-las em diferentes tarefas; 2. Simbolizar os temas com imagens: é preciso achar a essência da mensagem a ser representada, mas visto que nem todas as mensagens conseguem ser traduzidas adequadamente como pictogramas, é aconselhado a utilização da ferramenta de mapa mental para encontrá-la.
II	Design	<p>Após a etapa de concepção, são apresentados passos que ajudam no desenvolvimento visual dos pictogramas. Os autores ainda reforçam que a segunda etapa só deve ser iniciada após a conclusão da sua antecessora:</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Formato: definir uma área de proteção, visando que sua legibilidade e significado não sejam prejudicados com a interação de outros elementos gráficos; além de pensar na existência de um fundo e sua cor; 4. Substrato: é necessário pensar onde este pictograma será aplicado, em um substrato mais horizontal, redondo, vertical etc. visto que um descompasso entre o formato e o substrato pode enfraquecer a efetividade do pictograma; 5. Grade: definir as unidades e subunidades que irão compor a grade, a fim de buscar continuidade e ritmo visual, além de economizar tempo; 6. Espessura do traçado: buscar a consistência com a finalidade de manter a representação uniforme no sistema pictográfico; 7. Formato e cor: entender e analisar a percepção das combinações entre formas e cores já utilizadas e entendidas pelo imaginário popular; 8. Neutralidade cultural: verificar se o desenho desenvolvido depende de algum conhecimento cultural prévio; (continua)

		<p>9. Inscrição: analisar a real necessidade de um acompanhamento tipográfico, visto que este recurso deve ser evitado;</p> <p>10. Abstração: a partir da essência a ser representada, é necessário retirar todos os detalhes desnecessários para o entendimento da mensagem;</p> <p>11. Linguagem pictórica: é preciso verificar se os desenhos desenvolvidos mantêm uma linguagem unificada, com a mesma estrutura, preenchimento, qualidade e estilo;</p> <p>12. Ritmo visual: os pictogramas devem possuir harmonia a partir da grade, da consistência e equilíbrio visual;</p> <p>13. Usando o pictograma: após finalizados, é necessário que eles sejam de fácil acesso, dessa forma digitalizá-los em programas vetoriais se torna preciso.</p>
III	Utilização dos Pictogramas	<p>Após a finalização das etapas anteriores, é essencial pôr à prova os pictogramas, visto que é somente quando eles entram em contato com o mundo real que a sua mensagem é enviada:</p> <p>14. O receptor: é fundamental verificar se o receptor da mensagem consegue decifrá-la e vê-la de forma correta, visto que há fatores que podem comprometer o entendimento da mensagem, desde a condição do receptor ao local onde o pictograma foi aplicado e suas interferências. (conclusão)</p>

Fonte: Adaptação da metodologia Abdullah e Hübner

Além da simples união de ambas metodologias supracitadas, e tendo em vista que o objeto de estudo fala sobre uma comunidade normalmente marginalizada e não escutada pela sociedade, é preciso também estabelecer um contato mais direto com o público. Logo, se faz necessário ouvir suas histórias e vivências diretamente de quem as experienciam. Segundo Josh A. Halstead (2021), o design inclusivo deve dismantelar as estruturas de poder dentro de nós mesmos e das instituições que ocupamos tanto quanto as da sociedade e, para isso, é necessário trazer as pessoas que vêm sofrendo com a binaridade imposta para dentro do processo de desenvolvimento do produto.

Isto posto, o trabalho se estruturará da seguinte maneira, como demonstrado no Quadro 2:

Quadro 2 - Metodologia Mista Adotada

ETAPA		DESCRIÇÃO
I	Definição do Problema	É iniciada uma pesquisa geral sobre o tema, a fim de entendê-lo amplamente, visto que será tratado durante o projeto. Então, define-se um problema que pretende ser solucionado. Para isso, as informações obtidas e analisadas precisam corroborar a existência do problema; (continua)

II	Componentes do Problema	Após a primeira etapa, é necessário definir as características específicas do problema, como público-alvo, delimitação do escopo e do projeto. Além dos requisitos e objetivos buscados. Sendo isto o resultado da pesquisa bibliográfica feita previamente, culminando na definição do problema;
III	Coleta de Dados	Nesta etapa serão feitas pesquisas exploratórias a partir dos resultados da etapa anterior. Será necessário, então, coletar toda informação pertinente ao problema a partir de três principais fontes: pesquisa bibliográfica, questionário e entrevistas com o público-alvo;
IV	Análise de Dados	A partir de todas as informações obtidas, será feita uma síntese e análise da mesma. Dessa forma, é possível identificar padrões e propostas similares a solução do problema. Portanto, o reconhecimento de pontos a serem seguidos ou não no projeto, além de soluções ainda não exploradas, se tornam viáveis. Além disso, serão listados os principais temas a serem representados, assim como na metodologia de Abdullah e Hübner. Também deverá ser feito a representação dos temas elencados com imagens;
V	Criatividade e Materiais	A partir da definição do problema e todas as informações adquiridas e analisadas, é possível iniciar a concepção da solução pela conceituação. Além das sub-etapas 3, 5 à 13 de Abdullah e Hübner, descritas anteriormente, técnicas como a execução de painéis semânticos e <i>brainstorming</i> serão utilizadas para o desenvolvimento de alternativas;
VI	Experimentação	Após o desenvolvimento das alternativas, é preciso analisar e verificar se estas se comportam como o esperado, se possuem o desempenho desejado e se são realmente replicáveis, de fácil reconhecimento e identificação;
VII	Modelo	Concluída a etapa anterior, é preciso comparar os resultados obtidos e escolher a solução mais adequada para a solução do problema de projeto, levando em conta todos os requisitos definidos em etapas anteriores. Ferramentas como Matriz de Mudge e QFD são uma possibilidade para auxiliar a escolha da melhor alternativa;
VIII	Verificação	Logo que escolhida a solução mais adequada, é necessário um teste com os usuários finais para a verificação de sua real efetividade, em relação à inclusão à diversidade e a sua identificação, além de apurar possíveis equívocos e melhorias que devem ser levados em consideração, caso seja necessária a realização de ajustes;
IX	Desenho Construtivo e Disponibilização	Após todos os ajustes feitos, o projeto é finalizado. É necessário o fechamento dos arquivos finais, além da definição das especificações em relação ao modo e aos locais de aplicação da família de pictogramas desenvolvida e a disponibilização online e gratuita dos mesmos. (conclusão)

Fonte: A autora, 2022.

É possível perceber a mescla entre ambas metodologias referenciadas anteriormente e o acréscimo de algumas ferramentas, com destaque para a etapa de Coleta de Dados. Este período passa a possuir um ponto de contato com o usuário, que não foi apresentado em nenhuma das metodologias precursoras, com a finalidade de trazer as pessoas mais próximas do desenvolvimento do projeto, além do momento de Verificação. É importante ressaltar que, assim como afirmado por Panizza (2004) sobre a metodologia apresentada por Munari, o quadro exposto serve como um caminho

metodológico que, provavelmente, sofrerá alterações, idas e vindas entre as etapas propostas até encontrar a solução para o problema inicial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento do presente trabalho serão abordados quatro tópicos principais neste capítulo da Fundamentação Teórica. Primeiramente, questões sobre Gênero e Representatividade serão explicitadas, seguidas por Signos e Pictogramas e seus aspectos, e pelas informações reunidas sobre Design Inclusivo, finalizando com o tópico de Sanitários Públicos: Limitações e Oportunidades.

2.1. GÊNERO E REPRESENTATIVIDADE

Como descrito anteriormente, gênero é um conceito construído socialmente, que a professora de sociologia da Universidade de Bristol, Harriet Bradley, descreve como sendo arranjos variados e complexos entre homens e mulheres, englobando a organização da reprodução, as divisões sexuais do trabalho e a definição cultural de feminilidade e masculinidade (WOLICKI, 2015). Atualmente, este conceito se expandiu para incluir pessoas com gêneros não normativos, transgêneros, pangêneros e cisgêneros (conceitos descritos no Quadro 3), visto que é um termo complexo que leva em consideração múltiplos fatores e visões sobre gêneros e seus papéis através da história, como Wolicki (2015) afirma.

Quadro 3 - Conceitos sobre Gênero

NOMENCLATURA	DEFINIÇÃO
Cisgênero	"Indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer" (REIS, 2018, p. 27).
Gêneros não normativos	A cisnormatividade espera que as pessoas se identifiquem como homens ou mulheres, caso tenham sido designadas como do sexo masculino ou do sexo feminino, respectivamente, fazendo a associação entre o sexo biológico e identidade de gênero, sendo ela imutável durante a vida (DE PONTES; DA SILVA, 2018). Portanto, pessoas que não se identificam com o sexo designado a elas em seu nascimento, se reconhecem com gêneros não normativos.
Transgênero	Termo guarda-chuva para designar pessoas cuja identidade e/ou expressão de gênero diferem do sexo que foi designado ao seu nascimento (GLAAD, 2016).
Pangênero	"Identidade de gênero não-binária de pessoas trans. É uma experiência de gênero que se refere a uma enorme e diversa multiplicidade de gêneros que pode se estender ao infinito, porém sempre dentro da cultura e experiência de vida da pessoa" (UFRGS, 2020).

Fonte: A autora, 2022.

Wolicki (2015) ainda traz que o conceito é construído através de vários aspectos sociais, indo desde a linguagem até coloração das roupas e penteados. Entretanto, como já explicado, por mais que a identidade de gênero seja uma auto percepção, a sociedade acaba situando uma pessoa, até mesmo antes do seu nascimento, por conta de exames médicos como o ultrassom e a sexagem fetal, em uma categoria demográfica entre feminino e masculino, por conta de seu sexo biológico. Esta divisão dicotômica é uma realidade trazida pelos europeus no Período Colonial, visto que, até a tomada da América do Norte por povos estrangeiros, não existia um padrão de gênero entre os grupos étnicos, mas uma "multiplicidade de gêneros, não estabelecendo um como regra e nem transformando outros em anormalidade ou algo a ser evitado" (PEREIRA, 2019).

Diferentemente da sociedade ocidental, que estabelece como regra apenas dois gêneros (o feminino e o masculino), de acordo com a plataforma digital *Indian Country Today*, comunidades nativas norte-americanas reconheciam ambos, além dos gêneros feminino de dois espíritos, masculino de dois espíritos e transgênero. Os indígenas que possuíam características femininas e masculinas simultaneamente eram considerados superdotados, possuindo a capacidade de entender ambos lados de qualquer situação (PEREIRA, 2019). Ou seja, além de reconhecerem 5 gêneros distintos, ainda admitiam uma certa superioridade àquelas pessoas que se identificavam com a feminilidade e masculinidade ao mesmo tempo, evento marginalizado na sociedade atual.

Entretanto, por mais que a diversidade de gêneros ainda não seja a regra social, o surgimento de novas nomenclaturas e reconhecimentos de múltiplas identidades é um grande avanço. Hoje, o Manual de Comunicação LGBTI+, publicado em 2018, apresenta várias identidades de gênero, sendo algumas delas agênero, cisgênero, gênero fluído, não-binário, transexual, transgênero e travesti. Todavia, por mais que este Trabalho de Conclusão de Curso se baseia na pluralidade de conceitos identitários, o mesmo não tem como objetivo definir e explicar cada identidade de gênero existente, visto que as nomenclaturas e definições estão constantemente em evolução. Mas, ainda assim, é possível afirmar que esta multiplicidade de conceitos promove uma maior representatividade e identificação para pessoas que se sentem desprezadas pelo binarismo imposto pela sociedade.

Wolicki (2015) afirma que o gênero pode impactar diretamente como as pessoas cortam seus cabelos, se vestem e como vivem suas vidas. Todavia, estereótipos de gênero, que parecem ser benignos, podem limitar a visão que a pessoa tem da sua própria percepção de valor e potencial. Ou seja, ao reforçarmos o binarismo de gênero para grandes massas, sendo através de mídias digitais, impressas ou por atitudes cotidianas, a falta de representatividade da diversidade acaba limitando as possibilidades que uma pessoa, que não consegue se visualizar nos

extremos dos gêneros normativos, tem para tomar suas decisões de vida. Dessa forma, designers precisam tomar consciência de que, ao desenvolver um projeto, é necessário entender alguns signos que podem perpetuar ideias obsoletas referentes ao assunto.

2.2. SIGNOS E PICTOGRAMAS

Visto anteriormente a necessidade de compreender o impacto que signos têm na sociedade, é preciso entender sobre a ciência que os estuda, além de suas definições e categorias. O tópico também visa apresentar alguns signos que se relacionam diretamente com as questões de identidade e expressão de gênero.

2.2.1. Semiótica

Constatado, então, que gêneros são construções sociais e a importância sobre o entendimento de como mensagens estereotipadas podem influenciar a vida das pessoas através de reproduções visuais e verbais; é preciso entender como objetos são percebidos e lidos. Para tal, se faz necessário que este item do presente trabalho seja voltado para definir e explicar um pouco sobre a Semiótica e alguns de seus conceitos.

Para de Barros e Café (2012), a Semiótica é a ciência que estuda todos os signos e seus processos de significação naturais e culturais. Santaella (1983) diz que a "Semiótica pode ser entendida como a ciência de todas as linguagens possíveis", visto que considera qualquer fenômeno como um "sistema sógnico de produção de sentido" (SANTAELLA, 1983, apud DE BARROS; CAFÉ, 2012, p. 20). Dessa forma, entende-se que é a ciência geral de todas as linguagens visuais, escritas ou verbais, pois analisa todos os sistemas de comunicações presentes numa sociedade (SEMIÓTICA, 2022).

Peirce (1995, p. 29) então concebe Semiótica como sendo "a ciência das leis necessárias gerais dos Signos e, especialmente, dos Símbolos", sendo este o autor mais importante quando se fala de Semiótica moderna (1995, apud DE BARROS; CAFÉ, 2012, p. 22). Em seus estudos sobre esta ciência, Peirce afirma que todas as ideias são fenômenos semióticos e desenvolveu três categorias universais que tem o objetivo de englobar todos estes fenômenos: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade (1995, apud DE BARROS; CAFÉ, 2012, p. 22-23):

- a. Primeiridade: é a tomada de consciência sobre algo, sem reconhecimento ou análise, "é a primeira forma vaga e imprecisa, uma impressão imediata e indeterminada de apreensão das coisas";
- b. Secundidade: a partir desse momento é feita a comparação entre a realidade e a experiência no contexto inserido;
- c. Terceiridade: é a "consciência sintética, reunindo tempo, sentido de aprendizado, pensamento".

A compreensão do mundo pela humanidade, segundo Peirce, é feita a partir de uma representação que é reconhecida por outra representação, sendo a segunda a interpretante da primeira, e assim por diante. O autor afirma que um signo é algo que representa algo para alguém, e Fidalgo e Gradim corroboram sustentando que um signo é "tudo aquilo que pode servir para identificar uma coisa, no sentido de a distinguir das demais" (FIDALGO; GRADIM, 2005, p. 10). Dessa forma, de Barros e Café afirmam que

para que algo seja um signo, é necessário que represente alguma outra coisa - seu objeto -, o signo dirige-se a alguém e cria na mente dessa pessoa outro signo equivalente, o interpretante. Assim, o signo existe em uma relação triádica entre objeto, signo e interpretante (DE BARROS; CAFÉ, 2012, p. 23).

Entretanto, estas definições, para Eco (1991), eram muito genéricas e o autor desenvolveu duas teorias da ciência denominadas "Teoria dos códigos" e "Teoria da produção signica". Sendo a primeira o embasamento para o desenvolvimento do processo de produção da significação, visto que só existe um sistema de conceitos e códigos, caso exista uma convenção social que possibilite a concepção de significados (1991, apud DE BARROS; CAFÉ, 2012), ou seja, signo é tudo o que, em razão de uma convenção social previamente estabelecida, pode ser tomado como algo diferente (ABDULLAH; HÜBNER, 2006). Dessa forma Eco exemplifica:

A fumaça funciona como signo para o fogo desde que exista uma convenção social precedente que associe a fumaça ao fogo, mas se o fogo e a fumaça forem percebidos no mesmo momento, a fumaça já não funciona como signo do fogo (1991, apud DE BARROS; CAFÉ, 2012, p. 25).

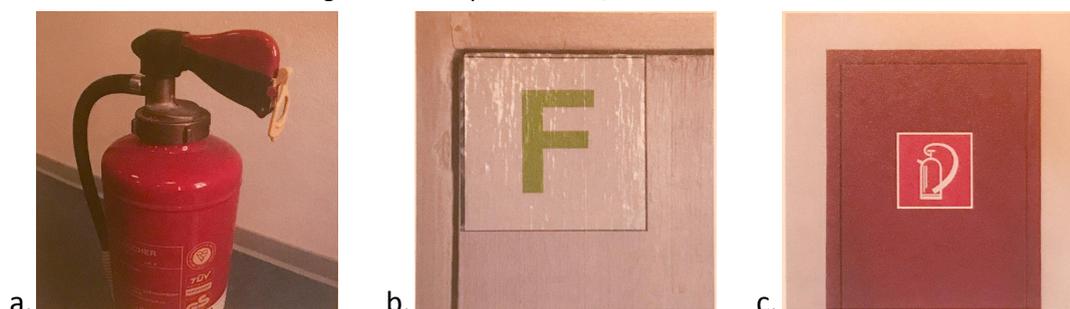
Dessa forma, entendido que o significado de um signo vem a partir de uma associação construída social e previamente, é necessário entender e definir alguns tipos de signos que irão construir o andamento do projeto. Por mais que existam diversos tipos de classificações, como sintomas, índices e nomes, por exemplo, o presente trabalho vai se atentar a definir, principalmente, os conceitos de ícones, símbolos e índices a partir dos trabalhos das duas duplas de autores Fidalgo e Gradim (2005) e Abdullah e Hübner (2006):

- a. Ícones: são signos que possuem uma semelhança metafórica entre o significante e o significado, ou seja, um ícone adere a identidade pela imitação do seu significante e representa a si mesmo. Na Figura 3, a fotografia reproduz com todos os detalhes um extintor de incêndio, tornando-se um ícone do mesmo.
- b. Símbolos: são signos que não possuem uma semelhança ou proximidade com o objeto representado, havendo uma associação convencional, sendo ela intencional. Dessa forma, para a comunicação da informação ser eficiente e clara, é preciso que quem está comunicando e quem está

decodificando a mensagem estejam de acordo sobre o significado do símbolo. A letra "F" não tem uma associação visual direta ao extintor de incêndio, sendo, portanto, um símbolo, na Figura 3.

- c. Índices: são signos descritos como indicadores do que designa, ou seja, possuem relação direta com o espaço e o tempo, podendo ser visualizados a partir de símbolos. O pictograma possui uma conexão espacial, sendo ele fixado na porta que abriga o extintor de incêndio (Figura 3), sem esta relação com o espaço, ele seria apenas um ícone com certo grau de abstração.

Figura 3 - Exemplo de ícone, símbolo e índice



Fonte: Abdullah e Hübner, 2006.

Sendo assim, é possível compreender, a partir dos argumentos supracitados, que tanto gêneros e signos são concepções socialmente construídas. Visto que significados podem ser modificados dependendo do contexto, sendo que o significado de uma imagem é construído a partir da subjetividade individual e coletiva, por exemplo (SALKELD, 2014). Logo, se faz necessário uma análise sobre como os signos de gêneros podem influenciar no desenvolvimento do projeto.

2.2.1.1. Signos de gênero

Com o passar dos anos, as concepções sociais sobre conceitos evoluem, regridem ou apenas se modificam, realidade que impacta diretamente nos significados de signos construídos. Desta forma, este item tem como objetivo explicitar algumas das modificações de percepções socialmente construídas que possuem relação direta aos papéis de gênero.

Dentro do binarismo de gênero, é possível encontrar signos que reforçam este ideal, dentre eles estão presentes as cores. Desde que uma criança começa a ser gerada por sua progenitora, a pergunta que mais à fazem é sobre o sexo do bebê por familiares, conhecidos ou até atendentes de lojas. Este último grupo, ao fazer este tipo de pergunta, possui um objeto: levar a pessoa que está comprando algo para a futura criança para a seção de meninos ou de meninas, sendo esta divisão explicitada a partir da utilização das cores azul e rosa para cada sexo, respectivamente. "Rosa é para meninas e azul para meninos" (CLAIR, 2017, p. 115, tradução da Autora).

Todavia, segundo Kassia St Clair (2017), esta separação só foi apresentada à sociedade no meio do século XX, visto que em apenas algumas gerações anteriores a situação era oposta, uma vez que o *the New York Times* publicou um artigo dizendo que a norma era sempre dar itens cor de rosa aos meninos e azul às meninas, em 1893. Não se sabe ao certo o porquê desta normatização social, mas um artigo comercial, publicado em 1918, afirma que a regra, que era geralmente aceita, possui esta divisão, visto que rosa era uma cor mais decidida e forte, uma vez que trazia a ideia de ser apenas um vermelho desbotado, enquanto o azul era considerado mais delicado e suave, sendo associado à figura religiosa da Virgem Maria, tornando-se este o argumento mais próximo de uma real explicação (CLAIR, 2017). Ou seja, é possível perceber que a ideia sexista de que pessoas do sexo feminino eram mais frágeis se mostrava, também, a partir das cores que essas pessoas deveriam usar para se encaixarem nas normas sociais.

Esta separação como é conhecida atualmente surgiu em meados de 1940, quando pesquisas de mercado nos Estados Unidos sugeriram que o rosa deveria servir para objetos voltados ao mercado feminino e que o azul ao masculino, sendo a geração "*baby boom*"² a primeira que seguiu esta divisão (PATER, 2019). Em 2005, o fotógrafo coreano, Jeongmee Yoon, apresentou à sociedade o "*The Pink & Blue Project*" [O Projeto Rosa e Azul], que escracha este ideal de gênero a partir de imagens que trazem crianças com seus pertences em sua volta (Figura 4). Entretanto, segundo Pater (2019), antes disso, crianças de até dois anos de ambos sexos usavam roupas brancas, por serem mais fáceis de lavar, e Clair (2017) complementa que a ideia de diferenciar os gêneros das crianças através das roupas que usavam era vista como estranha.

Figura 4 - *SeoWoo and Her Pink Things 2006* e *Jake and His Blue Things 2006*



Fonte: Jeongmee Yoon, 2006.

Esta construção social que é imposta pela sociedade a crianças tão novas, desde seu nascimento, a partir de estereótipos visuais, resulta em uma consciência artificial de gênero (PATER, 2019). "Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e

² "Os *Baby Boomers* são os nascidos entre 1945 e 1964. O termo, em inglês, se refere ao *boom* demográfico ocorrido nos Estados Unidos durante esse período" (MARIA, 2020).

feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias" (LOURO, 2009, p. 84, apud NASCIMENTO, 2018, p. 64). Dessa forma, a autora ressalta "a importância dos processos e práticas discursivas que fazem os aspectos dos corpos serem ferramentas para as definições de gêneros e de sexualidade, e, conseqüentemente, definidores dos sujeitos" (NASCIMENTO, 2018, p. 65).

Sendo assim, é possível entender que da mesma forma que signos de gêneros impactam a vida individual e em sociedade, a recíproca também é verdadeira. Ou seja, o imaginário popular possui interferência direta em como esses signos são percebidos. Logo, é possível intuir que se uma mudança de comportamento social é visada, os signos que reforçam estereótipos e ideias obsoletas também devem ser alterados. Sendo assim, não há dúvidas de que pictogramas que carregam conceitos estereotipados devem ser alterados, objetivando uma mudança cultural, e por consequência, se tem a necessidade da apresentação da definição deste tipo de representação imagética.

2.2.2. Pictogramas

Como já descrito anteriormente, este trabalho pretende desenvolver uma família de pictogramas inclusiva para ser aplicada nas indicações de sanitários de uso público. Para isso, é importante que seja definido, então, o conceito de pictograma para o desenvolvimento do projeto, visto que diversos autores trazem definições próprias e diferentes.

Para o economista e filósofo Otto Neurath, um pictograma é um elemento de um sistema de validade absoluta (ABDULLAH; HÜBNER, 2006), tanto que ao desenvolver a ISOTYPE (*The International System of Typographic Pictures*), acreditava estar comunicando de maneira neutra e objetiva informações a um público multilíngue (PATER, 2019). Neurath (1936) dizia que "figuras cujos detalhes são claros a todos estão livres das limitações da linguagem: são internacionais" (NEURATH, 1936, apud PATER, 2019, p. 130). Corroborando com a definição apresentada pela AIGA (*American Institute of Graphic Arts*) que define pictogramas como sendo "um exemplo de como designers com um senso da dimensão pública podem resolver uma necessidade universal de comunicação" (PATER, 2019, p. 137).

Ambas definições trazem a possibilidade da mensagem ser entendida por uma população globalizada, o que faz com que o espectador possua um papel ativo neste processo de comunicação. Uma vez que, segundo Wolicki (2015), além da pessoa que o desenhou, o receptor da mensagem possui um papel essencial neste trabalho, já que decide o que a figura está, de fato, comunicando. Dependendo da cultura e da linguagem, a interpretação visual dos pictogramas pode variar, visto que pessoas de todas as partes do mundo podem o interpretar com diferentes significados, sendo eles

alinhados com as expectativas do designer ou não (WOLICKI, 2015). Desta forma um pictograma precisa passar uma mensagem, mas, para isso, ela precisa ser entendida corretamente por quem a recebe.

Abdullah e Hübner (2006) relatam que a percepção de Otl Aicher, designer gráfico e co-fundador da Faculdade de Design de Ulm, sobre pictogramas é de que eles deveriam ter o caráter de um signo e não ser uma ilustração. Ainda segundo os autores, Herbert W. Kapitzki estabelece que um pictograma é um signo icônico que retrata o caráter do que está sendo representado e, por meio da abstração, assume sua qualidade de signo, o que vai ao encontro da opinião de Aicher. Ou seja, ambos autores acreditavam que um pictograma assume um novo significado a partir da apropriação do conceito de signo e, dessa forma, consegue passar uma mensagem a partir de uma representação visual para o público.

Dessa maneira, sintetizando as ideias supracitadas, Abdullah e Hübner (2006) definem pictogramas como signos icônicos que representam fatos complexos, não por meio de palavras ou sons, mas por meio de portadores visuais de significado. Acrescentam ainda que devem possuir o objetivo de comunicar rápida e claramente sem a utilização de linguagens ou palavras, buscando um entendimento mais abrangente. Sendo este o conceito a ser seguido no presente trabalho.

2.2.2.1. Uma breve história

Uma vez que se tem o entendimento sobre a definição do que é um pictograma, é possível, então, compreender a sua história. Sendo assim, este capítulo tem por objetivo apresentar o processo evolucionário destes signos icônicos até os tempos atuais.

Por mais que pictogramas sejam uma invenção da sociedade moderna, eles têm suas origens atreladas às representações ilustrativas desde os tempos das antigas civilizações. É possível encontrar evidências de que os primeiros signos pictóricos são datados de 30.000 A.C. Entretanto, acredita-se que estas representações não possuíam o objetivo de comunicar algo e, dessa forma, não seria possível classificá-las como sendo pictogramas (ABDULLAH; HÜBNER, 2006), mas são um pontapé inicial para o seu desenvolvimento.

Durante a história, pode-se encontrar diversas formas de comunicação através de símbolos e representações visuais, como são os casos dos Hieróglifos (Figura 5) no Antigo Egito, e os brasões (Figura 6) na Era Medieval. Todavia, ambas ocorrências também não podem ser definidas como pictogramas. Visto que a primeira necessita que o leitor possua conhecimento prévio da cultura para a mensagem ser decodificada e entendida, por mais que, segundo Abdullah e Hübner (2006), os símbolos assumissem significados complexos além do apresentado e reconhecido pela imagem (um requisito para se encaixar na definição). E a segunda também falha em relação a

neutralidade cultural, além do alto nível de detalhamento e sendo seu principal objetivo a representação e não um meio de comunicação.

Figura 5 - Hieróglifos



Fonte: Abdullah e Hübner, 2006.

Figura 6 - Brasão Medieval



Fonte: Abdullah e Hübner, 2006.

O aparecimento de signos pictóricos que mais se aproximam com a definição atual de pictogramas data dos Tempos Modernos com o surgimento de "*vignettes*" (Figura 7). Abdullah e Hübner (2006) afirmam que estes elementos gráficos eram originalmente usados apenas como ornamentos, mas que ao se difundirem por conta da invenção da imprensa, passaram a representar significados religiosos, festivais, os meses, as estações do ano, dentre outros. Uma das diferenças entre eles e os pictogramas atuais seria a sua decodificação se assemelhando mais a um ícone, que a de um símbolo.

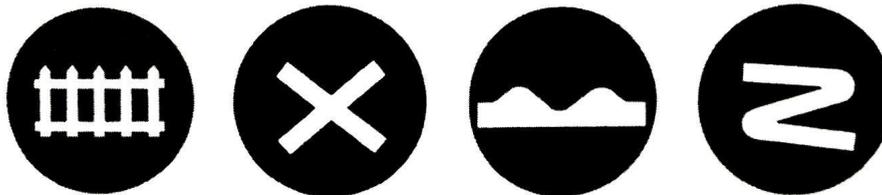
Figura 7 - *Vignettes*



Fonte: Abdullah e Hübner, 2006.

Um dos principais fatores para o surgimento dos pictogramas, como são conhecidos atualmente, foi o rápido desenvolvimento global da tecnologia e do transporte no início do século XX. As demandas de comunicação mudaram com a invenção e popularidade dos automóveis, além da construção de vias para os mesmos. Visando lidar com esta nova realidade, um acordo internacional foi assinado por diversos países, em Paris em 1909, para a utilização de pictogramas em placas de trânsito (Figura 8) (ABDULLAH; HÜBNER, 2006).

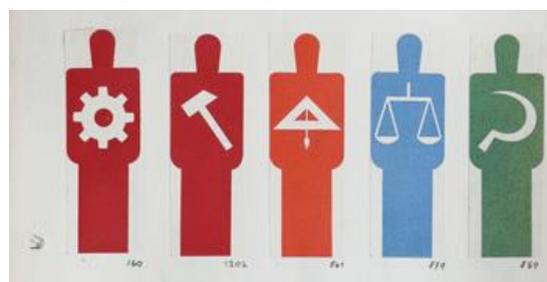
Figura 8 - Pictogramas para a sinalização de trânsito de 1909



Fonte: Abdullah e Hübner, 2006.

Nos anos de 1920, Otto Neurath tornou-se o diretor do *Social and Economic Museum*, em Viena, o qual possuía o objetivo de comunicar as políticas de reforma em habitação, saúde e educação para o público em geral (WOLICKI, 2015). Sendo assim, o filósofo austríaco, com Rudolf Carnap e Charles Morris, desenvolveram uma forma visual e simplificada de comunicar as estatísticas e informações para que o público lembrasse do que havia visto: um dicionário visual chamado de ISOTYPE (Figura 9). Nele continha mais de 4 mil símbolos desenhados para representar informações e que pudessem ser entendidos independente da linguagem ou cultura. Entretanto, é preciso frisar o fato de que a ISOTYPE foi uma invenção europeia do período colonial, dessa forma, por mais que a intenção dos autores fosse o desenvolvimento de uma linguagem neutra e objetiva, ela representava padrões e estereótipos colonialistas (PATER, 2019). Por possuírem alta qualidade técnica e consistência, tiveram forte influência no design de ícones e de informação nas décadas seguintes, o que acabou perpetuando estes padrões europeus.

Figura 9 - Pictogramas do ISOTYPE



Fonte: *Isotype revisited*³.

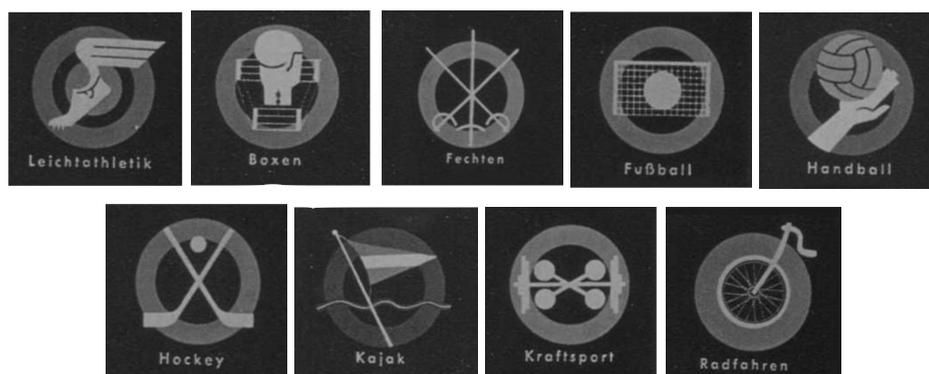
³ Disponível em: <<https://isotyperevisited.org/2009/09/isotype-picture-dictionary-1.php>>. Acesso em 30 de abril de 2022.

Além do desenvolvimento da família de pictogramas, Neurath e os artistas gráficos Tschinkel e Bernath desenvolveram uma tese sobre como se dá o entendimento de um pictograma a partir de três fases. Nela, os autores explicam que no Primeiro Olhar as qualidades mais importantes do objeto são percebidas; no Segundo Olhar, as qualidades menos importantes; e no Terceiro Olhar, detalhes adicionais são finalmente notados (ABDULLAH; HÜBNER, 2006). Dessa forma, Abdullah e Hübner (2006, p. 21, tradução da Autora) afirmam que é possível identificar o início do pensamento científico para o desenvolvimento de pictogramas, visto que Neurath declarava que "o designer gráfico moderno deveria sacrificar sua própria individualidade em favor do assunto que ele estava tentando transmitir".

A partir deste momento, uma nova era global inicia-se e torna-se responsável pela ampliação das relações entre povos, nações e culturas distintas: a era da globalização. Neste período são apresentados novos desafios para a comunicação eficiente, visto que aeroportos cresceram, tanto em quantidade quanto de tamanho, assim como eventos que atraíam grandes públicos, como é o caso dos Jogos Olímpicos.

Em 1936, nos Jogos Olímpicos de Berlim, foi apresentado ao mundo o primeiro sistema de pictogramas padronizados desenvolvidos para ilustrar cada modalidade esportiva dos Jogos (Figura 10). Entretanto, foi só em 1964, nos Jogos Olímpicos de Tokyo, que Yoshiro Yamashita criou a primeira referência para o desenvolvimento do conceito moderno de pictogramas (ABDULLAH; HÜBNER, 2006) ao desenhar uma família de símbolos para o evento (Figura 11). Ele foi responsável pela ideia de utilizar imagens padronizadas e abstratas para comunicar fatos aos visitantes, incluindo os esportes e informações gerais (WOLICKI, 2015).

Figura 10 - Pictogramas Jogos Olímpicos de Berlim em 1936



Fonte: Olympic Museum⁴.

⁴ Disponível em: <<https://www.olympic-museum.de/pictograms/symbols1936.php>>. Acesso em: 21 de abril de 2022

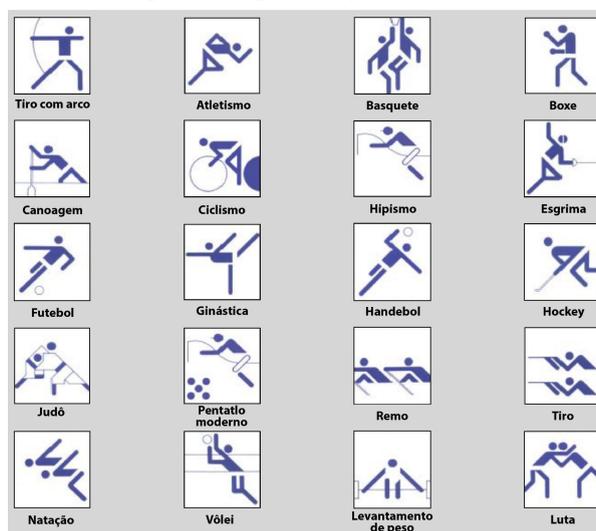
Figura 11 - Pictogramas Jogos Olímpicos de Tokyo em 1964



Fonte: Olympic Museum⁵.

Entretanto, quem foi creditado pela criação do estilo visual dos pictogramas com o qual estamos familiarizados, foi o designer gráfico Otl Aicher, uma vez que coordenou o desenvolvimento dos pictogramas para os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972 (Figura 12) (WOLICKI, 2015). Por mais que ambos sistemas sejam visualmente semelhantes, Wolicki afirma que o desenvolvido por Aicher é geralmente reconhecido como o modelo a ser seguido para os pictogramas modernos, por incorporar o uso de grades construtivas e formas geométricas básicas simplificadas.

Figura 12 - Pictogramas Jogos Olímpicos de Munique em 1972



Fonte: Olympic Museum (adaptado pela Autora)⁶.

⁵ Disponível em: <<https://www.olympic-museum.de/pictograms/olympic-games-pictograms-1964.php>>. Acesso em: 21 de abril de 2022

⁶ Disponível em: <<https://www.olympic-museum.de/pictograms/olympic-games-pictograms-1972.php>>. Acesso em: 21 de abril de 2022

Do outro lado do oceano, em 1974, a *American Institute of Graphic Arts* (Instituição Americana de Artes Gráficas) (AIGA) e o Departamento de Transporte dos Estados Unidos (D.O.T.) se juntaram para criar um conjunto de pictogramas que ilustrasse as inúmeras situações em uma viagem (WOLICKI, 2015) e que pudesse ser utilizado em todas as redes de transporte público, incluindo rodoviário, ferroviário, aéreo e marítimo (MIJKSENAAR, 2021). Isto se fez necessário pelo fato de que pictogramas são essenciais para o transporte, visto os diferentes cenários possíveis e que são precisos de comunicar a todos. Tanto que, em 1980, a *The International Organization for Standardization* (Organização Internacional de Normalização) (ISO) lançou a primeira versão da ISO:7001 que fornecia símbolos padrões para serem usados em sistemas de informações públicos.

Além do transporte, outra área que necessitava de pictogramas específicos era a área da saúde. Em 2003, a *Society for Experiential Graphic Designs* (Sociedade de Design Gráfico Experiencial) (SEGD) desenvolveu uma família para cumprir com esta demanda. Assim, a utilização de pictogramas para transporte e saúde se espalhou pelos Estados Unidos (WOLICKI, 2015).

Segundo Wolicki (2015), pictogramas se tornaram uma linguagem universal, a qual reduz a linguagem ao mínimo possível com a finalidade de comunicar algo. Todavia, eles não comunicam apenas a mensagem desejada. Assim, como foi almejado por Neurath durante a criação da ISOTYPE, os pictogramas pretendem uma neutralidade na comunicação, mas acabam expressando crenças culturais e estereótipos, como é o caso da representação visual de gêneros, por exemplo. É necessário que designers tomem consciência sobre as suas decisões projetuais estarem ou não perpetuando estereótipos de gênero ao desenvolver desenhos de novos pictogramas.

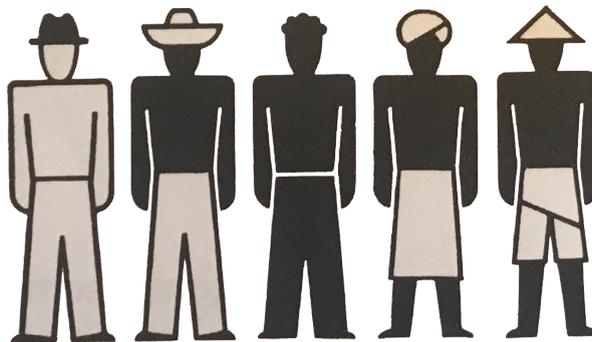
2.2.2.2. Gênero nos pictogramas

Com a sua origem ligada ao processo de impressão, a palavra estereótipo, atualmente, se refere a idéias depreciativas e simplificadas sobre raça, gênero e etnia, que são repetidas inúmeras vezes em uma cultura sem o mínimo de esforço para a compreensão de seu significado, assim como as chapas de impressão, que originaram o termo, eram usadas repetidamente (LUPTON et al., 2021). De acordo com o Gabinete do Alto Comissariado para os Direitos Humanos das Nações Unidas, um estereótipo de gênero é danoso quando limita a capacidade das pessoas desenvolverem suas habilidades pessoais, seguirem seus planos profissionais e fazerem escolhas sobre suas vidas. Uma pessoa pode ser injustamente julgada ou criticada por conta do seu gênero e os estereótipos que ele carrega (WOLICKI, 2015).

Segundo a autora, Maggie Wolicki (2015), por mais que Neurath quisesse representar as nações igualmente, o filósofo não viu outra maneira de não se apoiar

em estereótipos culturais que permitiriam o espectador diferenciar os grupos apresentados, ao desenvolver a ISOTYPE. Nela, as "raças foram reduzidas a cinco (Figura 13), com a branca em primeiro lugar e as não brancas como secundárias, retratadas como figuras escuras, sem camisa, com trajes tradicionais" (PATER, 2019, p. 131), reforçando o estereótipo colonialista e eurocentrista. Além de ser possível identificar que, nas ilustrações referentes a crimes (Figura 14), a figura masculina performa tanto a pessoa que faz o ato violento, quanto àquela que o repreende, sendo o criminoso e o policial, enquanto a figura feminina desempenha o papel de "dama em perigo", possuindo uma função passiva na representação (WOLICKI, 2015), trazendo à tona o conceito da mulher ser mais frágil que o homem.

Figura 13 - Representação das raças na ISOTYPE



Fonte: Pater, 2019.

Figura 14 - Representação de crimes na ISOTYPE



Fonte: Wolicki, 2015.

Este papel secundário, de um ator passivo, performado pela figura feminina também é implícito pela falta de representação visual nos pictogramas. Este fato é perceptível na família de símbolos desenvolvidos por Yamashita para os Jogos Olímpicos de Tokyo, em 1964, visto que o pictograma de uma atleta mulher não aparece em nenhum dos pictogramas criados para ilustrar as categorias da competição. A figura feminina ficou restrita apenas à representação de atleta feminina, teatro e sanitário feminino, como é ilustrado nas Figura 15 e Figura 16.

Figura 15 - Pictogramas de atleta feminina e teatro para as Olimpíadas de Tokyo de 1964



Fonte: Página do Flickr⁷.

Figura 16 - Pictograma de sanitário feminino para as Olimpíadas de Tokyo de 1964



Fonte: MIJKSENAAR, 2021.

A falta de representação visual feminina se dá pelo fato de que a sociedade enxerga a figura masculina como sendo a regra, e a feminina, a exceção. Segundo Pater (2019), o ícone masculino é usado tanto para uma pessoa do sexo masculino como para uma de gênero neutro, enquanto a figura feminina é usada apenas para o sexo feminino. Esta falsa suposição de um padrão branco, masculino e heterossexual é identificado pela feminista negra, Audre Lorde, como sendo a norma mítica (LUPTON et al., 2021).

Esta tendência de usar o masculino como sendo uma imagem neutra é baseada na linguagem verbal, afirma Wolicki (2015). A autora diz que certas linguagens, como o espanhol e o português, aplicam o gênero em substantivos com a colocação do "o" para masculino e "a" para feminino no final das palavras, e por mais que algumas frases possam ser construídas a partir de uma linguagem neutra, as pessoas ainda preferem utilizar o termo masculino como padrão, a exemplo do uso do termo "homem" ao invés de "humanidade". Desta forma, um pictograma masculino, que normalmente é utilizado para representar pessoas, pode ser entendido como um homem dependendo do contexto em que o espectador estiver recebendo a mensagem (WOLICKI, 2015).

Uma campanha feita em 2007, em Viena, buscava inverter os estereótipos de gênero na sinalização da cidade: *Wien sieht's anders* [Viena enxerga diferente]. Símbolos que antes eram representados pela figura masculina passaram a mostrar a feminina e vice-versa, como é o caso da sinalização de saída e a de obras, como é visto

⁷ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/50749457@N02/7653741078>>. Acesso em: 21 de abril de 2022

na Figura 17. Entretanto, segundo Pater (2019, p. 138), alguns espectadores argumentaram que "ao dar ênfase excessiva às características femininas no sinal de obras na estrada, acabou-se criando uma nova caricatura da mulher".

Figura 17 - Wien sieht's anders

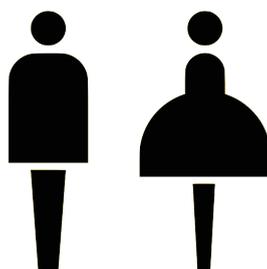


Fonte: STANDARD, 2007⁸.

Lupton et al. (2021) afirma que a sociedade ocidental define certos indivíduos e comunidades como sendo a média e o comum, enquanto todo o resto é considerado algo diferente. Esta exclusão de parte da sociedade a partir de uma "norma" resulta em variados graus de opressão e iniquidade, podendo parecer invisíveis a quem se enquadra no padrão - normalmente branco e masculino -, mas escrachados no rosto dos excluídos pelo mesmo. Um dos exemplos em que esta exclusão de parte da população é feita por conta de uma representação visual que está dentro da "norma" é a sinalização da separação de banheiros por sexos das pessoas que os utilizam.

A criação de pictogramas para designar banheiros femininos e masculinos se iniciou com o sistema criado para os Jogos Olímpicos de Tokyo, o qual trazia o binarismo representado por um homem e uma mulher sendo sinônimos dos respectivos sanitários (Figura 18). Esta forma de identificação e indicação dos ambientes continuou presente no sistema informacional desenvolvido por Aicher, que para designar sanitários acrescentou uma linha entre as figuras feminina e masculina (Figura 19). Forma que mais se assemelha à utilizada atualmente.

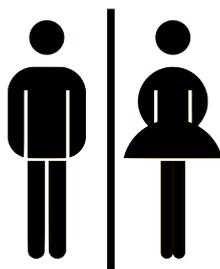
Figura 18 - Pictogramas para banheiros masculino e feminino para as Olimpíadas de Tokyo 1964



Fonte: MIJKSENAAR, 2021.

⁸ Disponível em: <<https://www.derstandard.at/story/2695627/ansichtssache-wien-siehts-anders>>. Acesso em: 21 de abril de 2022

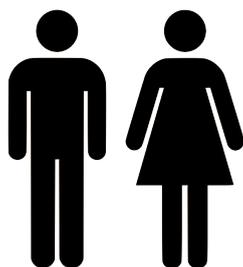
Figura 19 - Pictogramas para banheiros masculino e feminino para as Olimpíadas de Munique 1972



Fonte: MIJKSENAAR, 2021.

Desde a criação dos pictogramas para os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, até os dias atuais, não houveram mudanças significativas em relação à separação dos banheiros e a sua representação visual a partir de pictogramas. A figura feminina, que passou a significar "banheiro feminino", é representada a partir da abstração de uma figura humana e a utilização de um vestido ou saia, ou até o acentuamento da cintura e quadris, buscando uma diferenciação entre a figura masculina; que é retratada com uma forma mais reta e com a divisão entre as pernas mais nítida, como é ilustrado na Figura 20.

Figura 20 - Pictogramas para banheiros masculino e feminino



Fonte: MIJKSENAAR, 2021.

É importante ressaltar que, em 1990, mesmo após uma nova versão da ISO:7001 ser lançada, trazendo o símbolo de um vaso sanitário (Figura 21) para indicar os banheiros, a sociedade adotou como padrão a utilização das figuras masculinas e femininas com esta mesma finalidade. Esta falta de adoção do novo símbolo pode ser atribuída ao fato de que o sistema desenvolvido pela ISO deve ser adquirido, ao contrário do criado pela AIGA em parceria com a D.O.T, que é disponibilizado gratuitamente (MIJKSENAAR, 2021).

Figura 21 - Pictograma de vaso sanitário lançado pela ISO 1990



Fonte: MIJKSENAAR, 2021.

Contudo, por mais que os desenhos dos pictogramas padrões não tenham sofrido grandes alterações, a sociedade que eles tentam representar sofreu. Enquanto os símbolos utilizados para ilustrar a separação binária entre os banheiros ainda reforçam padrões e expectativas de conduta criadas socialmente, a visão sobre gênero, papéis sociais, identidade e expressão evoluíram. Em 2008, uma escola na Tailândia introduziu banheiros para estudantes transgênero e apresentou um novo pictograma, que ainda faz menção à forma já utilizada, mas sendo ele metade menino e metade menina (Figura 22). Esta pode ser a versão mais antiga de um pictograma que, nos dias atuais, é utilizado para representar banheiros públicos para todos os gêneros (MIJKSENAAR, 2021).

Figura 22 - Pictograma de escola na Tailândia



Fonte: MIJKSENAAR, 2021.

A partir desse movimento, nos anos de 2010, banheiros multigênero são introduzidos e, por conta da falta de uma padronização internacional, é deixado nas mãos das organizações responsáveis pela sinalização de espaços a escolha de como identificar estes ambientes. O resultado disso é um grande arranjo entre terminologias e pictogramas, sendo a mais comum a figura humana "metade homem, metade mulher" (Figura 23) e o termo "*gender-neutral*" [gênero neutro] (MIJKSENAAR, 2021).

Figura 23 - Pictograma de *gender neutral*



Fonte: MIJKSENAAR, 2021.

Apesar disto, por mais que o novo símbolo tente representar uma maior diversidade e inclusão, ele ainda reforça o binarismo de gênero trazendo as figuras feminina e masculina representadas pela metade. Em 2014, Sam Killermann escreveu um artigo criticando este novo pictograma e ofereceu uma solução que acreditava ser

melhor: a figura de um vaso sanitário; como já havia sido apresentado em 1990 na segunda versão da ISO:7001.

Até o presente momento, não existe um padrão universal para pictogramas e terminologias para banheiros multigênero, mas muitos designers e companhias estão buscando possíveis soluções para esta demanda, assim como o presente trabalho. É preciso, então, ter consciência de que, por se tratar de um assunto que visa a inclusão à diversidade de gênero, o trabalho acaba se enquadrando na categoria de design social e, por isso, deve tomar algumas precauções para poder ser desenvolvido da melhor e mais responsável maneira.

2.3.DESIGN SOCIAL

Em função dos tópicos supracitados, se faz necessária a apresentação da definição de design social e algumas diferenças entre o conceito deste com o de design com foco mercadológico. Segundo a pesquisadora Pazmino (2007), o design para a sociedade consiste no desenvolvimento de produtos voltados para o atendimento de necessidades específicas de cidadãos que normalmente se vêem marginalizados por conta de quesitos sociais, econômicos e culturais. Ou seja, o design social implica na atuação em áreas que a indústria não possui tanto interesse, mas que resultam em melhorias na qualidade de vida, renda e inclusão social (PAZMINO, 2007). A autora ainda afirma que, para se enquadrar nesta definição, o produto desenvolvido deve ser tanto socialmente benéfico, quanto economicamente viável.

Vale ressaltar que esta ideia de um design mais consciente e social surgiu nos anos 1970. No primeiro ano desta década, Papanek publicou seu livro "*Design for the Real World*" (Design para o Mundo Real), no qual mostrava um caminho alternativo ao designer para o desenvolvimento de produtos, trazendo o foco no indivíduo e na sociedade, ao invés de almejar o mercado. Despertando a atuação dos profissionais voltados para causas sociais. Outro autor que possuía visões semelhantes a de Papanek, era Gui Bonsiepe, que acreditava no afastamento da utilização do design como ferramenta promotora do consumismo e na sua aproximação a grupos sociais mais vulneráveis, excluídos e discriminados (URIARTT, 2014).

Desta forma, é possível entender que enquanto o design formal é voltado para o mercado e visa um maior público, o social, em contrapartida, é voltado para as minorias. Pazmino (2007, p. 4) ainda apresenta em sua pesquisa uma tabela que evidencia as diferenças entre as duas áreas, mostrando que enquanto o "design formal tem a inovação e a estética como seus valores principais, um design social exige do designer novas qualidades e maiores cuidados", como a utilização da tecnologia mais adequada, e não a mais nova; do foco na produção em pequena escala, ao contrário da produção em massa; e a atenção voltada para a inclusão social, ao invés da satisfação de necessidades simbólicas, entre outras.

Entretanto, os três autores apresentados (Pazmino, Papanek e Bonsiepe) possuem o foco na produção de objetos, enquanto o presente projeto se baseia na atuação do designer gráfico e visual voltado para a sociedade. Jorge Frascara aborda a relação entre o design gráfico e o design social em seu livro "*Diseño Grafico para la Gente*" (Design Gráfico para as Pessoas) de 2000. Na obra, é ressaltada a "urgência de profissionais de comunicação que se dediquem a temas relevantes sociais e, que assim, promovam por meio de suas habilidades o bem-estar e a qualidade de vida" como explicado por Uriartt (2014, p. 36).

A partir da última afirmação é possível, então, fazer um paralelo entre a definição de design social apresentada por Pazmino e o que Frascara destaca em sua obra. Ambos acreditam que o design para a sociedade deve resultar em um produto, sendo ele físico ou gráfico, que melhore a qualidade de vida de quem irá usufruir-lo. Frascara ainda apresenta:

O design de comunicação visual lida com a construção de mensagens visuais com o propósito de afetar o conhecimento, as atitudes e o comportamento das pessoas. Uma comunicação surge porque alguém quis transformar uma realidade existente em uma realidade desejada (FRASCARA, 2000, p. 5, tradução da Autora).

Para tal transformação, o autor destaca que os designers devem reconhecer as situações sociais em que estão inseridos e, a partir disso, tomar decisões conscientes para definir o futuro da profissão. Além disso, o autor traz exemplos de projetos voltados para a sociedade que designers gráficos poderiam atuar, como a melhoria da legibilidade de bulas de remédio, por exemplo, visto que são os produtos simples do cotidiano que mais impactam na qualidade de vida das pessoas, quando necessitam do seu redesenho visual.

Outra definição trazida por Lupton et al. (2021) é de que o design social inclusivo deve ser um processo colaborativo. Dessa forma, o presente trabalho se enquadra em todas as definições de design social apresentadas pelos autores e autoras. Além disso, é considerado um produto de uso cotidiano, visto que o ser humano necessita utilizar o banheiro todos os dias e, como apresentado em itens anteriores, uma parcela da população acaba sendo impactada negativamente pela falta de acesso a estes locais. Ademais, o processo metodológico conta com etapas colaborativas com o público.

Sendo assim, como um projeto de design social, o trabalho necessita tomar certas precauções em relação às responsabilidades da profissão e o seu papel social. Dessa forma, Frascara (2000) explicita, em sua obra, quatro áreas relacionadas às diferentes responsabilidades:

- a. Responsabilidade profissional: é a responsabilidade do designer criar uma mensagem que seja entendível, distinta, atraente e convincente;
- b. Responsabilidade ética: é a criação de mensagens que apoiem os valores humanos básicos;
- c. Responsabilidade social: é a produção de mensagens que tragam uma contribuição positiva para a sociedade ou, ao menos, não contribuam negativamente, e;
- d. Responsabilidade cultural: é a criação de objetos visuais que contribuam para o desenvolvimento cultural além dos objetivos operacionais do projeto.

2.3.1. A responsabilidade social do designer

Segundo o Código de Ética Profissional do Designer Gráfico, o profissional deve sempre visar a contribuição para o desenvolvimento do país, procurando aperfeiçoar a qualidade das mensagens visuais e do ambiente brasileiro (ADG BRASIL, 2005). Além disso, Frascara (2000) relata que para que o designer gráfico possua um posicionamento ético na comunicação, é necessário que o receptor da mensagem seja considerado um ser humano, ao contrário de um objeto. O autor substitui os termos "emissor" e "receptor" por "produtores" e "intérpretes", por carregarem mais informações contextuais em relação à história, sociedade e aos seus desejos e valores.

Uriartt (2014) afirma que o designer gráfico tem a escolha de assumir entre os dois tipos de posicionamentos, um frente às oportunidades do mercado de consumo e outro às necessidades sociais. Enquanto o primeiro trabalha dentro do contexto de consumo favorável já criado pelas demais marcas, nem sempre se vê a necessidade de possuir um conhecimento muito aprofundado sobre o público-alvo, uma vez que o principal objetivo é atrair novos consumidores e diferenciar o produto entre os semelhantes. Entretanto, quando o profissional de design visa a mudança do comportamento de um grupo de pessoas, através da comunicação, é necessário um estudo minucioso do grupo específico que se pretende atingir (FRASCARA, 2000). Sendo assim, nestas situações, o autor sugere o oferecimento de um benefício para que tal comportamento ocorra, afirmando que o valor da troca da atitude atual por uma mais desejável é encorajado.

Uriartt (2014, p. 38) ainda afirma que a "comunicação por si só não é capaz de resolver problemas sociais para que tal transformação ocorra, é necessário que ações sejam tomadas pela comunidade, a indústria e governo". Tendo em vista a complexidade de alguns problemas sociais, é preciso que a comunicação seja elaborada de forma coerente ao contexto cultural em que o projeto será inserido, assim como deter recursos econômicos e apoio institucional para cumprir seus

objetivos, visto que uma comunicação sozinha não muda o comportamento do indivíduo (URIARTT, 2014). Sendo assim, o projeto deve se adequar, principalmente, às limitações arquitetônicas e do imaginário popular, sendo ambos já explicados em itens anteriores, e ficar disponível gratuitamente para projetos futuros, visando uma maior adesão da comunidade aos novos pictogramas desenvolvidos, além da acessibilidade econômica. Desta forma, se faz necessário entender mais sobre os ambientes para quais o trabalho presente busca projetar - os sanitários públicos - visando o aprofundamento sobre o contexto cultural que o projeto está inserido.

2.4. SANITÁRIOS PÚBLICOS: LIMITAÇÕES E OPORTUNIDADES

Este item propõe discorrer sobre questões que englobam os sanitários públicos. Sendo assim, tópicos sobre sua história, as consequências sobre as suas divisões, e questões sobre suas limitações serão abordadas, além das possíveis oportunidades a serem vislumbradas.

2.4.1. História e contexto da separação por gênero

Para modificar a representação visual de um ambiente, é necessário entender a sua história e o que levou a sociedade a considerar o que são e o que esperar dos sanitários públicos. Ao procurarmos a definição de banheiro no dicionário, o ambiente nos é apresentado como sendo “um aposento com todo o aparelhamento de banho e aposento com vaso sanitário” (Ferreira, 1985, p. 229), conferindo ao espaço tanto a função de higiene pessoal, quanto a de eliminação de resíduos corporais (DELABRIDA, 2010). Entretanto, esta definição só começa a ser válida a partir do século XIX, quando os banheiros começaram a tomar a forma conhecida atualmente.

Em povos antigos, como os egípcios e romanos, um espaço para realizar as suas necessidades já era concebido, visto que o primeiro grupo construía banheiros dentro de pirâmides, visando uma eternidade mais agradável aos seus faraós (2007, apud DELABRIDA, 2010). Já para os antigos romanos, as latrinas comunitárias, além de possuírem a função de um ambiente para a evacuação, eram espaços compartilhados entre homens e mulheres, podendo acomodar até 50 pessoas simultaneamente, o que conferia também uma função social ao ambiente (MIJKSENAAR, 2021). Este comportamento também era visto pelos turcos e, posteriormente, finlandeses e russos, que consideravam o banheiro e a sauna locais de socialização (2018, apud CERVI et al., 2019).

Com a Idade Média veio a abominação dos banheiros públicos pela Igreja, os hábitos de higiene foram descartados, o que, posteriormente, resultou nas epidemias avassaladoras da época (DELABRIDA, 2010). Tanto em países europeus, quanto no Brasil colônia, os excrementos, que eram feitos em latrinas ou em penicos, pelos mais privilegiados, eram descartados nas ruas sem qualquer preocupação com a saúde pública, limpeza das ruas ou cuidado com o meio ambiente.

A retomada, então, dos hábitos de higiene pessoal ocorreu apenas a partir do século XVIII, tanto que, em 1775, Alexander Cunnings desenvolveu um sifão para vasos sanitários, visando a redução de odores. John Harrington foi o inventor do vaso sanitário em 1575, mas o seu uso era destinado exclusivamente à rainha Elizabeth I (DELABRIDA, 2010). Em 1800, a primeira banheira foi produzida, nos Estados Unidos, e o penico medieval vinha sendo utilizado como principal objeto nos banheiros, e somente após a criação do "vaso pedestal" com descarga conectada aos encanamentos, por George Jennings, em 1884, o conceito de privada como conhecemos hoje foi inventado e disseminado mundialmente. Segundo Delabrida (2010), a partir deste invento é que o banheiro começou a ser incorporado nas residências como um cômodo desejado.

Entretanto, esta realidade só chegou ao Brasil depois do século XIX, uma vez que, desde o início da sua colonização, as casas populares e as ocupadas pela família real não possuíam uma "sala de banho" nem um recinto para as necessidades fisiológicas. A partir da influência do hábito de higiene corporal norte-americano, e o surgimento de um novo padrão do cômodo, com chuveiro, vaso sanitário e banheira, que o ambiente se tornou presente no país (DELABRIDA, 2010).

A partir desta época, "a ciência passou a ditar as regras, as questões sanitárias ganharam importância e foram se tornando também uma forma de diferenciação social" (DELABRIDA, 2010, p. 12). No século seguinte, houve uma melhora significativa na qualidade de vida nas cidades, com água encanada, saneamento básico e mudanças culturais, culminando em uma sociedade mais limpa e presumidamente mais saudável (DELABRIDA, 2010).

Cervi et al. (2019) afirma que os banheiros públicos surgiram graças à urbanização, industrialização e espaços voltados para a socialização, a partir do início do século XX no Brasil. Para os autores:

O banheiro começou a ser um local de preparo para a exposição pública e, no caso dos públicos, além de seus usos higiênicos, espaço para verificar a aparência. O banheiro tornou-se o camarim do teatro social, respondendo e, ao mesmo tempo, contribuindo para a crescente autoconsciência corporal (CERVI et al., 2019, p. 345).

Diferentemente da realidade dos Estados Unidos, que possuíam leis segregacionistas nos anos 1960, as divisões brasileiras, por mais que não fossem formalizadas ou legalizadas, possuem marcas perceptíveis de raça, classe e gênero, estando o último presente em toda parte como um dos definidores espaciais, como afirmam os autores Cervi et al. (2019). Ainda completam que a associação histórica da mulher com a vida privada e os homens com a pública, "materializada no binômio casa-rua, até na forma menos visível, mas não menos poderosa, com que o gênero estrutura os banheiros públicos" (CERVI et al., 2019, p. 344). Ou seja, por mais que a

sociedade não perceba, questões sobre gênero estão espalhadas pelo cotidiano e possuem grande influência na convivência social.

Além da função de eliminação de resíduos corporais, os sanitários públicos são construídos arquitetonicamente, em sua maioria, para que haja o encontro de estranhos, dessa forma, não há estranhamento ao dizer que, no início, este ambiente viria a ser dividido conforme a dicotomia entre homens e mulheres (CERVI et al., 2019). Entretanto, Kogan (2007) já afirmava que esta separação se fez valer por conta do pensamento de que era necessário proteger a mulher da esfera pública, que era muito masculina. Dessa maneira, quando as mulheres adentraram os espaço industrial, a divisão entre feminino e masculino surgiu (e como dito anteriormente, se tornou esperada), mas a configuração de ambos banheiros serem próximos um do outro foi uma conquista feminina, sendo depois regulamentada, visto que anteriormente os banheiros possuíam uma grande distância entre si (CERVI et al., 2019).

Todavia, as realidades atuais são outras, e uma configuração arquitetônica que foi antes uma conquista, hoje passa a ser reavaliada, uma vez que a binariedade dos sanitários acaba impondo e disseminando ideais de gênero obsoletos (CERVI et al., 2019). É importante ressaltar que os autores explicam que aparatos legais e simbólicos acabam regulamentando o uso dos banheiros públicos, em relação ao fluxo de pessoas, e que essa avaliação tendia a separação de possíveis contatos. Sendo assim, a "segregação de gênero, aparentemente, buscava evitar os contatos sexuais, mas terminou por erotizar os sanitários, especialmente os masculinos", visto que, na década de 70, os encontros sexuais entre homens nos banheiros públicos foram vastamente documentados (CERVI et al., 2019, p. 346).

Em meados do século XXI, os ambientes dos banheiros públicos começaram a ter novas demandas de inclusão para pessoas com deficiências, pessoas com crianças menores e bebês, tendo também que se adaptar a pessoas de baixa estatura, obesas e ostomizadas, por exemplo (CERVI et al., 2019). Agora, é possível enxergar uma nova demanda que coloca em evidência o binarismo de gênero imposto, além de todo o sofrimento de pessoas que não se enxergam nos extremos dele. Dessa forma, é necessário entender mais a fundo as consequências que esta separação acarreta em vidas alheias.

2.4.1.2. Consequências da separação por gênero

Natt et al. afirma que, segundo Mendes (2011, apud NATT et al., 2015), os espaços sociais são construídos historicamente por meio das gerações, visando o perpetuamento de regras, tradições e costumes sociais que são considerados mais adequados às normas criadas pela sociedade em questão. Dessa forma, por mais que um banheiro pudesse ser considerado apenas um ambiente funcional, caso tivesse somente a função de descarte de resíduos corporais, foi construída uma função social

desde o início da história do cômodo, sendo ele suscetível a normas que atravessaram diversas gerações.

Entretanto, como dito em itens anteriores, as normas amplamente difundidas, já não refletem os desejos das novas gerações e a realidade da sociedade atual, visto que acabam tendo um papel segregacionista. Uma vez que, segundo Pater (2019), se os padrões criados não se aplicam a você, então você não é considerado uma pessoa "normal", quando falamos de padrões de design. Eles já foram muito úteis no passado, para a produção em massa, mas acabam criando um senso de verdade absoluta equivocado, visto que eles projetam uma visão binária de gênero, que ignora o quão múltipla a sociedade é (PATER, 2019). Sendo este padrão binário, amplamente difundido e esperado quando o assunto é o sanitário público.

É importante ressaltar que a sociedade em si é estruturada a partir desta dicotomia de gênero e os sanitários são resultantes desta configuração. Bento (2017) corrobora argumentos supracitados quando afirma que a segregação urinária imposta pela escolha entre os extremos binários tem consequências terríveis a pessoas trans:

Em todos os relatos das pessoas trans, a vivência na escola, principalmente no que se refere à utilização do banheiro, é marcada pelo sofrimento. Quatro ou cinco horas segurando a vontade de ir ao banheiro. Mulheres trans expulsas dos banheiros femininos. Expulsões de homens trans dos banheiros masculinos (BENTO, 2017, p. 342).

Esta realidade foi retratada na terceira temporada da série *Sex Education*⁹ (2021): os desafios que uma pessoa não-binária enfrenta na hora de utilizar um banheiro ou vestiário no ambiente escolar. No primeiro episódio, já é mostrado que a personagem utiliza um banheiro abandonado para poder se trocar e utilizar as roupas que se sente mais confortável, entretanto, com a destruição do lugar, logo no final do mesmo episódio, a personagem se vê obrigada a utilizar os banheiros regulares da escola. No segundo episódio já nos é mostrado o desconforto causado por terceiros a partir de risadas, olhares e comentários em relação ao seu corpo, sendo mais tarde explicitado pela personagem que ela preferia se trocar em um ambiente diferente justamente por querer evitar possíveis comentários maldosos.

Outra mídia que retrata as consequências da divisão binária dos banheiros é o documentário brasileiro *Transversais*¹⁰ (2021), o qual acompanha cinco pessoas no estado do Ceará que possuem uma coisa em comum: a transexualidade. Faltando vinte minutos para o documentário acabar, nos é apresentado o fato de que uma das personagens, que é uma adolescente, foi expulsa do colégio por conta do uso dos banheiros. O caso iniciou quando a direção pediu aos pais da estudante que ela utilizasse o banheiro da coordenação, enquanto a escola se adequasse e estudasse

⁹ disponível na plataforma de *streaming* Netflix.

¹⁰ disponível na plataforma de *streaming* Netflix.

possibilidades para incluir a estudante passando pela transição, mas que no fim deste período ela poderia utilizar o banheiro feminino estudantil. Era esperado da escola uma mudança no tratamento e o acréscimo do nome social no sistema da instituição, ou seja, a validação da identidade da adolescente, mas a escola não atendeu às expectativas da família. O nome masculino não foi retirado da chamada e ela ainda estava sendo impedida de utilizar o banheiro feminino junto com as outras estudantes. Sua mãe relata no documentário a frustração e indignação da filha:

Mãe, toda vida. Toda vida. Tem professor que esquece e me chama [pelo nome masculino] na frente da sala todinha, eu fico tão constrangida. Poxa, eu estou fazendo de tudo para que as pessoas entendam que eu estou neste processo já de transição, e eles ficam o tempo inteiro reafirmando o nome masculino. Me fazendo usar o banheiro da coordenação. Eu não sou funcionária. Todos os alunos da escola usam os banheiros dos alunos, por que só eu sou segregada do resto? (TRANSVERSAIS, 2021).

A partir deste relato de sua filha, a mulher conversa com a coordenação para explicar que a menina não estava contente com as atitudes da instituição. Em resposta, a coordenação decidiu pela expulsão da aluna.

Ambas produções corroboram dados preocupantes sobre a experiência de pessoas trans e não-binárias nos ambientes escolares. A *2015 U.S. Transgender Survey* mostrou que 17% dos respondentes que já se identificavam como transgênero, ou que eram percebidos como tal, deixaram a escola por conta da gravidade do tratamento desrespeitoso. Este número aumenta quando falamos de mulheres trans (22%), pessoas negras (22%) e multirraciais (21%), e mais do que dobra quando falamos de pessoas de povos nativos-americanos (39%) e pessoas vindas do Oriente Médio (36%). A pesquisa também traz o dado que 6% dos respondentes deste mesmo grupo foram expulsos de suas escolas. O documento conclui o capítulo dizendo que a maioria das pessoas que já se identificavam como transgênero, ou que eram percebidas como tal, tiveram experiências desagradáveis no ambiente escolar e elas estavam correlacionadas a variadas consequências negativas como alta taxa de tentativa de suicídio, falta de moradia e grave sofrimento psicológico (JAMES et al. 2016).

Sampaio (2015) afirma que a cultura brasileira define o uso dos banheiros públicos por meio da investigação inicial para a identificação do sexo da pessoa, podendo traduzir este comportamento pela busca da genitália individual, visto que esta parte corpórea é percebida como um fundamento biológico para a definição do gênero, concepção já revogada anteriormente com as definições de gênero apresentadas. Além disso, após a falta de sucesso na investigação, a expressão de gênero passa a ser avaliada para determinar o fluxo de pessoas dentro dos banheiros públicos (SAMPAIO, 2015). Dessa forma, a sociedade reforça o binarismo de gênero ao definir que o sucesso de uma pessoa transgênero é validado quando ela consegue "se

passar" com o gênero que ela se identifica (LUPTON et al, 2021) e, conseqüentemente, invalidando a identidade de todos aqueles que não possuem uma alta passabilidade¹¹.

Em contrapartida, é possível observar a criação de banheiros específicos para pessoas que se identificam como parte da comunidade LGBTQIAPN +. Entretanto, é necessário um olhar mais aprofundado sobre este movimento para entender as possíveis repercussões sociais que esta realidade pode causar.

2.4.2. Limitações entre inclusão e segregação

Segundo Natt et al. (2015) a criação de um terceiro banheiro para o público LGBTQIAPN + já é uma realidade que vem sendo apresentada em bares, restaurantes, quadras de samba e até em feiras agropecuárias. Entretanto, logo na introdução do artigo, os autores já adiantam que este ato acaba por propagar a segregação, mesmo que este não fosse o seu objetivo inicial. "Dizer que há um lugar exclusivo para a comunidade LGBT é o mesmo que dizer que essas pessoas não são como as demais e, portanto, precisam ser excluídas dos ambientes comuns aos heterossexuais" (NATT et al, 2015, p. 33). Ou seja, cada solução projetada deve possuir um cuidado redobrado, visto que pode se configurar em uma violência simbólica mascarada por "boas intenções" (NATT et al, 2015).

O documento relata alguns exemplos desta realidade, sendo um deles a criação do terceiro banheiro em uma escola de samba, no Rio de Janeiro em 2011. Os idealizadores argumentam dizendo que a demanda da criação desse novo espaço surgiu do próprio público que iria frequentar e que não se sentia confortável ao utilizar os banheiros normativos, sendo a ideia principal evitar comentários e constrangimentos ao grupo que pediu o terceiro banheiro (NATT et al, 2015). Entretanto, na reportagem de Bastos (2011), o então presidente do Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT do Rio de Janeiro afirmou que isto seria uma "sinalização seríssima de preconceito" que poderia até levar à violação dos direitos humanos (BASTOS, 2011). Natt et al. continuam dizendo que o ativista "acreditava que não se deveria separar para evitar o incômodo, mas sim construir espaços em que as diferenças sejam aceitas e respeitadas" e que este tipo de atitude poderia intensificar os efeitos do preconceito (NATT et al, 2015, p. 38).

Em outro evento, realizado no estado do Acre, também foi disponibilizado um terceiro banheiro, mas logo sendo repudiado pelo presidente da Associação de Homossexuais do Acre (AHAC). O qual denunciou esta atitude como sendo uma forma de ridicularizar a diversidade, além de condenar qualquer forma de homofobia internalizada (NATT et al, 2015). Corroborando as falas do presidente da AHAC, Marino

¹¹ O termo passabilidade se refere ao "desenvolvimento de contornos e traços corporais que, no limite, garantem a possibilidade de uma pessoa ser reconhecida como cisgênera" (DE PONTES; DA SILVA, 2018, p. 403).

(2012) aponta que esta realidade alimentaria o estigma e discriminação, além de acreditar que os espaços deveriam ser os mesmos independente da sua orientação sexual ou gênero, sendo de responsabilidade da pessoa escolher o banheiro mais confortável para ela, e o Estado deveria promover a conscientização, aceitação e respeito à diversidade (2012, apud NATT et al, 2015). Os autores ainda completam que:

O momento em que vivemos demonstra que a insistência para a criação desses espaços de segregação constitui-se como uma construção histórica que visa disseminar regras e costumes sociais entendidos por alguns – que detém algum tipo de poder – como os mais adequados em nome de uma ordem ilusória (NATT et. al, 2015, p. 41).

Dessa forma, é possível compreender que, por mais que a intenção seja a de atender e acolher um público, a criação de um banheiro voltado para pessoas que se entendem pertencentes à comunidade LGBTQIAPN + reforça a ideia de que existem dois gêneros "normais" e "os outros". Ou seja, fortalece ainda mais a dicotomia de gênero imposta pela sociedade. Além disso, fica claro que uma das respostas para a diminuição de possíveis casos de desconforto e desrespeito perante a comunidade que não se enxerga nos extremos do binarismo não é a segregação da mesma, mas um movimento voltado para os possíveis agressores, que visa a educação e, até mesmo, punição em determinados casos. Sendo assim, é preciso analisar o contexto e vislumbrar possíveis oportunidades que estes ambientes escondem, visando a inclusão à diversidade.

2.4.3. Oportunidades

Ao questionarmos como trazer a inclusão aos sanitários públicos, é possível enxergar três possíveis caminhos, sendo o primeiro voltado mais ao espaço arquitetônico, ou seja, que objetiva uma mudança espacial. Já o segundo, o qual abrange políticas públicas de conscientização, tende a mudança de mentalidades obsoletas através de um viés educacional. E o terceiro, sendo a forma como esses ambientes são identificados e representados visualmente na sociedade, buscando uma transformação sobre as associações imagéticas feitas e, conseqüentemente, sobre o imaginário popular. Todos possuem relevância e por isso serão analisados visando explicitar a importância do caminho que este trabalho decidiu seguir: o terceiro, sendo voltado para a representação visual.

Em itens supracitados, já foi explicitado que a criação de um terceiro banheiro pode resultar em uma grande controvérsia que explora os limites entre a inclusão e a discriminação social (NATT et. al, 2015). Entretanto, não é possível afirmar com toda certeza se este tipo de solução deve ser descartada desde já, visto que ela pode ser bem quista por uma parcela de seus usuários - como foi identificado nas entrevistas com o público, e que serão abordadas mais tarde no texto. Mas é necessário ressaltar

que para que ela seja viável, é preciso um investimento financeiro alto para adequar construções já estabelecidas neste possível novo padrão.

Dessa forma, outras possíveis soluções que visam findar o binarismo de gênero imposto pela sociedade é ou a unificação dos banheiros ditos femininos e masculinos em um único ambiente público e aberto, criando um espaço em que todas as pessoas sejam bem-vindas, independente do sexo, identidade e expressão de gênero. Ou a retirada desta divisão, tornando-os em banheiros acessíveis a todos e trazendo modificações internas que visam a igualdade, tanto através da acessibilidade a pessoas com deficiência, quanto a adição de fraldários em ambos espaços, além de um balanço entre os números de vasos sanitários e mictórios presentes em cada um. Sendo outras soluções que, novamente, necessitam de uma aplicação monetária, inviabilizando a replicação da solução em contextos e instituições com menos capital.

Ao analisarmos, então, o segundo caminho, que parte por uma corrente educacional, é possível vislumbrar diversas soluções, desde campanhas publicitárias, a palestras ministradas em eventos públicos, até à distribuição de materiais gráficos que tenham este mesmo objetivo, todos possíveis projetos a serem desenvolvidos a partir do design visual. Entretanto, são inúmeras soluções que podem necessitar de uma coordenação com órgãos públicos, instituições públicas e privadas e que visam um resultado a médio-longo prazo.

Posto isto, as possíveis soluções apresentadas, que partem do primeiro caminho citado, tendem mais para a arquitetura, impossibilitando a escolha desta direção para o projeto, visto que o presente trabalho possui o design visual como viés. Já as soluções que visam a mudança do imaginário social, por meio de políticas educacionais, pretendem mudanças sociais lentas, mas eficientes. Dessa forma, é necessário encontrar uma terceira via que unifique o trabalho de design visual, com mudanças que podem ser feitas no presente, visando uma transformação social mais rápida. Sendo assim, escolheu-se trabalhar com a representação visual do ambiente que visa trazer uma alteração mais sutil do imaginário popular, com menos atrito e mais aceitabilidade, provocando um impacto sólido e duradouro na sociedade.

Entretanto, é importante frisar que é um grande desafio projetar uma mudança para ser aceita e não provocar confusão, principalmente quando o assunto são pictogramas. Uma vez que são utilizados com o intuito de alertar, guiar e até proteger os indivíduos, eles devem, portanto, possibilitar um reconhecimento imediato e, conseqüentemente, não permitir má interpretação, além de serem reconhecíveis independente da cultura do espectador (ABDULLAH, HÜBNER, 2006). Ademais, o signo escolhido para se apropriar do significado de banheiro representa muito mais que apenas o espaço, mas crenças, preconceitos, sentidos comuns, ou seja, a cultura do ambiente em que será aplicado. Outro ponto a ser levantado é justamente a forma como a sociedade enxerga as questões de gêneros quando postos os sanitários

públicos em foco, e como as pessoas que buscam essa validação da sua identidade querem ser percebidas. Mostrando-se, assim, necessário tanto uma consulta quantitativa, quanto qualitativa para entender o real contexto em que o projeto está inserido e, inicialmente, será aplicado.

3. LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES

Uma vez que as duas primeiras etapas do processo metodológico desenvolvido para a concepção do presente projeto foram concluídas (Definição do Problema e Componentes do Problema), segue-se para a terceira: a Coleta de Dados. Esta parte da metodologia compreende o recolhimento de informações pertinentes ao projeto a partir de entrevistas com o público, visando entender com mais profundidade percepções e experiências pessoais, e do questionário preparado com o objetivo de obter um entendimento sobre o contexto a partir de um número maior de respostas.

3.1. ENTREVISTAS

Dado que o projeto a ser desenvolvido se encaixa nas definições de design social apresentadas, buscou-se a realização de entrevistas com o público, visando tornar o processo o mais colaborativo possível. Sendo assim, foram realizadas nove entrevistas com o objetivo de compreender quais as percepções e experiências de pessoas que não se enxergam dentro do binarismo normativo, quando é colocado o banheiro público e sua representação visual em foco. Posto que, por mais que sejam referenciadas diversas pesquisas e artigos trazendo relatos, um design centrado nas pessoas é sobre a escuta direta para quem se está projetando (IDEO, 2016).

As entrevistas, por abordarem um tema que pode ser considerado gatilho para traumas passados, tomaram um tom de conversa, visando deixar as pessoas entrevistadas o mais à vontade possível. Além de ser enfatizada a possibilidade da negação de qualquer resposta e interrupção completa da entrevista, caso a pessoa se sentisse minimamente desconfortável. O projeto visa uma comunicação mais representativa e inclusiva, portanto as entrevistas também deveriam ser.

Um dos objetivos desta ferramenta, além do entendimento sobre as vivências de cada um, é o descobrimento de possíveis padrões e divergências de pensamentos no que cada um acredita ser o ideal, pois, por mais que exista a possibilidade das pessoas terem passado por situações semelhantes, o modo como cada uma reagiu e pensa sobre podem ser totalmente diferentes. Posto isto, o roteiro para as entrevistas (disponível no Apêndice A) foi desenvolvido com base em um documento da Mijksenaar (2021), empresa holandesa especializada em *wayfinding design*, que traz perguntas pertinentes e que foram feitas em projetos semelhantes, sendo as questões divididas em três grupos principais (perfil, pictogramas e banheiros), mas encaixadas na conversa em momentos mais apropriados, buscando uma maior fluidez.

É importante ressaltar que, para que a entrevista tivesse um tom convidativo e acolhedor às pessoas entrevistadas, foi perguntado por quais pronomes elas preferiam ser tratadas. Dessa forma, o presente trabalho também irá respeitar cada resposta, ao trazer na grafia de algumas palavras a utilização do "e" ou "u" no final delas, à exemplo da palavra *todes* para se referir pessoas de todos os gêneros.

A seleção das pessoas entrevistadas se deu a partir de indicações por terceiros, visto que esta foi a forma mais efetiva para obtenção de pessoas interessadas para contribuir com a pesquisa. Também se buscou um contato direto entre a Autora e possíveis entrevistades, mas estas tentativas de interação não obtiveram resposta. Era quisto que fossem entrevistadas pessoas de, ao menos, duas identidades de gênero distintas, buscando uma maior representatividade. Felizmente, os participantes se identificaram como pessoas não-binárias, transgênero e/ou agênero. Ou seja, as entrevistas foram capazes de trazer a perspectiva de pessoas com diferentes identidades de gênero, atingindo o objetivo de representatividade.

O entendimento sobre padrões e possíveis divergências de pensamentos se tratando dos banheiros com gêneros designados, sanitários multigênero e pictogramas utilizados para identificar estes espaços é de extrema importância para o projeto, principalmente por estas questões serem trazidas pelo próprio público que o trabalho visa atender. Além disso, as respostas poderiam ser argumentos que confirmam ou refutam itens abordados anteriormente no trabalho.

3.1.1. Resultados das entrevistas

A primeira entrevista realizada foi com a Entrevistada 1, uma estudante de design de produto que se identifica como sendo uma pessoa não-binária e que utiliza os pronomes femininos (ela/dela) para ser tratada. Por possuir um conhecimento maior sobre design e se enquadrar no público visado, a Entrevistada 1 pôde dar contribuições valiosas à pesquisa. Ela iniciou relatando como se sentiu em uma visita ao MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), onde é possível encontrar um único banheiro que pode ser utilizado por todos os visitantes sem distinção de sexo e/ou gênero, o que a trouxe um sentimento de pertencimento. Entretanto, os pictogramas utilizados para identificar este mesmo local utilizam as representações gráficas de figuras femininas e masculinas normativas. Quando perguntada sobre o que achava dos respectivos pictogramas, ela relatou o fato da figura com calça ser lida tanto como "homem", quanto como "pessoa" e a figura com saia/vestido sempre ser lida como "mulher", trazendo a questão da norma mítica à tona. Além de levantar a hipótese de que para certas culturas esta representação da feminilidade através de uma vestimenta curta, pode não ser bem vista.

A Entrevistada 1 relata ter uma alta passabilidade, portanto, não chegou a enfrentar qualquer agressão física ou verbal, quando utilizado o banheiro feminino por

ela, mas que tem preferência pelo banheiro destinado a pessoas com deficiência (PCD) por não necessitar fazer uma escolha entre o feminino e masculino. Dessa forma, ao elencar uma prioridade entre os ambientes que ela prefere usar, em último lugar se encontra o banheiro masculino, pela falta de higiene do local. A Entrevistada 1 ainda comentou que o que causa mais incômodo são os termos "feminino e masculino" e não o pictograma que indica estes ambientes. Além disto, a estudante de design ainda levantou a questão que a criação de um terceiro banheiro vem com uma intenção boa, mas acaba segregando mais ainda, além de deixar a pessoa mais vulnerável e exposta para pessoas que podem não respeitá-la, por isso acredita que este não seria o caminho a ser seguido, corroborando com o que foi apresentado em itens anteriores.

Para a Entrevistada 2 (pessoa não-binária, de 23 anos e que utiliza os pronomes femininos) a questão do ambiente deve ser bastante considerada quando é posta a possibilidade entre a criação de um banheiro único ou da simples adição um banheiro multigênero ao local. Ela relata que, dependendo do público que frequenta o local em questão, a criação de um terceiro banheiro pode destacar e "pôr um alvo" nas costas das pessoas que se sentem confortáveis ao utilizar o banheiro multigênero para possíveis agressores. Além disso, concorda com a visão da primeira entrevistada que considera o desenvolvimento desta terceira opção uma exclusão, ao invés da inclusão visada. Entretanto, pensa que ainda sim deveriam ser oferecidos tanto banheiros femininos e masculinos, quanto multigêneros, mas com o adendo de que eles estivessem dispostos com uma distância entre os ambientes, por conta da segurança para pessoas LGBTQIAPN+. A Entrevistada 2 ainda levantou a questão que considera os banheiros públicos espaços que necessitam da reafirmação da sua identidade. Mas como possui receio pela sua segurança e não possui uma outra opção, sempre escolhe usar o banheiro feminino por estar mais familiarizada, mesmo já tendo passado por situações desconfortáveis, além de causar um sentimento de frustração por não se identificar com as pessoas com quem está compartilhando o local.

A terceira entrevista abordou alguns pontos sobre como a relação entre as pessoas e os banheiros depende muito mais dos outros, do que simplesmente o que cada um pensa sobre a sua individualidade. O Entrevistado 3 (pessoa não-binária, de 23 anos e que utiliza os pronomes masculinos, ele/dele) entende que a escolha sobre qual sanitário usar depende muito de como as pessoas ali o percebem. Como a sociedade ainda o lê como sendo um homem cisgênero, ele aproveita desta leitura por conta da segurança e utiliza comumente o banheiro masculino. Foi relatado ainda que, até o momento da entrevista, não havia passado por algum tipo de preconceito nestes ambientes, mas como iniciou um tratamento hormonal, sabia que esta realidade poderia mudar em um futuro próximo. Visto que seu objetivo com o tratamento é uma aparência mais andrógina¹². Uma vez que ele já havia presenciado agressões verbais

¹² Andrógeno é um termo genérico usado para descrever qualquer indivíduo que assuma comportamentos comuns a ambos os gêneros, masculino e feminino (BRASIL, 2016, apud REIS, 2018).

contra mulheres cisgênero, por terem sido lidas como mulheres trans por conta da sua voz e altura.

A Entrevistada 4 possuía uma preocupação bastante grande sobre a sua segurança e a das outras pessoas quando perguntada sobre a possibilidade de um banheiro multigênero. Ela, pessoa não-binária de 20 anos, que faz uso dos pronomes femininos, tem medo de utilizar o banheiro masculino e que, assim como a Entrevistada 2, acredita que a criação de banheiros sem separação de gênero em certos lugares poderia dar "liberdade" a pessoas más intencionadas, especialmente a homens cisgênero. Esta fala reflete a realidade histórica de mulheres e pessoas da comunidade LGBTQIAPN + que sofrem diariamente com violências advindas deste grupo de pessoas. Este medo é reafirmado com o fato de que dos 37 suspeitos identificados em casos de agressão contra travestis e mulheres trans em 2021, no Brasil, 32 são homens cisgênero (BENEVIDES, 2021).

Uma percepção recorrente entre os entrevistados era a visão negativa sobre a criação de um terceiro banheiro, entretanto, a Entrevistada 5 (pessoa não-binária de 24 anos, que utiliza os pronomes femininos) entende que esta terceira opção pode ser um meio para a construção de uma mentalidade social mais receptiva a banheiros sem distinção de gênero ou sexo, visto que a abolição deste espaço de forma abrupta poderia causar revolta. Ainda sugeriu que esta mudança fosse gradual, acompanhada de ações educacionais para o público, além de comunicar aos frequentadores do local sobre esta mudança visando uma maior aceitação.

Este mesmo pensamento é compartilhado pela Entrevistada 6, que se identifica como uma pessoa agênero de 25 anos e que utiliza os pronomes femininos. Crê que a terceira opção separa homens e mulheres dos diferentes, mas que é um primeiro passo para futuramente abolir qualquer segregação. Uma vez que este seria o cenário ideal e, quando encontra uma configuração semelhante à descrita, se sente acolhida, validada e segura. A Entrevistada 6 explicou que, por conta da passabilidade, utiliza o banheiro feminino e não tem coragem de utilizar o banheiro masculino pelo mesmo motivo: por ser lida como uma mulher cisgênero. Entretanto, ao fazer esta escolha, se sente desconfortável tanto com a separação quanto com a nomenclatura, visto que ela não enxerga como se pertencesse ao banheiro feminino. Sentimento compartilhado pelas Entrevistadas 1 e 2 também. Sobre os pictogramas que são usados para identificar banheiros femininos, a Entrevistada 6 entende que ele acaba reforçando estereótipos e reduz as mulheres ao uso de saias e vestidos. Esta afirmação de estereótipos também é apresentada no pictograma que vem sendo utilizado em banheiros multigênero, mas que consegue enxergar a representatividade de uma pessoa plural. Além disso, a entrevistada vê grande valor no produto a ser desenvolvido no projeto, por ser algo que é visto diariamente por tantas pessoas e que

esta nova forma de representação visual pode fazer grande diferença a quem sempre se viu invisibilizado.

A sétima entrevista foi feita com um jovem trans de 29 anos (o qual usa pronomes masculinos) que relatou ter gostado muito de ter tido a possibilidade de usar o banheiro masculino de cabine individual - ambiente com vaso sanitário e pia com acesso independente, que não proporciona interação com outras pessoas. Acredita também que mulheres têm menos problemas em utilizar um banheiro masculino que segue esta mesma configuração. O Entrevistado 8 (26 anos e que utiliza os pronomes masculinos) contou que a escolha de qual banheiro utilizar dependia do local em que estava e como as pessoas iriam reagir, assim como feito pela pessoa da terceira entrevista. Mas que utiliza mais o masculino, um ambiente menos limpo em comparação ao feminino, visto que sofria com desconfortos ao utilizar este último.

Todas estas questões sobre segurança, como as outras pessoas vão reagir com a sua presença e configuração do ambiente podem ser sintetizadas a partir da nona entrevista, visto que o Entrevistado 9 (pessoa agênero de 20 anos, que utiliza os pronomes masculinos) trouxe todos estes pontos de forma que conversasse com todas as respostas anteriores. Sobre a escolha do ambiente, comenta que é algo muito incômodo e nocivo, descrevendo o banheiro feminino como um espaço que você tem a possibilidade de sofrer menos violência que no banheiro masculino. Atrilando a escolha do sanitário com o quanto você está passível de ser vítima de transfobia. Relatou ainda um caso de um amigo dele, que se identifica como sendo homem trans, que se recusou a entrar em um banheiro masculino por conta do medo de uma possível agressão, situação que corrobora os dados apresentados em itens anteriores. Entretanto, por mais que haja agressão atualmente, entende que a criação de um novo banheiro ao lado do masculino e feminino seria outra forma de violência. Posto isto, defende a criação de banheiros mais abertos, mas com cabines privativas que promovam a discrição e privacidade da pessoa que a estiver utilizando, visando a inibição de possíveis agressores.

A partir das entrevistas, pôde-se entender a relação sanitário-pessoa e verificar padrões e divergências sobre as vivências individuais assim como era desejado. Além disso, as respostas das perguntas sobre os termos preferidos e possíveis representações visuais para indicar e identificar sanitários multigênero foram sintetizadas. Utilizando um quadro, são mostradas as principais percepções sobre cada pictograma (Quadro 4) e por meio de uma tabela são quantificadas as vezes que cada termo foi sugerido (Tabela 1).

Quadro 4 - Síntese das percepções sobre os pictogramas

PICTOGRAMAS	PERCEPÇÕES
<p>A</p> 	Informal mas a informação é adequada;
	Seria para lugares mais descontraídos e poderia ser lido como homem, mas se sinalizado que era pra <i>todes</i> daria para entender;
<p>B</p> 	Menos divertido, mas bem neutro;
	Quase um símbolo universal;
	Melhor a privada de lado; Seria talvez o mais representativo;
<p>C</p> 	Já possui a associação com banheiros;
	Estereotipado, mas mostra uma pessoa plural;
	Vestido com vento ou avental; A junção pode perpetuar uma percepção errada sobre gêneros;
<p>D</p> 	Unicórnio é algo muito fantasioso, poderia ser considerado uma piada;
	Seria mais legal em festas;
	Não agrada e necessita de um termo escrito para passar a mensagem;
	Fortalece a divisão entre pessoas e outros/criaturas; Tira a seriedade da questão, tira do propósito de ser levado a sério.

Fonte: a Autora, 2022.

Tabela 1 - Termos sugeridos

Nº DE VEZES	TERMOS SUGERIDOS
6	Banheiro
2	Banheiro Agênero / Banheiro Sem Gênero / Sanitário
1	Banheiro Multigênero / Banheiro Neutro / Banheiro Para Todes / Banheiro para Todos os Gêneros / Banheiro Universal

Fonte: a Autora, 2022.

3.2. QUESTIONÁRIO

Da mesma forma que se fez necessário um entendimento mais aprofundado sobre as relações de pessoas que não se enxergam na binaridade imposta com os sanitários, também é preciso um entendimento sobre um contexto maior. Buscando

entender esta mesma relação e as interseccionalidades envolvendo gênero, orientação sexual e banheiros públicos, foi desenvolvido um questionário online (disponível no Apêndice B), que também se baseou no documento desenvolvido pela Mijksenaar (2021), utilizando a plataforma *Google Forms*. Sendo ele compartilhado por meio de redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*, visando um público que poderia ou não se identificar com a binaridade imposta pela sociedade e recolhendo 95 respostas durante 13 dias, no período de 13 a 25 de abril de 2022 (resultados objetivos do questionário disponíveis no Apêndice C).

3.2.1. Resultados do questionário

Cerca de 61% dos respondentes se encontram na faixa etária entre os 23 e 30 anos de idade, e 32% entre 18 à 22 anos. Mais da metade das pessoas se identificam como Mulher Cisgênero (65%) e não houveram respostas de Mulheres Trans, nem de Travestis. Entretanto, por mais que o questionário não tenha atingido pessoas que se reconheciam com estas identidades trans femininas, a ferramenta cumpriu o seu objetivo, não necessitando de uma nova leva de respostas.

Ao responderem caso se sentiriam confortáveis em utilizar o banheiro feminino, os respondentes que se identificam como sendo Homens Cisgênero relatam que não se sentem completamente confortáveis, mas que quando necessário já haviam utilizado o ambiente, ou não usariam por conta do desconforto alheio que eles poderiam causar. Todavia quando Mulheres Cisgênero respondem se ficariam confortáveis ao utilizar um banheiro masculino, 83% das respostas são negativas e refletem o quão elas se sentem desconfortáveis com a situação e não como as outras pessoas perceberiam a sua presença no local. É possível intuir, então, que Mulheres Cisgênero podem possuir uma maior aversão ao banheiro dito do sexo oposto, sendo isto um resultado do histórico de violência contra a mulher, ou até mesmo por conta da higiene do ambiente. Ambas hipóteses foram levantadas pelas pessoas entrevistadas também.

Quando posto a possibilidade da utilização de um banheiro multigênero, 74% das respostas expuseram total conforto com a situação, com exceção de 3 respostas, as quais diziam que se sentiriam desconfortáveis no ambiente, sendo elas dadas por pessoas que se identificam como sendo cisgênero. Tal característica de oposição se encontra novamente quando perguntado sobre a necessidade ou não de modificação da separação dos banheiros existentes, visto que 4 respostas - advindas de pessoas que se identificam como cisgênero - não concordam com a possibilidade de modificação ou coexistência de banheiros multigênero com os que apresentam a separação entre feminino e masculino. Posto isto, por mais que o número de respostas negativas tenha sido pequeno, ele mostra que pessoas que se enxergam nos extremos do binarismo de gênero podem possuir sentimentos negativos sobre banheiros multigênero. Dessa forma, é necessário que seja desenvolvida uma solução que não possua um impacto

muito grande neste grupo de pessoas, podendo causar uma reação negativa, mas que possa despertar o interesse na possibilidade de utilização deste ambiente.

Da mesma maneira que ainda não há um consenso sobre a representação visual dos sanitários públicos de uma forma mais inclusiva, o termo que designa este mesmo espaço também não possui uma opção mais acolhedora e representativa. É preciso dizer que, atualmente, sanitários voltados para todas as pessoas existem e são chamados de unissex. Entretanto, este termo faz menção a apenas dois gêneros e não a grande diversidade existente (ASSIS; BONORA, 2021). Sendo assim, foi questionado qual seria o melhor termo para designar um banheiro para todos os gêneros, sendo a palavra "banheiro" a mais votada, detendo 40% das respostas. "Banheiro multigênero" obteve 23% dos votos e "sanitário" e "banheiro livre" empataram em terceiro lugar com 12,6% das respostas. A utilização do simples termo "banheiro" para designar o local é ainda mais defendida quando analisado que quase 70% das pessoas que não se identificam nos extremos do binarismo, a consideram como sendo a melhor opção.

Assim como feito pela Mijksenaar, foi perguntado qual seria a melhor representação gráfica que identificasse um sanitário multigênero a partir da análise das quatro opções mais vistas em projetos atuais (Figura 24). A grande maioria dos respondentes, mais de 70%, acreditam que a figura de um vaso sanitário melhor cumpre a função de indicar este local. Em contrapartida, quase 16% crê que a imagem que mostra a metade de uma figura feminina e de uma figura masculina também cumpre com este mesmo objetivo. Entretanto, esta opinião é mais vista em pessoas que se identificam como sendo cisgênero, ou seja, se enxergam dentro do binarismo apresentado no símbolo. Uma vez que, quando perguntadas as percepções em relação a este pictograma em específico, a grande maioria dos respondentes relata que ele reforça a binaridade, ou seja, não sendo representativo e podendo invisibilizar as pessoas que não se enxergam nela. Todavia, é importante ressaltar que algumas respostas trouxeram que esta solução é "bastante útil para uma sociedade que está transitando para algo mais inclusivo, mas que ainda vê muitas barreiras ideológicas".

Figura 24 - Pictogramas que podem identificar sanitários multigênero



Fonte: MIJKSENAAR, 2021, adaptação da Autora.

Para completar o questionário e inserir ainda mais o público respondente dentro do processo criativo do projeto, foi perguntado quais sugestões eles tinham que poderiam representar um banheiro multigênero. Sendo as principais respostas sintetizadas e distribuídas em grupos no Quadro 5. Proporcionando, assim, o início da listagem de possíveis temas a serem representados no final da etapa de Análise de Dados, como previsto no item de Metodologia.

Quadro 5 - Síntese das sugestões

GRUPO	SUGESTÕES
Símbolos de gênero	União dos símbolos de vênus e marte;
	Pode-se utilizar os dois símbolos de gêneros cruzados: ♀♂;
Objetos	Vaso sanitário, mictório, pia e papel higiênico;
	Símbolo que indique limpeza;
Adaptação/ união dos pictogramas atuais	Com os dois bonequinhos feminino e masculino;
	Símbolo com a figura feminina, a masculina e a que contém metade de ambas;
Elementos adicionais	Escritas como “tanto faz”;
	Cores que não são atribuídas a gêneros (branco, preto, cinza ou amarelo).

Fonte: a Autora, 2022.

4. ANÁLISE DE SIMILARES

Levantadas as informações essenciais sobre o problema, o contexto e o público, se faz necessário, então, a análise de similares. Esta ferramenta tem o intuito de servir como fonte de inspiração, além de auxiliar na decisão sobre o que o designer deve ou não fazer em seu projeto e na identificação de oportunidades de atuação. O presente trabalho dividiu a análise em três principais grupos a fim de organizá-los dependendo do contexto aplicado: Acervos Digitais, Projetos Conceituais e Projetos Aplicados.

O primeiro grupo traz análises de Acervos Digitais de pictogramas. Como o projeto visa ser acessível para ser utilizado em outros trabalhos, o resultado final deverá ser disponibilizado em alguma plataforma digital, buscando cumprir este objetivo. Dessa forma, se faz necessário verificar como outras pessoas, que disponibilizam seus trabalhos nestas plataformas, vem representando estes ambientes. Para tal, foram analisados os resultados de buscas em alguns dos principais acervos digitais: *Flaticon*, *The Noun Project* e *Freepik*.

Já o segundo grupo de similares abrange Projetos Conceituais desenvolvidos. Estes trabalhos são, normalmente, idealizados por estudantes que visam uma mudança de comportamento, mas que ainda não possuem os meios para executá-los. Sendo assim, esta categoria se assemelha bastante ao contexto do presente projeto. Os similares foram retirados da plataforma de portfólio da Adobe: o *Behance*.

O terceiro grupo, então, é composto por projetos desenvolvidos e aplicados por empresas de design. Visando uma análise de como e se há alguma mudança na forma em que elas estão indicando os sanitários para seus clientes. Os similares foram retirados de sites e redes sociais (*Instagram*) institucionais das empresas, assim como de páginas de compilação de projetos e do *Behance*. Outras fontes para este grupo de similares são o acervo pessoal da Autora e os livros *Trademarks and Symbols of the World: Pictogram and Sign Design* (1989), *Pictogram and Icon Collection: from Public Signage to Web Icons* (2008) e *Pictograms: Icons and Signs* (2006).

4.1. ACERVOS DIGITAIS

Para realizar as análises sobre os pictogramas disponíveis nos acervos digitais elencados - *Flaticon*, *The Noun Project* e *Freepik* - foi preciso listar quais termos seriam procurados nas plataformas e, visto que nem todas possuem ferramentas em português, foram utilizados os seguintes termos em inglês: "*toilet*", "*bathroom*", "*restroom*", "*all gender*", "*gender neutral*" e "*no gender*". Também foram apenas analisados os três primeiros resultados de cada expressão procurada, buscando uma igualdade entre as interfaces. É preciso ressaltar que as três plataformas escolhidas permitem o *download* gratuito dos pictogramas, mas que a atribuição do autor é necessária, quando utilizados em projetos.

A expressão "banheiro público" em português pode ser traduzida de duas formas no inglês, sendo "*toilet*" a versão no inglês britânico e "*restroom*" no inglês norte-americano. Posto isto, foi desenvolvido um quadro comparativo entre os resultados encontrados nas três plataformas digitais (Quadro 6). Os acervos *Freepik* (segunda linha) e *Flaticon* (terceira linha) não apresentaram mudanças entre os pictogramas com a troca do termo na pesquisa, ao contrário do que é visto no *The Noun Project* (primeira linha). Apenas três pictogramas não apresentam uma estrutura semelhante ao que foi desenvolvido por Aicher para os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, com a representação da figura feminina e masculina separadas por uma linha. Destes três resultados, um ainda mostra as duas figuras binárias, outro apenas a vista frontal de um vaso sanitário, e o último a figura de uma pessoa (que pode ser lida como um homem) ao lado da face lateral de um vaso sanitário. Assim fica explícito a falta de representatividade dentre os resultados encontrados, pois seguem os padrões de gênero impostos pela sociedade.

Quadro 6 - Comparação "Toilet" e "Restroom"

	Toilet			Restroom		
The Noun Project						
Freepik						
Flaticon						

Fonte: Compilação da Autora¹³, 2022.

Pensando na possibilidade da pessoa interessada no produto final (a ser desenvolvido a partir do presente trabalho) traduzir "banheiro" como "*bathroom*" (que é utilizado para mencionar o cômodo dentro de uma casa), foi feita a mesma pesquisa para verificar os resultados que seriam apresentados (Quadro 7). Diferente do quadro anterior, as figuras humanas não são a maioria encontrada, mas sim, objetos que podem fazer parte do cômodo em questão: chuveiro, pia, banheira, espelho e toalha. Outro ponto a ser analisado é o número de detalhes apresentados nestes pictogramas, principalmente naqueles que tentam representar o ambiente com um conjunto de objetos, como é visto no terceiro pictograma do *The Noun Project* e no primeiro apresentado pelo *Flaticon*.

Quadro 7 - Comparação "Bathroom"

	Bathroom		
The Noun Project			
Freepik			
Flaticon			

Fonte: Compilação da Autora¹⁴, 2022.

Por último, foram analisados os resultados encontrados quando buscadas as expressões "*no gender*", "*all gender*" e "*gender neutral*" (Quadro 8). A escolha destes termos se deu pela grande presença de projetos aplicados que utilizam estas mesmas

¹³ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites www.thenounproject.com, www.freepik.com e www.flaticon.com ao buscar os termos "*toilet*" e "*restroom*" na barra de pesquisa das plataformas.

¹⁴ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites www.thenounproject.com, www.freepik.com e www.flaticon.com ao buscar o termo "*bathroom*" na barra de pesquisa das plataformas.

expressões (como poderá ser visto no texto posteriormente). Nesta pesquisa foram encontrados pictogramas bastante diversos.

A plataforma *Freepik* não encontrou nenhum resultado para a pesquisa referente ao termo "*gender neutral*". Além disso, apresentou os mesmos pictogramas para as outras duas pesquisas, o que mostra uma lacuna a ser preenchida dentro deste acervo digital.

A plataforma *Flaticon* também não encontrou resultados para o termo "*all gender*", mas apresentou imagens bem distintas entre as outras pesquisas. Quando procurado por "*no gender*", esta plataforma buscou resultados que fazem referência à negativa do termo e trouxe uma imagem que reforça a ideia de igualdade entre homens e mulheres, ao apresentar um pictograma que equaliza o peso dos símbolos masculino e feminino em uma balança. Entretanto, os três resultados poderiam não ser bem entendidos se utilizados nos contextos de banheiro públicos, visto que ou passam a ideia de proibição e fazem da utilização da língua inglesa (falhando no critério de neutralidade cultural) (ABDULLAH; HÜBNER, 2006), ou reforçam a binaridade, apesar de não apresentarem as figuras feminina e masculina. Já na pesquisa por "*gender neutral*" é apresentado duas opções que utilizam os símbolos de gêneros combinados, sendo uma a representação da heterossexualidade e a outra de indivíduos transgênero (JESUS, 2012). Todavia, não são todas as pessoas que estão familiarizadas com estes símbolos, podendo causar confusão ao indicar os sanitários com eles. A terceira opção é a figura humana "metade feminina e metade masculina", que já foi considerada uma forma de reforçar a binaridade, algo que o presente projeto não objetiva fazer.

Quadro 8 - Comparação "*No Gender*", "*All Gender*" e "*Gender Neutral*"

	No Gender			All Gender			Gender Neutral		
The Noun Project									
Freepik							/		
Flaticon				/					

Fonte: Compilação da Autora¹⁵, 2022.

¹⁵ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites www.thenounproject.com, www.freepik.com e www.flaticon.com ao buscar os termos "*no gender*", "*all gender*" e "*gender neutral*" na barra de pesquisa das plataformas.

Em contrapartida, o acervo digital *The Noun Project* apresentou nove pictogramas distintos, trazendo três opções diferentes em cada pesquisa feita (Quadro 8). A partir deles é possível observar que, assim como o *Flaticon*, duas opções que utilizam os símbolos de gênero foram apresentadas (ambas representando a heterossexualidade) e a opção com as metades feminina e masculina também. Um aspecto interessante sobre os resultados da pesquisa de "all gender" é o aparecimento do pictograma de uma pessoa com deficiência, visto que o termo traz a palavra "all" [todos] e os resultados trouxeram esta inclusão. Além disso, apareceram pictogramas que representam pessoas plurais e, novamente, o vaso sanitário.

A partir deste recorte, é possível intuir a falta de opções de pictogramas representativos e inclusivos nos acervos digitais analisados. Além disso, a plataforma que, aparentemente, possui mais variedade de pictogramas para diferentes expressões é a *The Noun Project*, visto que em todas as pesquisas trouxe resultados diversos. Mas ainda sim, traz em seus resultados padrões de gêneros binários.

4.2. PROJETOS CONCEITUAIS

A fim de entender o que está sendo desenvolvido pela nova geração de designers, este item tem o objetivo de analisar projetos conceituais que possuem o tema de banheiros e pictogramas inclusivos. Estes tipos de trabalhos, normalmente, são desenvolvidos por estudantes enquanto estão fazendo algum curso de design, para uma disciplina em específico, ou como trabalho de conclusão de curso. A partir da análise dos projetos selecionados (Figura 25), é possível separá-los em três vertentes: pictogramas que identificam a função do ambiente (1, 2, 3 e 4), que ressignificam a figura humana (5 e 6) e que propõem a criação de novos significados (7).



Fonte: Compilação da Autora¹⁶, 2022.

O primeiro grupo, formado pelas imagens de número 1, 2, 3 e 4, propõe a mudança de foco no desenvolvimento do pictograma. Ao invés de identificar quais pessoas devem utilizar aquele ambiente, a representação visual reflete o que o ambiente proporcionará às pessoas que irão usá-lo. Dessa forma, se faz o uso de objetos que podem ser encontrados nos locais, ou nas funções que desempenham, como é o exemplo da utilização do vaso sanitário (1) ou do coletor menstrual sendo

¹⁶ Montagem a partir de imagens coletadas no site www.behance.net.

limpo (4), respectivamente. A imagem 2 ainda faz o uso dos símbolos de gênero feminino e masculino combinados com um rolo de papel higiênico para mostrar que ainda existe a separação dos ambientes, mas sem utilizar estereótipos de gênero.

Já o segundo grupo de pictogramas, que tentam ressignificar a figura humana (5 e 6), faz o uso dessa forma conhecida pela associação histórica criada entre imagem e ambiente, mas buscam trazer mais inclusão. Entretanto, enquanto a imagem 5 traz o busto de uma pessoa, a imagem 6 faz o uso de três abstrações de corpos humanos que podem ser lidos da seguinte forma: corpo quadrado sendo um homem, por conta de como a silhueta masculina vem sendo representada; corpo triangular como uma mulher, por conta do caimento da saia/vestido que normalmente é associado à figura feminina; e corpo com meio arco como outras pessoas. Este tipo de símbolo visa a representatividade e inclusão, mas acaba por segregar e reforçar estereótipos binários.

O terceiro grupo, que possui a imagem 7 como representante, visa a criação de novos signos representativos. Cada forma possui um significado único, e suas posições também, ou seja, a parte de cima do símbolo significaria a mente, a do meio o corpo, e a debaixo a sexualidade. Assim, quando combinadas criam o modo como cada pessoa se identifica. Entretanto, por mais que a ideia traga bastante representatividade e inclusão, ela acaba se tornando menos propensa a aceitação, pelas inúmeras combinações possíveis necessitarem de um trabalho educativo com o público para conseguir construir uma associação forte entre os símbolos e os banheiros públicos. Além de que, ao representar uma possível combinação entre as três formas, outros possíveis arranjos podem ser deixados de lado, culminando novamente na falta de representatividade.

4.3. PROJETOS APLICADOS

Ao procurar por projetos aplicados foi possível separá-los em quatro grupos. Sendo eles: soluções que reforçam o binarismo; com foco na função; com acessibilidade e outras soluções mais diversas.

Exemplificado pela Figura 26, os projetos que acabam reforçando o binarismo têm como padrão a utilização das figuras femininas e masculinas normativas, além do pictograma "metade feminino e metade masculino". Por mais que os símbolos sejam acompanhados de textos como "*gender neutral*" [gênero neutro] ou "nem masculino, nem feminino, banheiro é banheiro", os símbolos apresentados acabam reforçando a ideia que as palavras escritas querem afastar. Além disto, há um exemplo em que a empresa usou a referência visual de "*glitchy*"¹⁷ para combinar as figuras feminina e masculina, mas que pode ser interpretada como se o corpo que se identifica com um gênero não normativo possuísse alguma falha. Entretanto, um aspecto interessante

¹⁷ "*Glitchy*" significa a apresentação frequente de pequenos problemas técnicos ou falhas, segundo o dicionário da Cambridge University (2022).

nesta solução é o acompanhamento de um item informativo, dentro do banheiro, que explica o que um banheiro *gender neutral* significa e a importância disto.

Figura 26 - Projetos aplicados que reforçam o binarismo

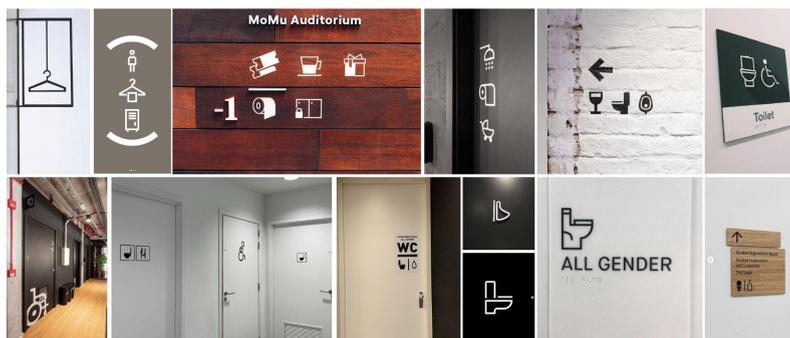


Fonte: Compilação da Autora¹⁸, 2022.

Já no segundo grupo (Figura 27), o qual apresenta as soluções com foco na função do ambiente, é possível encontrar sete temas principais: vaso sanitário, mictório, papel higiênico, chuveiro, cabide, cadeira de rodas e um carrinho de bebê. Os três primeiros - vaso sanitário, mictório e papel higiênico - indicam o banheiro sem distinção explícita de gênero, apenas o que a pessoa encontrará por de trás daquela porta. Normalmente são representados a partir da vista lateral do objeto, mas opções com base na vista frontal também são apresentadas. Os pictogramas de chuveiro e cabide servem para indicar vestiários com ou sem local para banho, respectivamente. Já a cadeira de rodas indica o sanitário para pessoa com deficiência, que é construído para que este objeto possa se movimentar dentro do cômodo livremente. Esta solução, de tirar o corpo humano da cadeira, sugere a representação da função daquele ambiente, ou seja, ele foi construído para acomodar uma cadeira de rodas. Sendo assim, acaba trazendo mais inclusão às pessoas com deficiência que não utilizam deste instrumento para se locomover. Já o carrinho de bebê indica um espaço com fraldário, o qual também pode ser representado pela figura da mamadeira.

¹⁸ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites www.behance.net, www.instagram.com.br, acervo pessoal da Autora e PIE BOOKS (2008).

Figura 27 - Projetos aplicados com foco na função



Fonte: Compilação da Autora¹⁹, 2022.

O terceiro grupo (Figura 28) traz exemplos de sanitários inclusivos que visam a acessibilidade do ambiente. No estado da Califórnia (EUA), a sinalização acessível utiliza da forma de um triângulo inscrito em um círculo com materiais de diferentes espessuras, além de um alto contraste com os símbolos, para promover a leitura de pessoas com problemas na visão. Um exemplo que utiliza este tipo de sinalização faz uso tanto do símbolo de gênero "transgênero", da representação de uma pessoa PCD em movimento, quanto da palavra "*inclusive*" [inclusivo]. Três soluções apresentadas na Figura 28 trazem, além dos símbolos escolhidos, uma explicação sobre quem pode usar aquele espaço, ou seja, além de exercer a função de indicar o ambiente, a sinalização ainda instrui o usuário sobre a inclusão.

Figura 28 - Projetos aplicados com acessibilidade



Fonte: Compilação da Autora²⁰, 2022.

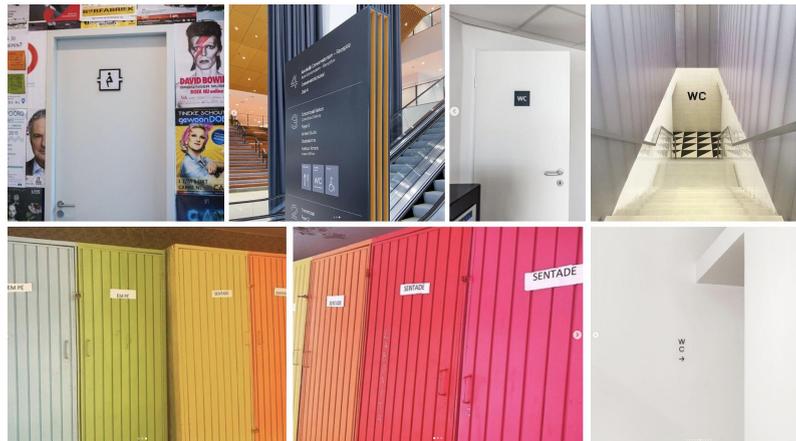
Por último, o quarto grupo (Figura 29) é uma compilação de projetos com soluções diversas e que possuem um valor para serem analisadas. É possível ver a utilização dos seguintes símbolos: uma pessoa sentada em um vaso sanitário, a utilização das letras "WC" para indicar o banheiro e a solução que traz em cada porta do banheiro os termos "em pé" ou "sentade". Este último visa indicar como a pessoa

¹⁹ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites www.behance.net, www.studiomda.com.br, www.instagram.com.br e acervo pessoal da Autora.

²⁰ Montagem a partir de imagens coletadas no site www.instagram.com.br.

deve usar o objeto que está atrás da porta (vaso sanitário sentade, e mictório em pé) sem distinção de gênero ou reforço de representações binárias. Além disto, a solução ainda apresenta a palavra em uma linguagem neutra de gênero, "sentade", trazendo mais representatividade. Entretanto, por ser uma solução que faz uso da linguagem escrita, não possui uma neutralidade cultural e também não pode ser considerada um pictograma. Já a solução que traz uma pessoa utilizando o banheiro sentada, pode tanto ser lida como a representação de um homem, visto que a norma mítica utiliza a mesma figura para uma pessoa de gênero neutro e de gênero masculino, quanto como um sanitário feminino, visto que normalmente pessoas que se identificam com este gênero fazem suas necessidades nesta posição. Ou seja, dependendo do contexto em que este símbolo é aplicado, pode causar confusão. As outras soluções apresentadas trazem a utilização do WC como indicação dos banheiros, entretanto, por mais que esta solução não traga estereótipos de gênero representados, ela não possui neutralidade cultural para países que não possuem a língua inglesa como sendo uma das principais formas de comunicação, visto que WC é a abreviação de "water closet" (termo em inglês sinônimo de banheiro).

Figura 29 - Projetos aplicados com soluções diversas



Fonte: Compilação da Autora²¹, 2022.

Conclui-se, portanto, que existem inúmeras possibilidades de representações gráficas que não se baseiam no binarismo de gênero imposto, principalmente quando o foco da representação passa a ser o ambiente e suas funções, ao invés da pessoa que irá utilizá-lo. Dessa forma, é finalizada a Análise de Similares.

5. CONCEITO

Por mais que a metodologia desenvolvida para o presente trabalho tenha apresentado a conceituação após a finalização da quarta etapa, Análise de Dados, viu-se a necessidade de adiantar este processo buscando um melhor resultado. Esta

²¹ Montagem a partir de imagens coletadas no site www.instagram.com.br.

modificação se fez necessária depois da identificação do caminho a ser seguido para o desenvolvimento das alternativas após a finalização da Análise de Similares.

Dessa forma, pelo presente trabalho ter como objetivo a construção de uma família de pictogramas que ficará disponível para outras pessoas utilizarem, o produto tem de ser entendível e interpretado por uma população diversa, tendo, portanto, um público abrangente. Visto que não será desenvolvido, aplicado em um espaço e para um grupo de espectadores específicos, por exemplo. Sendo o conceito do projeto: *inclusão, simplicidade e universalidade, um ato de respeito à diversidade.*

5.1. REQUISITOS DE PROJETO

A partir dos resultados obtidos na etapa anterior, ficou evidente que a mudança de foco da representação imagética dos sanitários, quando passa a ser o ambiente e a sua função, cumprem o propósito de não reforçar o binarismo imposto pela sociedade. Somado ao objetivo de dar mais representatividade às diferentes identidades de gênero servindo como um elemento inclusivo e não excludente, o presente projeto pretende representar os ambientes - sanitários públicos - a partir de um objeto associado a eles sem a utilização da figura humana.

Esta decisão de projeto se fez necessária por conta da norma mítica estar presente no imaginário popular e, ao representar uma pessoa dita neutra no pictograma, ela pode ser lida como sendo uma pessoa do gênero masculino. Tornando o símbolo excludente ao utilizar uma das infinitas representações humanas como sendo a regra, como é visto atualmente.

Dessa forma, o primeiro e os demais requisitos de projeto foram especificados. Sendo eles:

- I. Não utilizar a figura humana nos pictogramas a serem desenvolvidos;
- II. Não depender de cores para serem legíveis e compreensíveis, buscando afastar-se dos estereótipos de gênero, além de ser acessível às pessoas que possuem algum grau de daltonismo;
- III. Evitar o uso de caracteres numéricos e alfabéticos, tendo em vista a neutralidade cultural;
- IV. Não depender de estereótipos de gênero para serem entendíveis, visando uma linguagem universal e inclusiva;
- V. Atender ao maior número de condições estabelecidas na Norma Brasileira de Acessibilidade para símbolos visuais, pretendendo a acessibilidade;

- VI. Ser uma solução que passe seriedade, com o objetivo das alternativas desenvolvidas serem respeitadas à comunidade LGBTQIAPN +.

Desenvolver o presente trabalho a partir das diretrizes descritas, resultará em um projeto que vai ao acordo com todos os argumentos trazidos nos itens de Fundamentação Teórica, Levantamento de Informações e Análise de Similares. Além de cumprir com os objetivos geral e específicos descritos anteriormente, ademais tangibilizar o conceito estabelecido, solucionando o problema do projeto: a obsolescência da representação pictórica dos sanitários públicos, em função da utilização e perpetuação de estereótipos de gênero.

6. ESCOLHA E REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DOS TEMAS

Após a conceituação e o estabelecimento dos requisitos de projeto, retoma-se a finalização da quarta etapa da metodologia. Assim como fora proposto por Abdullah e Hübner em 2006, o caminho metodológico proposto para o presente trabalho tem como sub-etapa a listagem de possíveis temas a serem representados pelos pictogramas desenvolvidos. Para tanto, duas abordagens foram escolhidas para a elaboração da lista, sendo uma delas através de consultas de terceiros e a outra por ferramentas como *brainstorming* pela própria autora do projeto. Esta divisão foi pensada visando uma maior coleta de percepções, visto que os respondentes poderiam pensar em diferentes respostas que não seriam trazidas pela autora.

Primeiramente, entrou-se em contato com alguns respondentes do questionário aplicado na etapa anterior, que deixaram seus e-mails pondo-se à disposição para consultas que poderiam acontecer no decorrer do projeto. Foi enviado um *link* de um formulário, o qual tinha o objetivo de entender quais os principais objetos associados ao ambiente e em quais posições as pessoas os imaginavam. As perguntas se basearam em itens encontrados em sanitários, visto que não precisam da adição de uma figura humana representada para passar a mensagem do próprio item. Nesta primeira leva de consultas, foram contactadas 46 pessoas, mas foram obtidas apenas 21 respostas em 4 dias, sendo elas sintetizadas no Quadro 9:

Quadro 9 - Síntese das respostas

OBJETOS CITADOS		
Água	Box	Casinha
Chuveiro	Espelho	Lajotas
Lavabo	Lixeira	Papel higiênico
Vaso sanitário	Pia	Porta

Fonte: a Autora, 2022.

A partir desta coleta de respostas, foi feita uma comparação com os objetos pensados no *brainstorming* da autora do trabalho, representada no Quadro 10. Nele, é possível verificar que não houveram tantos objetos divergentes entre as respostas, sendo isto uma consequência de associações sociais fortemente construídas.

Quadro 10 - Comparação das respostas

RESPOSTAS IGUAIS	RESPOSTAS DADAS APENAS PELA AUTORA
Vaso sanitário	Mictório
Lixeira	Cabine
Papel higiênico	Descarga
Espelho	Placa de porta
Água	Papel toalha
Pia	Tranca

Fonte: a Autora, 2022.

Buscando entender se havia outras associações possíveis entre objetos e sanitários, foi feita uma nova consulta com um público diferente visando um maior número de respostas. Dessa forma, a pergunta "Quais 3 objetos vocês pensam quando falam em banheiros?" foi publicada na rede social da autora durante um período de 24 horas, resultando em 47 perspectivas de novos respondentes, sintetizadas e quantificadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Respostas rede social

NÚMERO	OBJETOS CITADOS
33	Vaso sanitário / Privada
28	Pia / Torneira
21	Papel higiênico
9	Espelho
6	Escova de dente
5	Lixeira; Sabonete; Saboneteira
4	Toalha
3	Porta; Sabonete líquido
1	Absorvente; Álcool; Descarga; Dispenser de papel; Escova de vaso; Fio dental; Maquiagem; Placa de porta; Secador de mãos; Shampoo; Tapete;

Fonte: a Autora, 2022.

Após esta coleta de informações, foi possível verificar que há uma forte associação entre vaso sanitário, pia, papel higiênico e espelho com os sanitários públicos, tornando estas as principais possibilidades de temas a serem representados na família de pictogramas final. Esta associação também ganha força ao verificar que a definição de sanitários é um "cômodo que dispõe de bacia sanitária, lavatório, espelho e demais acessórios" (ABNT, 2020, p. 6). Sendo assim, é possível verificar que a regra faz parte do imaginário popular.

Um ponto que se faz necessário ser destacado é a divisão entre os sexos prevista nestes ambientes. Por mais que o presente trabalho vise uma inclusão a todas as pessoas, ele deve se adaptar a legislações e normas brasileiras, além da arquitetura e do imaginário popular, que está acostumado com a divisão dos ambientes pelo sexo. Dessa forma, se faz necessária uma estratégia de separação sem que haja a utilização de estereótipos de gênero, nem da figura humana. Ou seja, é preciso idear que esta separação seja feita através dos objetos encontrados nos sanitários masculinos e femininos sem causar confusão nem discriminação.

É importante ressaltar que nem a autora, nem os respondentes de ambas coletas trouxeram objetos que tivessem forte associação a sanitários para pessoas com deficiência, nem aos vestiários e sanitários familiares. Por isso, foi feita uma busca específica sobre estes ambientes, quais objetos necessários e quais as normas referentes a eles. Sendo assim, visando atender as diferentes possibilidades e

configurações de banheiros públicos, foi desenvolvido o Quadro 11, que relaciona a mensagem a ser transmitida com o possível objeto a ser representado:

Quadro 11 - Mensagem x Objeto

MENSAGEM	OBJETOS
Sanitário	Papel higiênico; Vaso sanitário; Lavatório
Sanitário Feminino	Papel higiênico; Vaso sanitário; Lavatório
Sanitário Masculino	Papel higiênico; Vaso sanitário; Lavatório; Mictório
Sanitário Família	Papel higiênico; Vaso sanitário; Lavatório; Carrinho de bebê; Mamadeira; Fralda; Sanitário pequeno
Sanitário Acessível	Cadeira de rodas; Vaso sanitário com barras; Lavatório sem coluna
Vestiário	Cabide; Chuveiro

Fonte: a Autora, 2022.

Por mais que a metodologia proposta tanto por Abdullah e Hübner, quanto a desenvolvida para o presente trabalho trouxessem a sub-etapa de representação por imagens dos temas a serem desenhados, ao decorrer do projeto viu-se a não necessidade desta como descrita anteriormente. Isto porque a fase propõe tangibilizar uma mensagem que não necessariamente possui uma conexão forte com uma imagem. Entretanto, o projeto pretende utilizar a imagem de um objeto já conhecido pelo público para representar um ambiente que ele já possui forte associação. Desta forma, a representação imagética dos temas teve como objetivo ajudar na escolha das posições e perspectivas a serem utilizadas no desenvolvimento dos pictogramas e não na simbolização da mensagem. Estas escolhas também foram amparadas pelas respostas obtidas no questionário descrito no início deste capítulo. Desta forma, finaliza-se a escolha dos objetos que serão utilizados no desenvolvimento da família dos pictogramas e iniciada a Geração e Seleção de Desenhos contida na etapa V, nomeada de Criatividade e Materiais.

7. GERAÇÃO E SELEÇÃO DE DESENHOS

Seguindo o caminho metodológico definido para Trabalho de Conclusão, o presente capítulo tem por objetivo apresentar o processo de desenvolvimento e da seleção de alternativas desenhadas para sanar o problema do projeto. Para tal, as etapas de Criatividade e Materiais, Experimentação e Modelo serão percorridas.

Antes do início da criação de desenhos, viu-se a necessidade de delimitar o estilo gráfico a ser seguido, uma vez que um dos requisitos de projeto estabelecido foi

o atendimento ao maior número de condições especificadas para símbolos visuais na Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR 9050). Sendo eles os seguintes:

- a. Contornos fortes e bem definidos;
- b. Simplicidade nas formas e poucos detalhes;
- c. Estabilidade da forma;
- d. Utilização de símbolos do padrão internacional.

É preciso ressaltar que o presente trabalho não poderá seguir o último item citado, visto que seu objetivo é a criação de símbolos diferentes do padrão internacional, que utiliza a figura humana, feminina e masculina, para indicar os sanitários em ambientes públicos (Figura 30). Entretanto, os três primeiros itens devem ser seguidos para a criação da família de pictogramas.

Figura 30 - Símbolos para identificação de sanitários citados na NBR 9050



Fonte: ABNT, 2020 (adaptado pela Autora)²².

Dessa forma, analisou-se alguns pictogramas criados pela AIGA, já que além de serem o modelo internacional mais acessível, também obedecem a estes princípios. Foi possível verificar, então, as seguintes características dentre os símbolos disponibilizados no site oficial da Instituição Americana de Artes Gráficas (Figura 31):

²² Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20\(1\).pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20(1).pdf)>. Acesso em: 17 de julho de 2022

Figura 31 - Símbolos desenvolvidos pela AIGA



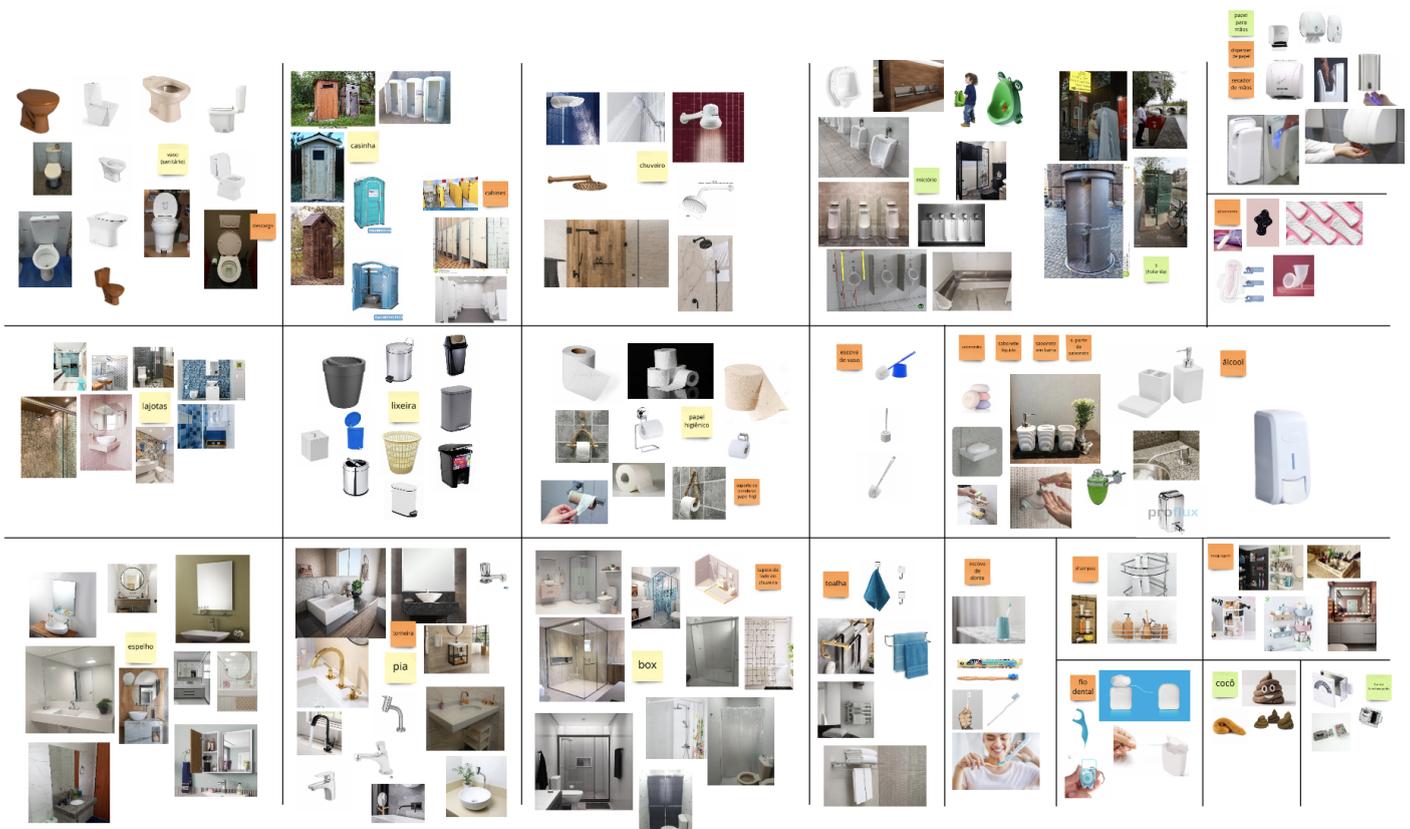
Fonte: AIGA, [201-?] (adaptado pela Autora)²³.

- a. Existe uma mistura entre terminações arredondadas e retas, sendo elas alternadas em momentos diferentes, não possuindo um padrão rígido;
- b. Os símbolos são construídos, em sua maioria, a partir do princípio de fechamento da *Gestalt*, conhecido comumente como Figura e Fundo, mas quando necessária é feita a utilização de elementos delimitados pelo traçado;
- c. Elementos culturais se fazem presente, como é o exemplo da letra P, que representa o estacionamento (*parking* em inglês), e os símbolos de saída e acesso restrito;
- d. A perspectiva é desenhada em alguns símbolos, aparentemente, com a intenção de deixá-los mais compreensíveis, visto que o padrão utilizado é o de um desenho em vista - frontal ou lateral -, sem a representação de profundidade;
- e. Os estereótipos de gênero e a norma mítica são visíveis, uma vez que para o símbolo de *ticket purchase* [compra de bilhetes] a figura feminina se encontra atrás do balcão, e todos os símbolos que representam uma pessoa de gênero neutro utilizam a figura igual que representa uma pessoa do sexo masculino.

²³ Disponível em: <<https://www.aiga.org/resources/symbol-signs>>. Acesso em: 5 de outubro de 2022

A partir dessas observações, foi possível iniciar o desenvolvimento dos desenhos com um caminho melhor definido, uma vez acrescidos do conceito e dos requisitos determinados. É importante ressaltar que, depois deste estudo voltado para a família desenvolvida pela AIGA, o presente trabalho se propõe a desenvolver pictogramas que podem ser utilizados junto com estes analisados. Visto que esta seria uma possível forma de facilitar a utilização dos novos símbolos de uma maneira que não causasse confusão ou uma grande manutenção de um sistema de sinalização pré-existente. Dessa forma, com os objetos já estabelecidos, foi feita uma busca referencial por imagens, visando um compilado de possíveis posições e perspectivas que poderiam ser utilizadas nos novos símbolos (Figura 32).

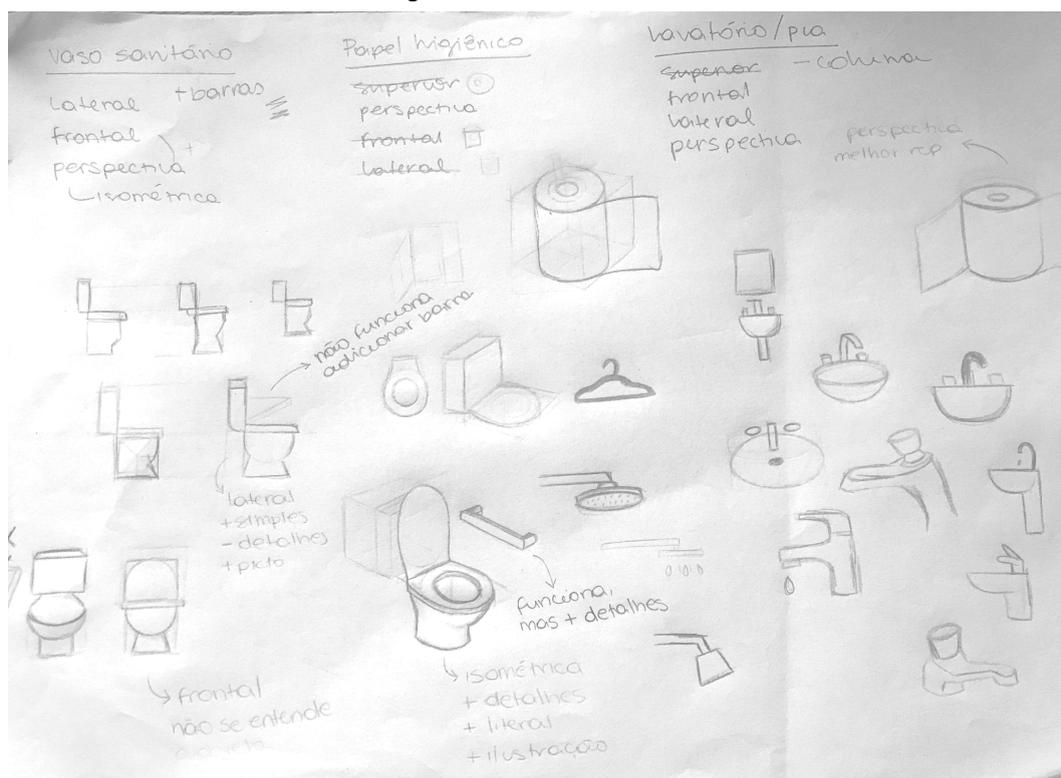
Figura 32 - Pesquisa referencial



Fonte: Compilação da Autora, 2022.

Foi iniciado, então, o desenvolvimento de desenhos à mão livre (Figura 33) a partir das referências imagéticas buscadas anteriormente. Este processo também foi auxiliado pelo questionário aplicado para a descoberta de possíveis temas, no qual foi perguntado qual posição os respondentes imaginavam os objetos citados, sendo possível escolher entre vista frontal, lateral, superior ou em perspectiva.

Figura 33 - Desenhos iniciais



Fonte: a Autora, 2022.

Logo, seguindo o processo metodológico, foi definido o formato, espessura do traçado e cores que a família de pictogramas deveria possuir. Como o projeto pretende servir também como um complemento do sistema desenvolvido pela AIGA, deve possuir características semelhantes às apresentadas pela referência. Sendo elas:

- a. A não necessidade de um fundo visível para que haja a integração das formas e a sua preservação, tendo uma área de proteção com formato quadrado, visando uma maior abrangência de possíveis aplicações;
- b. A espessura dos traçados devem seguir tamanhos semelhantes aos apresentados nos pictogramas desenvolvidos pela AIGA, sendo em sua grande maioria mais grossos, entretanto deve-se sempre buscar a representação a partir da figura preenchida e não do seu contorno;
- c. E as cores a serem utilizadas serão apenas preto e branco.

Estes pontos citados foram estabelecidos visando facilitar o processo de criação que, agora, se voltaria para o digital, uma vez que já haviam sido feitas diversas alternativas de desenhos à mão livre. Para isso, foram tiradas fotografias dos rascunhos e elas foram passadas para um *software* de gráficos vetoriais. Nele, foram feitos ajustes geométricos nas formas e novos testes de desenhos (Figura 34).

seleção dentre os símbolos advindos da etapa anterior, visando observar quais eram os que possuíam uma linguagem visual mais harmônica e quais ainda necessitavam de ajustes. Sendo assim, foi possível reduzir o número para 19 possíveis desenhos que iriam compor a família de pictogramas finais, sendo eles apresentados na Figura 36.

Figura 36 - Seleção inicial



Fonte: a Autora, 2022.

É possível verificar, a partir da Figura 36, que os pictogramas que buscam representar os vestiários por intermédio de um símbolo de chuveiro foram redesenhados, visando um ritmo visual semelhante aos demais. Além do acréscimo de um novo desenho para os sanitários acessíveis, com esta mesma finalidade.

Após esta nova seleção de desenhos, foi feita uma verificação virtual com o público, pois era necessário entender se as alternativas desenvolvidas estavam conseguindo passar a mensagem pretendida. Para tanto, foi feito um questionário *online*, no qual eram apresentados os pictogramas e perguntado qual era o mais e o menos adequado para cada situação, sendo elas: sanitário, mictório, sanitário família, fraldário, sanitário acessível e vestiário. Também foram recolhidos *feedbacks* buscando uma compreensão maior do entendimento do público. Ao final de 5 dias, foram recolhidas percepções de 24 respondentes, os quais eram pessoas, que no primeiro questionário aplicado, disponibilizaram seus contatos, sendo 2 deles profissionais especializadas em *wayfinding design*²⁴. Ou seja, neste questionário foi possível verificar, tanto as opiniões do público em geral, que não necessariamente possui um conhecimento prévio da área, quanto de profissionais especializadas que fazem uso de pictogramas diariamente no desenvolvimento de seus projetos. Os resultados sobre a adequação dos pictogramas desenvolvidos são trazidos na Figura 37:

²⁴ "Wayfinding refere-se a sistemas de informação que orientam as pessoas através de um ambiente físico e aprimoram sua compreensão e experiência do espaço" (SOCIETY FOR EXPERIENTIAL GRAPHIC DESIGN, 2014).

Figura 37 - Resultado da adequação dos pictogramas



Fonte: a Autora, 2022.

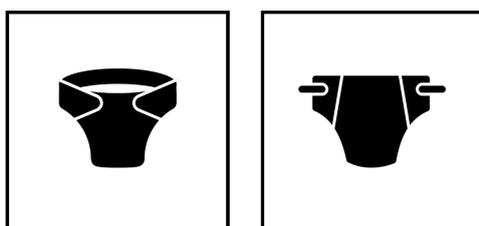
Como conclusão desta coleta de informações, foram verificadas tanto a necessidade de alterações nos símbolos referentes aos mictórios, quanto a possibilidade de novos testes dos símbolos relacionados ao sanitário família, fraldário e sanitário acessível. Os respondentes relataram não entender ambos desenhos que buscavam a representação simbólica do mictório, uma vez que suas formas lembravam outros objetos e, portanto, não conseguindo transmitir a mensagem pretendida. Já para o sanitário família, fraldário e sanitário acessível foram propostos novos testes e indagações, não trazendo problemas formais, mas questionamentos sobre a possibilidade de haver outro jeito de representar estes ambientes. Sendo eles:

- Para o fraldário, a sugestão mais recorrente foi a simbolização do ambiente a partir da representação imagética de uma fralda;
- Para o sanitário família, foi sugerida uma maior diferença entre os tamanhos dos vasos sanitários representados, além da provocação sobre simbolizar este mesmo ambiente de um outro jeito;
- Já para o sanitário acessível, a simplificação dos desenhos foi sugerida.

Com base nos resultados obtidos, novos testes foram desenvolvidos conforme as sugestões dos respondentes. É importante ressaltar que, no início da etapa de Geração de Desenhos, um pictograma de fralda já havia sido desenvolvido, entretanto, tanto este, quanto o pictograma de pia, haviam sido descartados por conta de *feedbacks* negativos advindos de profissionais de áreas criativas do conhecimento. Foi

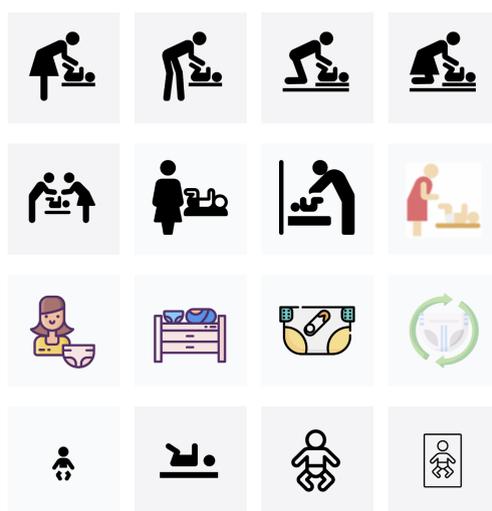
desenvolvido, então, um novo desenho de fralda, que indicaria o fraldário. Todavia, por mais que este símbolo fosse diferente do primeiro, a sua forma ainda não se fazia clara, podendo ser confundido com roupas íntimas ou de banho (Figura 38). Sendo assim, foi feita uma nova pesquisa para visualizar como o fraldário estava sendo representado em pictogramas já desenvolvidos por terceiros (Figura 39).

Figura 38 - Comparação pictograma fraldário: antes x depois



Fonte: a Autora, 2022.

Figura 39 - Resultado da pesquisa de pictogramas de fraldários



Fonte: Compilação da Autora²⁵, 2022.

Foi verificado que a representação de estereótipos de gênero estavam restritos à pessoa que era retratada como responsável pelos cuidados da criança, majoritariamente, sendo a figura feminina posta neste papel de cuidadora. Na Figura 39, é apresentada uma nova possibilidade para o desenvolvimento do pictograma de fraldário, que antes havia sido descartada: a utilização da figura humana para representar este ambiente. Entretanto, é importante ressaltar que esta possibilidade é restrita a este símbolo, uma vez que a figura humana de um bebê pode ser desprovida de estereótipos de gênero, como visto na última linha da Figura 39.

²⁵ Montagem a partir de imagens coletadas nos sites www.thenounproject.com, www.freepik.com e www.flaticon.com ao buscar o termo "changing station" e "diaper" na barra de pesquisa das plataformas.

Levando esta possibilidade em consideração, foi visto que a família de pictogramas desenvolvida pela AIGA já contava com um símbolo de uma criança com fralda. Porém, com o intuito de trazer o foco do pictograma à função do ambiente, foi desenhado um novo símbolo que traz a representação do fraldário (objeto). Dessa forma, a figura humana, por mais que ainda estivesse presente no desenho, não seria responsável sozinha pela passagem da mensagem principal, mas o conjunto dela com o instrumento (Figura 40).

Figura 40 - Pictograma para fraldário: AIGA x novo desenho



Fonte: a Autora, 2022.

Ao final destas modificações, o conjunto de pictogramas que foi selecionado para ser verificado com o público na próxima etapa é composto por 9 símbolos diferentes (Figura 41). Este grupo possui duas opções de pictogramas que representam o sanitário, o sanitário família (símbolos com vasos sanitários de tamanhos distintos) e o fraldário. Isto se deu pela constatação, a partir das respostas do questionário, que ambas representações dos vasos sanitários (vistos de frente e de lado) são compreensíveis, além do fato do desenvolvimento de novas possibilidades de pictogramas para o fraldário que ainda não haviam sido apresentadas. Portanto é necessário uma nova pesquisa para entender se há alguma preferência na forma da representação ou se os diferentes desenhos são igualmente compreensíveis e lidos de forma correta.

Figura 41 - Pictogramas a serem verificados com público



Fonte: a Autora, 2022.

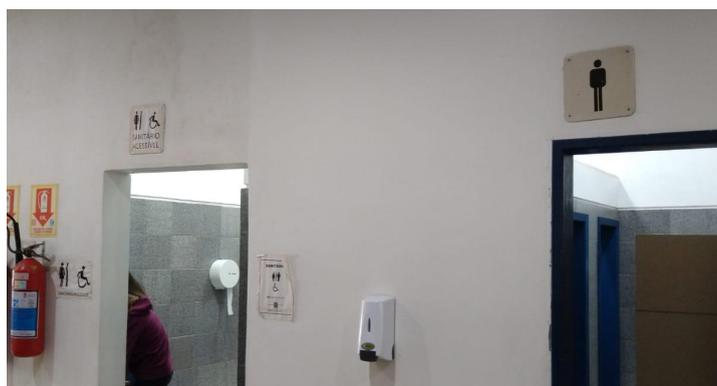
8. VERIFICAÇÃO

Após a seleção dos pictogramas, foram escolhidos os locais nos quais a etapa de Verificação se daria presencialmente, sendo definidos os sanitários do primeiro andar da Faculdade de Arquitetura e da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estas localizações foram selecionadas tendo em vista o público que as frequenta e a disposição e separação dos banheiros construídos.

8.1 FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFRGS

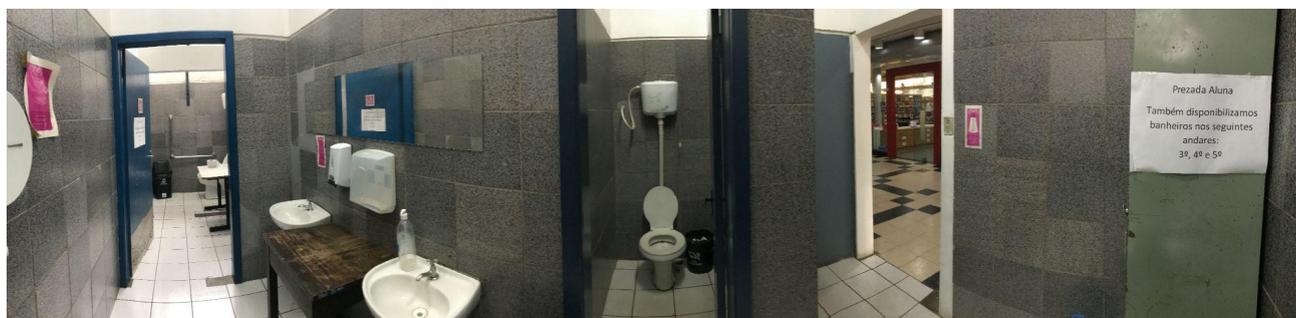
Um grande fator para a escolha dos sanitários do andar térreo da Faculdade de Arquitetura foi o fato deste abrigar o único sanitário acessível do prédio, e esta informação não estar clara para todas as pessoas. Atualmente, o ambiente em questão possui dois banheiros (Figura 42), sendo um deles o "sanitário masculino", o qual possui mictórios, vasos sanitários e lavatórios, e o outro o "sanitário acessível" e "sanitário feminino", no qual existe uma cabine maior com um vaso sanitário e barras de apoio, e outra menor sem barras, além dos lavatórios e possuir espelhos distribuídos pelo ambiente (Figura 43).

Figura 42 - Sanitários da Faculdade de Arquitetura da UFRGS



Fonte: a Autora, 2022.

Figura 43 - Sanitário acessível internamente



Fonte: a Autora, 2022.

Entretanto, por mais que haja uma indicação de que o sanitário acessível é para todas as pessoas utilizarem (Figura 44), as demais sinalizações presentes no espaço são ambíguas (Figura 45) e podem fazer com que as pessoas entendam aquele espaço como sendo um "sanitário feminino acessível", ou seja, que este não seria um ambiente reservado para todas as pessoas usarem, caso possuíssem alguma deficiência física, apenas pessoas que sejam do sexo feminino.

Figura 44 - Sinalização sanitário acessível



Fonte: a Autora, 2022.

Figura 45 - Demais sinalizações do sanitário acessível



Fonte: a Autora, 2022.

Sendo assim, juntamente com o Setor de Infraestrutura da Faculdade, foi escolhido um dia e horário para que o teste fosse realizado, sendo agendado para o dia 12 de setembro de 2022, das 8h às 11h do período da manhã. Este dia e horário foram escolhidos por conta da provável movimentação de pessoas no ambiente, visto que haveria aulas ocorrendo em salas próximas. Além disso, foi estabelecido que as entrevistas seriam feitas a partir de uma amostragem aleatória simples de todas as pessoas que utilizariam os sanitários no período mencionado. Assim, foi desenvolvido um roteiro (disponível no Apêndice D) com o objetivo de verificar a eficiência dos novos símbolos, além de entender se eles iriam provocar algum efeito na relação pessoa-sanitário e na percepção que cada pessoa entrevistada teria sobre o ambiente mencionado.

A verificação se deu a partir da substituição da sinalização atual com os pictogramas desenvolvidos em locais mais visíveis e com o acréscimo da indicação de cada sanitário por escrito (Figura 46). Sendo a adição da informação escrita necessária pela utilização de símbolos não costumeiros para este tipo de indicação, ou seja, ela é essencial para que não haja confusão na hora de identificar cada sanitário. Dessa forma, para indicar o sanitário acessível foi aplicado o pictograma de cadeira de rodas, com 10cm de altura, e os termos "sanitário acessível" logo abaixo, e para o sanitário masculino os pictogramas de vaso sanitário e mictório, em mesma escala, além da indicação por escrito (Figura 47). É importante ressaltar que a escolha do pictograma do vaso sanitário visto de frente foi baseada nas opiniões coletadas no questionário anterior, no qual foi possível verificar uma maior adequação em comparação ao pictograma com a representação do mesmo objeto em sua vista lateral.

Figura 46 - Verificação dos novos pictogramas



Fonte: a Autora, 2022.

Figura 47 - Combinação de pictogramas e termos para verificação



Fonte: a Autora, 2022.

Dentro do período mencionado, foram abordadas 8 pessoas que foram nos sanitários, tanto no acessível, quanto no masculino. A abordagem se deu após o uso

dos respectivos banheiros e com um tom de conversa para que houvesse uma maior aceitação à entrevista. Entretanto, como dito anteriormente, existiam perguntas roteirizadas visando atingir o objetivo da verificação: o entendimento sobre a efetividade dos novos símbolos, suas percepções e efeitos nas pessoas.

As primeiras pessoas a serem abordadas foram a Entrevistada 1 e o Entrevistado 2, ambos alunos da UFRGS, sendo que a primeira utilizou o sanitário acessível e a segunda, o masculino. Ambas não notaram a nova sinalização presente no local, apenas após perguntado especificamente sobre ela. Este comportamento é corroborado pela alta frequência de uso dos sanitários em questão, ou seja, por conta do costume, ambos estudantes relataram não verem mais o que está sendo sinalizado na entrada destes sanitários. Um ponto de atenção que o Entrevistado 2 trouxe na entrevista foi o fato de nunca ter notado que o sanitário ao lado era acessível, pensava que era apenas um sanitário feminino. Já a Entrevistada 1, possuía a ciência sobre a acessibilidade do local, mas o lia como sendo um "sanitário feminino acessível", trazendo à tona um problema na sinalização atual da universidade. Além disso, as duas pessoas esclareceram que, por mais que não tivessem visto os novos pictogramas aplicados, não possuíam dúvidas sobre qual era a mensagem pretendida, ou seja, para ambos os desenhos estavam claros e objetivos, apesar de não estarem familiarizados com eles.

Em outro momento, duas Entrevistadas (3 e 4) foram abordadas em conjunto e relataram não terem notado a aplicação dos novos pictogramas indicativos para sanitários, sendo que ambas usaram o sanitário acessível. Novamente, a explicação para tal comportamento foi o hábito de uso. Ambas, por utilizarem o sanitário, sabiam da existência da acessibilidade, mas entendiam o local como sendo um "sanitário feminino acessível", visto que a sinalização usual do prédio é ambígua, assim como a primeira aluna entrevistada. Esta percepção sobre o local se repetiu em todas as entrevistas posteriores, ou seja, a hipótese levantada sobre o resultado negativo da sinalização atual imprecisa se faz verdadeira, uma vez que a acessibilidade para todas as pessoas não é vista.

A escolha de abordar outras duas pessoas (Entrevistada 5 e Entrevistada 6) se deu pelo fato de ambas demonstrarem confusão ao entrar no sanitário acessível. Ambas alunas buscaram uma confirmação se elas poderiam utilizar o sanitário, visto que, em seus relatos, disseram não estar claro se elas, como pessoas sem deficiência, poderiam usar aquele banheiro. Ou seja, haviam entendido que aquele ambiente era exclusivo para pessoas com deficiência. Outro ponto que causou essa confusão para uma das alunas foi a supressão da figura feminina da sinalização do ambiente. Já para a segunda, um outro fator foi a presença do termo "sanitário masculino" e a falta do "sanitário feminino". Esta dúvida foi apresentada pelo mesmo motivo em outras alunas (Entrevistada 7 e Entrevistada 8) quando questionadas sobre a nova sinalização.

Durante o período de verificação, um professor da UFRGS demonstrou confusão antes de entrar no banheiro masculino por conta da aplicação da nova sinalização, mas em poucos segundos entendeu a identificação do ambiente e entrou no local. Entretanto, só foi possível verificar o seu comportamento, visto que não pôde ser entrevistado para o trabalho em questão devido a falta de tempo para responder.

A partir da coleta de informações do teste feito nos sanitários do primeiro andar da Faculdade de Arquitetura, foi possível verificar que, em um primeiro momento, os símbolos podem causar um certo estranhamento, uma vez que o imaginário popular busca os padrões já estabelecidos socialmente para a identificação dos sanitários utilizando as figuras humanas "femininas e masculinas". Sendo o pictograma de mictório o que causou um efeito maior nas pessoas, uma vez que nunca haviam visto algo parecido. Entretanto, quando perguntado aos estudantes se os símbolos eram compreensíveis, em unanimidade foi atestado que os pictogramas eram claros e objetivos, e que este estranhamento inicial seria algo que passaria com a habituação dos novos símbolos aplicados. E, por essa razão, foi atestada a necessidade do acompanhamento do termo em escrito neste primeiro momento de adaptação à inserção dos novos símbolos.

Outra conclusão tirada desse teste foi que, ao trocar a sinalização atual, na qual trazia uma figura feminina e uma pessoa com deficiência, para o novo símbolo destinado aos sanitários acessíveis, houve um efeito negativo nas alunas ao afastá-las - momentaneamente - do ambiente, por entenderem que ele seria exclusivo às pessoas com deficiência. Dessa forma, quando questionadas, as Entrevistadas 7 e 8 sugeriram a adição do pictograma do vaso sanitário junto com a cadeira de rodas para sinalizar a não exclusividade do ambiente, além da aplicação destes mesmos símbolos nas portas das cabines, visto que uma há acessibilidade e outra não. Sendo assim, foi possível verificar a eficiência dos pictogramas testados.

8.2 FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS

Buscando uma nova perspectiva, foi realizado um segundo teste nos sanitários do primeiro andar da Faculdade de Educação da UFRGS. O principal fator para a escolha da realização da avaliação neste local foi o fato de que grande parte dos sanitários do prédio são destinados a todas as pessoas, ou seja, não possuem separação por sexo. Outro ponto a ressaltar é a ausência de mictórios nos banheiros, tanto nos destinados a todas as pessoas, quanto nos reservados para o público masculino. Sendo assim, nesta ocasião seria possível testar os pictogramas a partir de um outro contexto social e arquitetônico, uma vez que a binariedade não é esperada neste ambiente.

Assim como feito para a Faculdade de Arquitetura da UFRGS, buscou-se a aprovação da Faculdade de Educação (FACED) para a realização da verificação no local,

sendo ela concedida pelo Núcleo de Apoio a Eventos e Comunicação (NAEC). Durante a reunião, na qual foi apresentada a proposta do teste e acordado a data e horário dele, as representantes do núcleo comunicaram que havia acontecido um episódio transfóbico. Foi informado que mensagens de cunho preconceituoso haviam sido escritas nas portas das cabines dos sanitários do primeiro andar, trazendo uma força simbólica para a escolha do local de verificação. Uma vez que o projeto visa a inclusão e acolhimento das pessoas que se enxergam fora da binaridade imposta e isto inclui pessoas transgênero.

Os sanitários se encontram no andar térreo do prédio e ficam lado a lado (Figura 48), sendo encontrada, na porta de ambos, a mesma sinalização e denominação do espaço: sanitário (Figura 49). Não possuindo, assim, distinção de sexo ou gênero para utilizar estes banheiros. Entretanto, como é possível verificar na Figura 48, foram utilizados os pictogramas normativos binários que visam uma maior inclusão, mas acabam excluindo uma parcela da população. É interessante notar que nas portas também foi instalada uma sinalização tátil com o intuito de incluir pessoas com deficiência visual, além de um aviso sobre a utilização de máscara facial e a solicitação para bater na porta antes de entrar (Figura 49).

Figura 48 - Localização dos sanitários da FACED



Fonte: a Autora, 2022.

Figura 49 - Sinalização atual dos sanitários da FACED



Fonte: a Autora, 2022.

Ao adentrar os dois sanitários, é possível encontrar a mesma configuração. Ambos são equipados com um lavatório e um vaso sanitário, sendo eles separados por uma porta conferindo uma subdivisão dentro do cômodo. Resumindo as suas diferenças na presença de um espelho em um deles e no outro não (Figura 50).

Figura 50 - Interior dos sanitários da FACED



Fonte: a Autora, 2022.

Para este segundo teste, foram escolhidas novas perguntas, que tinham como objetivo entender a interpretação dos símbolos utilizados e a preferência das pessoas sobre eles. Para isso, foi aplicado sobre a sinalização atual o símbolo de sanitário em vista frontal (Figura 51), com 8,5cm de altura, assim como feito na Faculdade de Arquitetura. Entretanto, para consolidar a seleção deste símbolo, após a observação das pessoas perante a nova sinalização aplicada antes da entrada do sanitário e após a sua saída, foi perguntado sua preferência entre o pictograma aplicado e uma segunda opção (Figura 52). Esse questionamento também foi feito sobre os pictogramas que visam representar o fraldário para entender sua preferência (Figura 52), uma vez que seria a primeira comparação deles feita pelo público.

Figura 51 - Sinalização aplicada



Fonte: a Autora, 2022.

Figura 52 - Opções de pictogramas apresentadas



Fonte: a Autora, 2022.

No dia 22 de setembro de 2022, entre as 8h30min e 11h da manhã, foi feita a verificação no ambiente descrito. A abordagem e a escolha das pessoas foi semelhante à realizada na Faculdade de Arquitetura: após o uso de qualquer um dos sanitários e com um tom de conversa para que houvesse uma maior aceitação à entrevista, e de maneira randômica. Ou seja, qualquer pessoa que entrasse em um dos sanitários poderia ser abordada ao sair do ambiente.

A primeira pessoa a ser consultada foi a Entrevistada 9. A estudante da FACED não demonstrou nenhum comportamento em relação à sinalização aplicada nas portas dos sanitários, visto que entrou em um deles sem olhá-las. Este comportamento já

havia sido visto nos estudantes da Faculdade de Arquitetura que já estavam habituados com a configuração arquitetônica do prédio. Sendo assim, a Entrevistada 9 só reparou na nova sinalização aplicada quando perguntada. Ela comentou que, por mais que entendesse e interpretasse o pictograma do vaso sanitário de frente como sendo um "sanitário sem distinção", preferia o visual da vista lateral do objeto. Já, em relação ao pictograma de fraldário, a Aluna 1 demonstrou preferência pelo desenvolvido pela AIGA, por ser mais comumente visto.

Logo após, a Entrevistada 10, funcionária da universidade, foi abordada ao sair do sanitário e questionada sobre qual era a sua interpretação sobre o pictograma aplicado na porta. Ela, que não havia visto a nova sinalização ao entrar no sanitário, disse que "não seria correto" a aplicação do símbolo em questão por conta do "perigo de entrar um homem no banheiro e encontrar uma mulher". Este comportamento demonstrou que a funcionária não estava habituada com a configuração dos sanitários do prédio, uma vez que foi preciso retirar o pictograma aplicado por cima da sinalização original para comprovar a ela o fato de que os ambientes não possuíam distinção de sexo. Após esta interação, foi questionada a preferência sobre os pictogramas, mas a funcionária se retirou da conversa antes de responder as perguntas, expressando um certo desconforto sobre o assunto da entrevista.

A terceira pessoa a ser abordada foi o Entrevistado 11, sendo que a escolha de abordá-lo se deu pelo fato dele demonstrar confusão ao entrar em um dos sanitários. Ao verificar que o primeiro banheiro só possuía o termo "sanitário" e o novo pictograma, buscou no segundo uma confirmação de onde ele poderia entrar. Entretanto, comentou que, ao verificar que ambos possuíam a mesma sinalização, entendeu que ele e qualquer pessoa poderia entrar onde quisesse. O Entrevistado 11 explicou que é estudante da UFRGS, mas que não frequenta a FACED, por isso não sabia da configuração dos sanitários, explicando a sua confusão inicial. Todavia, ao ser questionado sobre a interpretação e preferência de cada pictograma, disse que todos possuem mensagens compreensíveis, mas prefere o vaso sanitário visto de frente e o pictograma de fraldário desenvolvido pela AIGA por entender mais facilmente a figura da criança e da fralda.

Tanto o Entrevistado 12 e a Entrevistada 13 não olharam para as sinalizações nas portas dos sanitários, por conta do hábito, visto que estão acostumados a irem naqueles banheiros. O Entrevistado 12 ainda bateu duas vezes antes de entrar no ambiente, assim como é solicitado pela sinalização original, demonstrando um respeito pelo ambiente e as possíveis pessoas que poderiam estar utilizando o sanitário. Além disso, o Entrevistado 12 comentou que, caso não possuísse o conhecimento prévio sobre a não distinção por sexo dos sanitários e encontrasse a nova sinalização aplicada, iria perguntar a alguém para ter certeza que poderia utilizar o sanitário. Explicitando, assim, a necessidade de um esclarecimento sobre quem pode entrar no banheiro em

questão. Sobre suas preferências dos símbolos, ambos preferiam o vaso sanitário assim como foi aplicado na porta - de frente - mas a Entrevistada 13 preferiu o pictograma de fraldário da AIGA, e o Entrevistado 12 o desenvolvido pela Autora, por trazer o objeto junto da representação da criança.

Já o Entrevistado 14 não era aluno da instituição de ensino, nem conhecia o prédio, entretanto não demonstrou hesitação na hora de entrar no sanitário que possuía a nova sinalização e apenas o termo "sanitário" escrito. Ao ser questionado sobre a sua interpretação do pictograma, afirmou entender ser "um sanitário sem distinção de gênero", comprovando a eficiência da mensagem. Em relação às suas preferências sobre os símbolos, o Entrevistado 14 preferiu o vaso sanitário de frente e o fraldário desenvolvido pela AIGA.

Assim como o entrevistado anterior, a Entrevistada 15 não teve dúvidas sobre qual sanitário entrar. A aluna da universidade, que já conhecia a configuração arquitetônica do prédio, olhou para a sinalização antes de adentrar o cômodo e o fez sem hesitação. Ao ser questionada, disse que a mensagem estava clara e melhor sinalizada ao utilizar um "pictograma que não é estereotipado como os que já estavam sendo usados". Após, ela afirmou que tinha a preferência pelo pictograma de vaso sanitário visto de frente e pelo novo pictograma de fraldário desenvolvido pela Autora, uma vez que traz o objeto junto da criança, assim como justificado pelo Entrevistado 12. A Entrevistada 15 finaliza a entrevista desejando que a Faculdade de Educação da UFRGS venha a aplicar os novos pictogramas em um futuro próximo.

A partir das entrevistas feitas nos sanitários do primeiro andar da FACED pôde-se atestar novamente a efetividade do pictograma de vaso sanitário, além de entender a preferência do público perante as opções apresentadas, auxiliando no fechamento da família de pictogramas após a verificação (Figura 53). Outra conclusão feita a partir da finalização do teste é que a habituação das pessoas a uma configuração arquitetônica influencia muito o comportamento que ela terá com uma mudança na sinalização dos sanitários, por exemplo. Seja ela ignorando o que está sendo sinalizado ou estranhando quando há uma mudança no pictograma utilizado. Dessa forma é evidente a necessidade de um elemento informativo, que acompanhe a utilização dos novos pictogramas nos ambientes, explicando a quem os sanitários são destinados, visando atender tanto às pessoas habituadas quanto às que não frequentam o espaço em questão.

Figura 53 - Família de pictogramas após verificação



Fonte: a Autora, 2022.

Todavia, por mais que a maioria das pessoas entrevistadas tenham preferido o pictograma de fraldário desenvolvido pela AIGA, este traz consigo o problema da propriedade intelectual e, portanto, não seria possível disponibilizá-lo juntamente com os outros pictogramas em acervos digitais, podendo culminar em um ruído na linguagem e ritmo visual desenvolvidos. Dessa forma, foi preciso voltar na decisão de utilizá-lo como o pictograma representante do fraldário na família e substituí-lo pelo desenvolvido pela Autora. É importante frisar que todas as pessoas entrevistadas não apontaram características negativas sobre o símbolo escolhido para fazer parte da família final, apenas possuíam uma preferência justificada pelo hábito, ou seja, o pictograma da AIGA, por ser mais familiar, detinha vantagem. Sendo assim, na Figura 54 é possível verificar os 6 pictogramas que compõem a família final do trabalho.

Figura 54 - Família final de pictogramas



Fonte: a Autora, 2022.

Vale ressaltar que os pictogramas de "vestiário" e "sanitário família" não foram verificados em locais reais, pois estes ambientes não eram disponibilizados em ambas faculdades. Entretanto, como na etapa de Seleção de Desenhos não houve qualquer confusão sobre a mensagem que o pictograma pretendia passar, não foi verificada a necessidade de testá-los novamente. Além disso, como foi atestado a efetividade do pictograma do vaso sanitário visto de frente, a escolha dentre as duas opções viáveis para o pictograma de sanitário família foi baseada nesta verificação. Dessa forma, com todos os pictogramas definidos passa-se para a etapa IX da metodologia proposta: Desenho Construtivo e Disponibilização.

9. DESENHO CONSTRUTIVO E DISPONIBILIZAÇÃO

A partir da finalização da etapa anterior, resultando na escolha final dos pictogramas da família proposta, foi iniciada a última etapa da metodologia desenvolvida para o presente Trabalho de Conclusão de Curso. Tendo em vista que esta parte metodológica traz a sub-etapa de disponibilização dos pictogramas criados, foi feita uma pesquisa nos três acervos digitais, que anteriormente foram analisados, para verificar quais eram os requisitos de cada um e, assim, desenvolver o desenho construtivo dos pictogramas conforme as requisições.

Como o *Freepik* e o *Flaticon* são pertencentes à mesma empresa, a *Freepik Company S.L.*, ambos acervos possuem os mesmos requisitos para os ícones a serem enviados para suas plataformas. Sendo eles:

- a. Formato do arquivo: deve ser SVG;
- b. Modo de cor: RGB;
- c. Tamanho: no mínimo 16x16px e no máximo 512x512px;
- d. Títulos: devem ser claros e concisos e devem estar relacionados ao tema do ícone;
- e. Camadas: cada elemento deve aparecer com o nome correto, sendo sugerida a numeração delas.

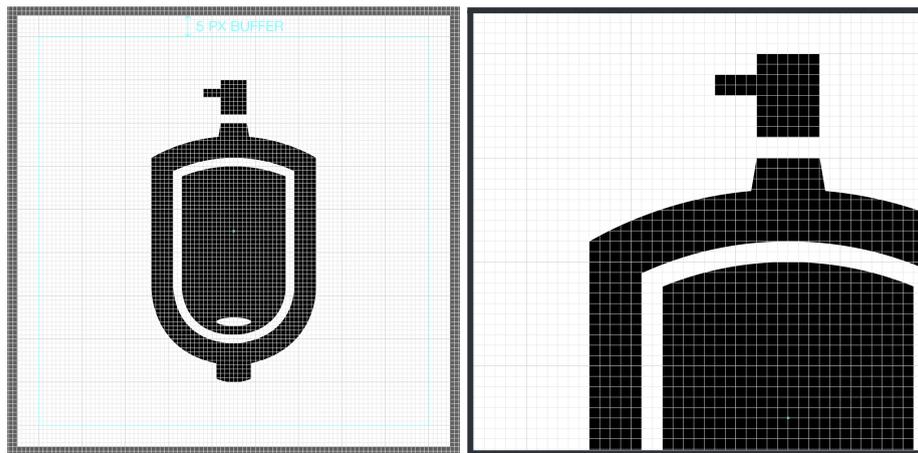
Já o *The Noun Project*, por ser outra empresa, possui alguns requerimentos diferentes, mas se assemelha nos pedidos sobre o formato e do modo de cor dos ícones a serem enviados. Dentre os outros requisitos estão:

- a. Cor: é necessário que o pictograma seja todo preto, sendo sugerido o valor HEX #000000, e as partes em branco devem ser transparentes;
- b. Tamanho: no máximo 100x100px, com a sugestão do uso de 5px para uma margem de segurança;
- c. Agrupamento: não deverá ter elementos agrupados, apenas caminhos compostos, nem linhas.

Além disso, o *The Noun Project* disponibiliza diferentes malhas construtivas para facilitar o desenvolvimento dos ícones de acordo com os princípios de design que a plataforma pede para serem seguidos por todos os desenhos a serem enviados, visando o aceite dentro da plataforma. Desse modo, essas malhas construtivas foram utilizadas para refinar os desenhos dos pictogramas, com a intenção dos mesmos serem aceitos em todos os acervos digitais.

Sendo assim, foi-se utilizado a malha construtiva de 1x1px (Figura 55) para geometrizar todos os pictogramas visando uma continuidade clara na forma e um ritmo visual, assim como é sugerido por Abdullah e Hübner. Além disso, assim como é indicado pelos autores, o *grid* disponibilizado pelo *The Noun Project* possui uma margem de segurança já estabelecida de 5px em uma prancheta de 100x100px. Na Figura 56, é possível verificar as diferenças nos traçados e na melhoria do ritmo visual dos pictogramas finais, que foram geometrizados (fileira de cima), em comparação aos anteriores (fileira de baixo).

Figura 55 - Malha construtiva utilizada



Fonte: a Autora, 2022.

Figura 56 - Comparação antes e depois



Fonte: a Autora, 2022.

Visando uma maior utilização dos pictogramas desenvolvidos e, por conseguinte, resultando em ambientes mais inclusivos e respeitosos à diversidade, foi desenvolvida uma versão em contorno de todos os pictogramas que compõem a família final (Figura 57). Mantendo a linguagem visual, criada para os pictogramas preenchidos, coerente em ambas versões.

Figura 57 - Versões em preenchimento e contorno

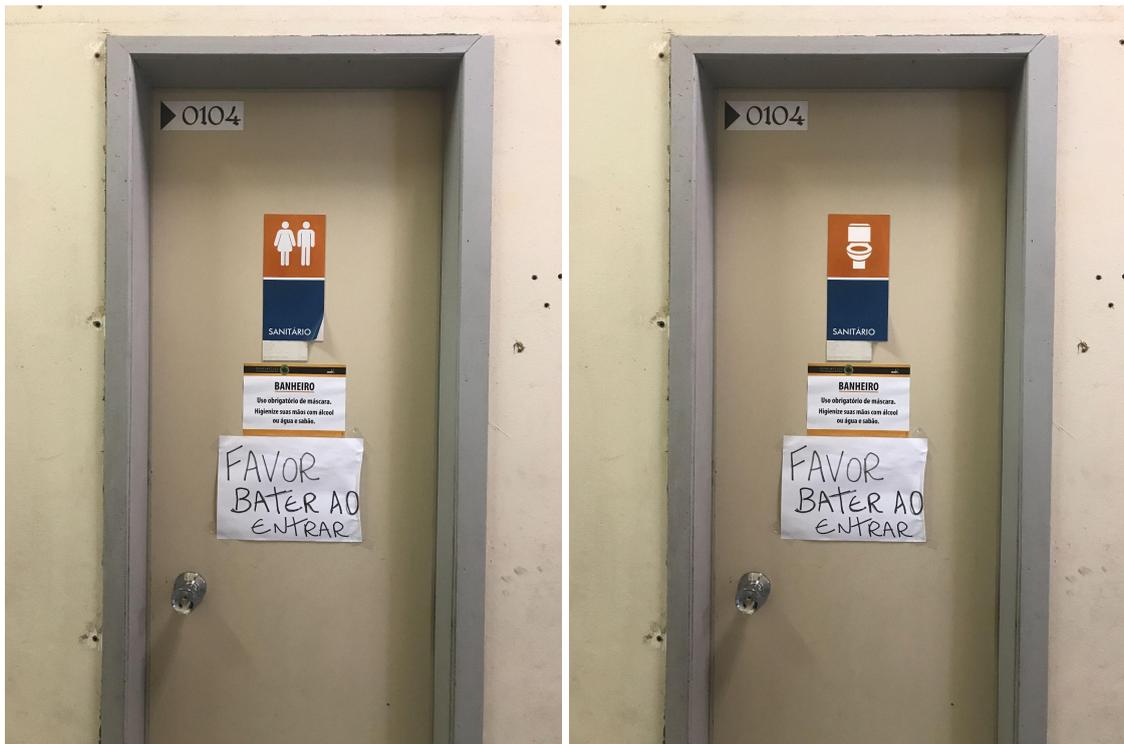


Fonte: a Autora, 2022.

Dessa forma, com a finalização do desenho construtivo de ambas versões (preenchimento e contorno), fica viável a disponibilização dos pictogramas desenvolvidos nos três acervos digitais citados: *Flaticon*, *Freepik* e *The Noun Project*. Entretanto, esta etapa será feita posteriormente a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso em questão, visando a coleta de *feedbacks* da banca avaliadora.

Como finalização da etapa de Desenho Construtivo e Disponibilização, foi desenvolvida uma comparação (Figura 58), utilizando uma imagem tirada em um dos sanitários do primeiro andar da FACED, entre a situação da sinalização atual do local e uma utilizando o novo pictograma de sanitário. Vale ressaltar que o design do sistema de sinalização não foi alterado para esta simulação, uma vez que o trabalho não visa o desenvolvimento do sistema como um todo, mas uma família de pictogramas que poderá ser usada em diversos sistemas. Resultando, assim, em ambientes mais acolhedores e inclusivos às pessoas que não se identificam com a binaridade imposta. Com isto, encerra-se a última etapa metodológica proposta e, conseqüentemente, o projeto deste presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Figura 58 - Comparação situação atual x novo pictograma



Fonte: a Autora, 2022.

10. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a questionar a narrativa por trás da separação dos sanitários por sexo e como a sua representação visual tornou-se obsoleta com os avanços sobre as concepções de gênero e seus papéis. Logo na Justificativa, ficou explícito o quão danosos e nocivos os ambientes dos sanitários públicos podem ser e já são para as pessoas que não se identificam com a binariedade imposta pela sociedade. Mostrando que é inegável o impacto que uma nova representação visual para a indicação e identificação destes locais pode ter na vida de pessoas.

A partir disso, também ficou evidente que o Trabalho de Conclusão de Curso precisava se adequar a realidade jurídica e cultural brasileira, tendo em vista a existência de leis e o imaginário popular fortemente enraizado. Ao mesmo tempo, para o desenvolvimento de uma boa pesquisa e projeto foram elencados 6 objetivos específicos, além do geral: desenvolver uma família de pictogramas que respeite a diversidade de gênero, sendo ela inclusiva e que esteja disponível à comunidade para ser utilizada, principalmente, na indicação de sanitários públicos.

A Fundamentação Teórica permitiu um entendimento aprofundado sobre questões essenciais para o desenrolar do trabalho. Como o fato dos gêneros serem uma construção social e, assim como os significados de ícones, podem ser modificados, tornando viável o desenvolvimento de novas maneiras de representar visualmente as

diferentes formas de configuração dos banheiros públicos. Além disso, pode-se compreender que o trabalho em questão detinha um viés social e que era necessário ter bastante responsabilidade ao desenvolvê-lo, reforçando a demanda por uma criação com um olhar e escuta bastante atentos ao público visado.

Por meio de entrevistas e questionários, na etapa de Levantamento de Informações, constatou-se que as experiências de pessoas que não se enxergam dentro da binaridade, que possuem os sanitários como foco central, são bastante diversas e por vezes sofridas e pouco receptivas. Entretanto, apoiado nestas percepções e relatos, o projeto pôde compreender padrões de comportamentos e as preferências de um público bastante representativo. Outro ponto a ser destacado é a colaboração ativa das pessoas entrevistadas e dos respondentes do questionário que emitiram opiniões sobre soluções de design aplicadas e possíveis respostas a novos questionamentos.

Com a Análise de Similares foi possível verificar como os sanitários vêm sendo representados visualmente em sistemas de sinalização aplicados, conceituais e em acervos digitais, culminando no desenvolvimento do conceito: inclusão, simplicidade e universalidade, um ato de respeito à diversidade. Além de desencadear a listagem de 6 requisitos de projeto que, ao final do trabalho, foram atendidos. É importante ressaltar que o requisito de não utilizar a figura humana nos pictogramas foi cumprido em todos, exceto no de fraldário, por conta do imaginário popular ser muito forte e exigir a representação de uma criança no desenho, que por sua vez não possui reproduções de estereótipos de gênero, não impactando no propósito do projeto.

A utilização do sistema desenvolvido pela *American Institute of Graphic Arts* (AIGA) como elemento norteador para a Geração de Alternativas foi baseada no fato dele ser utilizado como referência para a criação de sistemas de sinalização que visam a inclusão de pessoas com deficiência. Trazendo diretrizes a serem seguidas que culminaram em desenhos de pictogramas com características inclusivas, como: contornos fortes e bem definidos; simplicidade nas formas e poucos detalhes; e estabilidade da forma. Sendo eles condições especificadas para símbolos visuais na Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR 9050).

Após a seleção de possíveis símbolos a seguirem no processo, foi feita uma verificação virtual com o público para entender a adequação de cada sugestão, além de coletar novas opiniões, uma vez que o trabalho de informar através de um pictograma só é cumprido quando a mensagem pretendida é interpretada de maneira correta pelo espectador. Com isso, foi possível desenvolver uma família modelo que foi testada em sanitários públicos.

Ao final da etapa de Verificação, reconheceu-se que por mais que os pictogramas desenvolvidos fossem eficientes, ainda se faz necessário, para entender a mensagem visada, a linguagem escrita. Vale ressaltar que o fato dos pictogramas

necessitarem do acompanhamento dos termos por escrito não resultam em sua ineficiência, uma vez que a comunicação humana, por mais que pareça natural, possui um caráter artificial, ou seja, a linguagem é uma "construção social e histórica, que varia de uma cultura para outra, que se aprende e que se ensina" (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL, 2014, p. 24). Como a sociedade usa em abundância a representação binária para indicar os sanitários de uma maneira quase que empírica, já que "após aprendermos um código, tendemos a esquecer a sua artificialidade" (FLUSSER, 2017, p.86), é preciso ensinar um novo código social e isto leva um tempo até que esta nova linguagem se pareça natural. Portanto, para favorecer e diminuir a curva de aprendizagem social, a utilização da linguagem escrita é usada como um elemento facilitador nesta jornada.

Outro ponto que se faz necessário destacar é a questão da neutralidade cultural visada, uma vez que, por conta do contexto em que este trabalho está inserido, ele não pode ser considerado totalmente neutro. A não utilização da figura humana auxilia na dispensa de estereótipos voltados a pessoas, todavia, ao utilizar o vaso sanitário, por exemplo, é assumido que todas as culturas estejam acostumadas com este objeto nos banheiros públicos, mas a realidade não mostra essa suposição como verdadeira. Tanto que na Índia e na China são comuns o uso de latrinas nos sanitários. Contudo, diferentemente da ISOTYPE que traz à tona estereótipos colonialistas e de gênero, mesmo tendo objetivado uma linguagem neutra, os pictogramas desenvolvidos não fazem menção a indivíduos, sendo assim mais representativos e inclusivos.

Na última etapa metodológica de Desenho Construtivo e Disponibilização, os desenhos dos pictogramas escolhidos para compor a família final foram refinados e geometrizados, a partir de diretrizes voltadas para a facilitação de sua disponibilização em plataformas digitais. Além de ser desenvolvido uma nova versão dos pictogramas visando uma maior utilização deles e, por conseguinte, resultando em ambientes mais inclusivos e respeitosos à diversidade.

Por fim, entende-se que a conclusão do trabalho foi coerente com o questionamento apresentado e atingiu todos os objetivos e requisitos que se propôs a cumprir. É importante reafirmar que, assim como trazido na Justificativa, não é possível mudar uma cultura do dia para a noite, visto que atos discriminatórios e preconceituosos ainda serão vistos no cotidiano. Sendo assim, o presente trabalho é, portanto, um agente ativo para a mudança e criação de um futuro mais representativo e inclusivo, justamente por trilhar um caminho a ser seguido e incrementado por diversas outras pesquisas e projetos. Assim como Kristy Tillman (2021) afirma, designers estão criando a cultura e é preciso reconhecer que estamos criando um futuro; e é possível concluir que o presente Trabalho de Conclusão de Curso é um exemplo bem sucedido para a criação deste amanhã.

REFERÊNCIAS

- ADG BRASIL. **Código de Ética Profissional do Designer Gráfico**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://adg.org.br/novosite/wp-content/uploads/2020/07/ADGBrasil_CodigoEtica.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2022.
- ABDULLAH, Rayan; HÜBNER, Roger. **Pictograms, Icons & Signs: A Guide to Information Graphics**. Londres: Thames & Hudson, 2006.
- ANTRA. **Relatório 2017**. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>> Acesso em: 12 de março de 2022.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Decreto nº 23.430, de 24 de outubro de 1974**. DEC: 23.430. [S. l.], 24 out. 1974. Disponível em: <<https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201612/13140133-decreto23430c.pdf>>. Acesso em: 23 de março de 2022.
- ASSIS, Desirèe; BONORA, Mariana. **Banheiro ‘multigênero’ de fast food no interior de SP repercute na web**. G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/11/12/criticas-de-vereadores-a-banheiro-multigenero-de-fast-food-repercutem-em-rede-social-vai-que-vira-moda.ghtml>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.
- ABNT (2020). NBR 9050. **Norma Brasileira de Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência às Edificações, Espaço Mobiliário e Equipamentos Urbanos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20\(1\).pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/NBR9050_20(1).pdf)>. Acesso em: 17 de julho de 2022.
- BACHMANN, C. L.; GOOCH, B. **LGBT In Britain: Trans Report**. London: Stonewall, 2018. Disponível em: <https://www.stonewall.org.uk/system/files/lgbt_in_britain_-_trans_report_final.pdf>. Acesso em 10 de março de 2022.
- BANHEIRO MULTIGÊNERO: entenda o que diz a lei**. G1, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/11/24/multigenero-o-que-diz-a-lei-sobre-banheiros-unissex.ghtml>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.
- BARNETT, Brian S; NESBIT, Ariana E; SORRENTINO, Renee M. **The Transgender Bathroom Debate at the Intersection of Politics, Law, Ethics, and Science**. The Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law, v. 46, n. 2, p. 10, 2018. Disponível em: <<http://jaapl.org/content/46/2/232.long>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

Bastos, T. (2012). **Unidos da Tijuca explica porque criou banheiro gay**. 180 Graus, 2011. Disponível em: <<http://180graus.com/noticias/unidos-da-tijuca-explica-porque-criou-banheiro-gay-391206.html>>. Acesso em: 24 de abril de 2022

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>>. Acesso em: 3 de abril de 2022.

BENTO, B. Universidade, gênero e movimentos sociais (Decálogo). **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 340–353, 2017. DOI: 10.9771/peri.v1i7.22284. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22284>> . Acesso em: 23 de abril de 2022.

CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JÚNIOR, Gilson Santiago. **‘Isto é um lugar de respeito!’: a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano**. Revista de Direito da Cidade, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/26356>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

CERVI, Thales de Almeida Nogueira; MISKOLCI, Richard; DIAS-DA-SILVA, Magnus R.; *et al.* **O banheiro público como dispositivo de gênero**. n. 20, p. 327–363, 2019.

CLAIR, Kassia St. **The Secret Lives of Color**. 1. ed. [s.l.]: Penguin Books, 2017.

DE BARROS, Camila Monteiro; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. **Estudos da Semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades**. v. 17, n. 3, p. 18–33, 2012.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre Identidade de Gênero, Conceitos e Termos**. 2012. Disponível em: <<http://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/GÊNERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 9 de março de 2022.

DE PONTES, J. C.; DA SILVA, C. G. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 8, p. 396–417, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i8.23211. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211>> . Acesso em: 30 de abril de 2022.

DELABRIDA, Zenith Nara Costa. **O cuidado consigo e o cuidado com o ambiente físico : estudos sobre o banheiro público**. Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/6963>>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

FERREIRA, A. B. H. (1985). **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FIDALGO, António; GRADIM, Anabela. Manual de Semiótica. 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.6/714>>. Acesso em: 16 de abril de 2022.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação**. 1. ed. Brasil: Ubu Editora, 2017. 224 p. ISBN 8592886228.

FRASCARA, Jorge. **Diseño gráfico para la gente**. p. 54, 2000.

FREITAS, D. C. A.; GUIMARÃES, M. A.; CAREZZATO, C. L.; MENDO, C. T.; GARCIA, S. B. **Bioética no cuidado e atenção do nascido intersexo: necessidade de revisão na prática clínica**. Revista Brasileira de Bioética, [S. l.], v. 14, n. edsup, p. 148, 2019. DOI: 10.26512/rbb.v14iedsup.26325. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/26325>>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

GLAAD. **Media Reference Guide 2016**. New York e Los Angeles, 2016. Disponível em: <<https://www.glaad.org/reference>>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2022.

IDEO (EUA). **Interview**. In: Design kit. [S. l.], 2016. Disponível em: <<https://www.designkit.org/methods/interview>>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

JAMES, Sandy E.; HERMAN, Jody L.; RANKIN, Susan; et al. **Executive Summary of the Report of the 2015 U.S. Transgender Survey**. Washington, DC: National Center for Transgender Equality, 2016. Disponível em: <<https://transequality.org/sites/default/files/docs/usts/USTS-Full-Report-Dec17.pdf>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

KOGAN, Terry S. **Sex-Separation in Public Restrooms: Law, Architecture, and Gender**, 14 MICH. J. GENDER & L. 1 (2007). Disponível em: <<https://repository.law.umich.edu/mjgl/vol14/iss1/1>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

KUWAYAMA, Yasaburo. **Trademarks and Symbols of the World: Pictogram and Sign Design**. Japão: Kashiwashobo, 1989. 239 p. v. 3. ISBN 978-0935603309.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho - Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LUPTON, Ellen; KAFEI, Farah; TOBIAS, Jennifer; et al. **Extra Bold: A Feminist, Inclusive, Anti-Racist, Nonbinary Field Guide for Graphic Designers**. 1. ed. [s.l.]: Princeton Architectural Press, 2021.

MARIA, Nila. **Baby Boomers: o que significa e quais são as características.** [S. l.], 28 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/ladem/2020/05/28/baby-boomers-o-que-significa-e-quais-sao-as-caracteristicas/>>. Acesso em: 26 de junho de 2022.

MIJKSENAAR. **Beyond the Binary.** 2021. Disponível em: <<https://inclusivity.mijksenaar.com/wp-content/uploads/2021/01/Beyond-the-Binary-A-White-Paper-by-Mijksenaar-2021.pdf>>. Acesso em: 3 de abril de 2022

MIRANDA, Davi. **A cidade dos invisíveis: a transfobia como um instrumento de segregação social e urbana.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, v. 9, n. 2, p. 331–347, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i2.0018>>. Acesso em: 10 de março de 2022.

NASCIMENTO, Fagner Deport Ferreira do. **Entre aparências e contrastes : imaginário do masculino nas animações Disney.** Dissertação, PUCRS, Brasil, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8174>>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

NATT, Elisângela Domingues Michelatto; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. **CRIAÇÃO DE BANHEIROS LGTB: inclusão ou prática discriminatória?** v. 14, n. 1, p. 31–44, 2015.

NEURATH, Otto. **International Picture Language: The First Rules of Isotype.** Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1936.

[NEUTROIS.COM](http://neutrois.com). **Gender Concepts.** [201-?]. Disponível em: <<http://neutrois.com/definitions/concepts/>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2022

PANIZZA, Janaina Fuentes. **Metodologia e processo criativo em projetos de comunicação visual.** Mestrado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-04082006-120606/>>. Acesso em: 13 de março de 2022.

PATER, Ruben. **Políticas do design: Um guia (não tão) global de comunicação visual.** [s.l.: s.n.], 2019.

PAZMINO, Ana Verónica. **Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável.** p. 11, 2007.

PEREIRA, Joseane. **Nativos norte-americanos reconheciam cinco gêneros.** In: Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais. [S. l.], 5 nov. 2019. Disponível em:

<<https://www.ufjf.br/ladem/2019/11/05/nativos-norte-americanos-reconheciam-cinco-generos/>>. Acesso em: 16 de abril de 2022.

PIE BOOKS (Japão). **Pictogram and Icon Collection: From Public Signage to Web Icons**. Japão: PIE Books, 2008. 200 p. ISBN 4-89444-505-0.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>> Acesso em: 16 de abril de 2022.

SALKELD, Richard. **Como ler uma fotografia**. Trad. Denis Fracalossi. 1. ed. [s.l.]: Editora Gustavo Gili, 2014.

SAMPAIO, F. de S. O terceiro banheiro: fuga da “pedagogia do insulto” e/ou reforço da heteronormatividade?. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 131–151, 2015. DOI: 10.9771/peri.v1i3.14259. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14259>>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

SCOTT, J. W.; URSO, G. S. **Gênero**. albuquerque: revista de história, v. 13, n. 26, p. 177-186, 28 de dezembro de 2021.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL (Brasil) (ed.). Manual para o uso não sexista da linguagem: O que bem se diz bem se entende. Rio Grande do Sul, Brasil: [sc. n.], 2014. 112 p. Disponível em: <<http://portalsemiar.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Manual-para-uso-n%C3%A3o-sexista-da-linguagem.pdf>>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

SEMIÓTICA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/semiotica/>>. Acesso em: 17 de abril de 2022.

SEX EDUCATION. Criação de Laurie Nunn. Estados Unidos: Netflix, 2019 -son. color. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 24 de abril de 2022

SOCIETY FOR EXPERIENTIAL GRAPHIC DESIGN (EUA). **What is Wayfinding?** [S. l.], 2014. Disponível em: <<https://segd.org/what-wayfinding>>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

SPENCE-MITCHELL, Tynslei. **Restroom restrictions: How race and sexuality have affected bathroom legislation**. Gender Work Organ, [s. l.], ed. 28, p. 14-20, 2021. DOI <<https://doi.org/10.1111/gwao.12545>>. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/gwao.12545>>. Acesso em: 25 de março de 2022.

STEREOTYPE. *In:* Lexico. Oxford, 2022. Disponível em: <<https://www.lexico.com/en/definition/stereotype>> Acesso em: 3 de abril de 2022.

TEDX TALKS. **We all need a safe place to pee | Ivan Coyote | TEDxVancouver.** Youtube, 24 de novembro de 2015. 1 vídeo (12:16 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wUKAVcj9NVA&t=65s>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

TOMBOY. *In:* Dictionary. Merriam-Webster, 2022. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/tomboy>> Acesso em: 13 de março de 2022.

GLITCHY. *In:* Dictionary. Cambridge University, 2022. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/glitchy>>. Acesso em: 4 de abril de 2022.

TORRIBIO, J. A.; GLASS, L. H. **Venereal disease exhibit at teenage fair.** Public Health Reports, Carolina do Norte, EUA, ed. 80, p. 1-5, 1965.

TRANSVERSAIS. Direção: Emerson Maranhão. Roteiro: Emerson Maranhão. Brasil: Netflix, 2021. Acesso em: 24 de abril de 2022

THESA: **Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero - #pangênero.** Versão 0.20.05.18. Brasil: UFRGS, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/c/21907/283/#:~:text=Defini%C3%A7%C3%A3o%20do%20conceito,experi%C3%A7%C3%A3o%20de%20vida%20da%20pessoa.>> Acesso em: 28 de abril de 2022.

URIARTT, Simone Mello Pereira. **Afeto não tem Idade, uma Contribuição do Design Visual à Sensibilização dos Pretendentes à Adoção.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014.

WALLACH SCOTT, Joan. **Gender: Still a Useful Category of Analysis?** Diogenes, v. 57, n. 1, p. 7–14, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.14704>>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

WOLICKI, Maggie. **Put a Skirt on It Gender: Stereotypes in Pictogram Design.** M.F.A., Savannah College of Art and Design, Estados Unidos da América, 2015. Disponível em: <<http://ecollections.scad.edu/iii/cpro/DigitalItemViewPage.external?sp=1002908>>. Acesso em: 4 de abril de 2022.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM PÚBLICO

Tabela mostrando as questões trazidas nas entrevistas e seus agrupamentos.

TÓPICO	PERGUNTAS
Perfil	Nome e idade?
	Pronomes gostaria que fossem utilizados?
	Identidade de gênero
Pictogramas	Você sabe o que são pictogramas e qual sua função?
	Quais são os pictogramas que você consegue recordar?
	Quais as percepções que você tem de cada um?
	Qual pictograma você preferiria?
	Qual possibilidade de pictograma seria interessante?
	Você se recorda de algum pictograma que identificasse o banheiro que você achou interessante?
Banheiros	Você já passou por algum desconforto ou sofreu preconceito ou abuso físico ou verbal quando precisou ir ao banheiro público?
	Qual o seu sentimento em relação a hora de escolher qual banheiro entrar? Qual é o escolhido e por quê?
	Você se sente confortável ao usar o banheiro identificado como oposto ao que você prefere usar?
	Você se sentiria confortável indo a um banheiro multigênero?
	Se tivesse um terceiro banheiro, banheiro feminino, banheiro masculino e banheiro para <i>todes</i> , qual seria a sua percepção?
	O que você acha desse movimento de criação de banheiros " <i>all gender</i> "?
	Você acha que é preciso mudar todos os banheiros com gêneros designados em espaços públicos?
	Como você acha que deveriam chamar esses banheiros?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO ONLINE

Questões aplicadas no questionário online para entender as relações e interseccionalidades envolvendo gênero, orientação sexual e banheiros públicos.

1. Quantos anos você tem?
 - a. 17 anos ou menos
 - b. de 18 à 22 anos
 - c. de 23 à 30 anos
 - d. de 31 à 40 anos
 - e. de 41 à 50 anos
 - f. de 51 à 60 anos
 - g. 61 anos ou mais

2. Como você se identifica?
 - a. Agênero
 - b. Pessoa de Gênero Fluído
 - c. Pessoa Não-Binária
 - d. Mulher Cisgênero
 - e. Homem Cisgênero
 - f. Mulher Trans
 - g. Homem Trans
 - h. Travesti
 - i. Prefiro não dizer

3. Qual sua orientação sexual?
 - a. Heterossexual
 - b. Homossexual
 - c. Bissexual
 - d. Pansexual
 - e. Demisexual
 - f. Assexual
 - g. Prefiro não dizer

4. Você mora no Brasil? Ou já morou no passado?
 - a. Sim, moro atualmente
 - b. Sim, morei no passado
 - c. Não moro no Brasil

5. Você se sentiria confortável ao utilizar um sanitário feminino?
 - a. Sim, completamente
 - b. Sim, não seria um problema, mas nunca precisei
 - c. Não completamente, mas já usei quando foi mais conveniente
 - d. Não, as outras pessoas podem se sentir desconfortáveis
 - e. Não, isto me deixa desconfortável

6. Você se sentiria confortável ao utilizar um sanitário masculino?
 - a. Sim, completamente
 - b. Sim, não seria um problema, mas nunca precisei
 - c. Não completamente, mas já usei quando foi mais conveniente
 - d. Não, as outras pessoas podem se sentir desconfortáveis
 - e. Não, isto me deixa desconfortável

7. Você se sentiria confortável usando um sanitário multigênero (sanitário que aceita todos os gêneros)
 - a. Sim, completamente
 - b. Sim, não seria um problema, mas nunca precisei
 - c. Não completamente, mas usaria
 - d. Não, isto me deixa desconfortável

8. Você acha que é necessário mudar os sanitários existentes, que são separados por sexo, para sanitários multigênero em ambientes públicos?
 - a. Sim, todos deveriam ser multigênero
 - b. Tanto banheiros separados por sexo (feminino e masculino) quanto multigênero deveriam ser ofertados
 - c. Não necessariamente, mas não me importaria
 - d. Não, mas isso deve ser levado em consideração em novas construções
 - e. Não

9. Qual você acha ser o melhor termo para banheiros multigênero?
 - a. Banheiro
 - b. Sanitário
 - c. Banheiro Sem Gênero
 - d. Banheiro Multigênero

- e. Banheiro Livre
- f. Banheiro de Gênero Neutro
- g. Outro

10. Qual a sua opinião sobre este pictograma?

11. Qual você acha que melhor cumpre a função de indicar o local?

- a. A
- b. B
- c. C
- d. D
- e. Nenhum dos pictogramas cumpre a função de indicar o local

12. Caso queira justificar a sua escolha, este espaço é aberto para isto.

13. Você teria alguma outra sugestão de como seria o pictograma para um sanitário multigênero? Caso tenha, escreva na opção "outros"

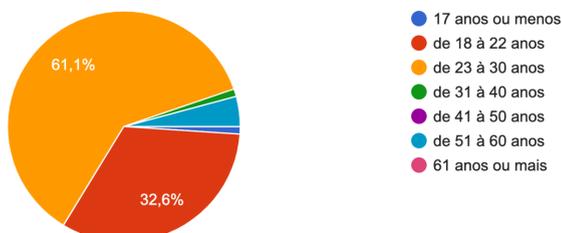
- a. Não
- b. Outros

APÊNDICE C - GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO ONLINE

Gráficos obtidos a partir das respostas do questionário online pela plataforma *Google Forms*.

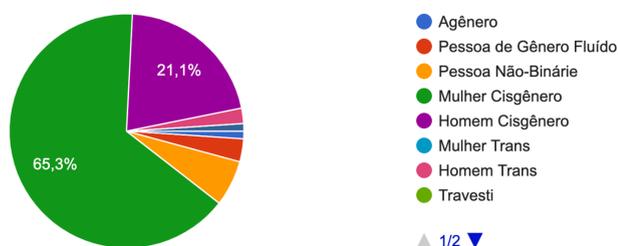
Quantos anos você tem?

95 respostas



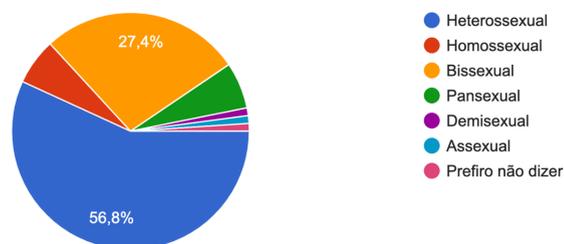
Como você se identifica?

95 respostas



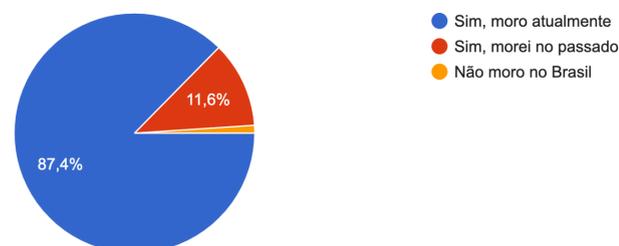
Qual a sua orientação sexual?

95 respostas



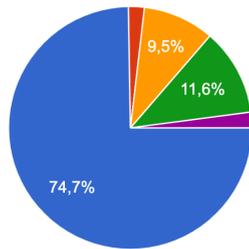
Você mora no Brasil? Ou já morou no passado?

95 respostas



Você se sentiria confortável ao utilizar um sanitário feminino?

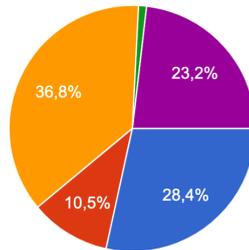
95 respostas



- Sim, completamente
- Sim, não seria um problema, mas nunca precisei
- Não completamente, mas já usei quando foi mais conveniente
- Não, as outras pessoas podem se sentir desconfortáveis
- Não, isto me deixa desconfortável

Você se sentiria confortável ao utilizar um sanitário masculino?

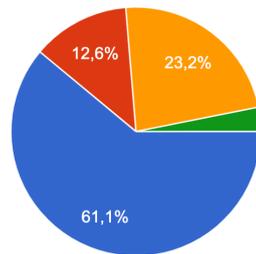
95 respostas



- Sim, completamente
- Sim, não seria um problema, mas nunca precisei
- Não completamente, mas já usei quando foi mais conveniente
- Não, as outras pessoas podem se sentir desconfortáveis
- Não, isto me deixa desconfortável

Você se sentiria confortável usando um sanitário multigênero (sanitário que aceita todos os gêneros)

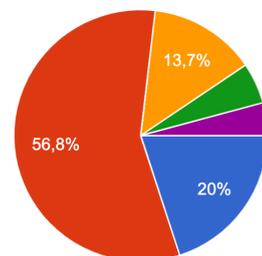
95 respostas



- Sim, completamente
- Sim, não seria um problema, mas nunca precisei
- Não completamente, mas usaria
- Não, isto me deixa desconfortável

Você acha que é necessário mudar os sanitários existentes, que são separados por sexo, para sanitários multigênero em ambientes públicos?

95 respostas



- Sim, todos deveriam ser multigênero
- Tanto banheiros separados por sexo (feminino e masculino) quanto multigênero deveriam ser ofertados
- Não necessariamente, mas não me importaria
- Não, mas isso deve ser levado em consideração em novas construções
- Não

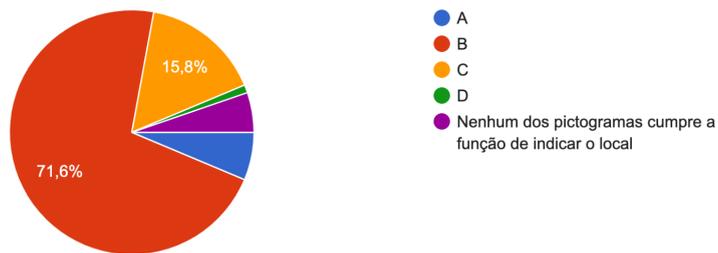
Qual você acha ser o melhor termo para banheiros multigênero?

95 respostas



Qual você acha que melhor cumpre a função de indicar o local?

95 respostas



APÊNDICE D - ENTREVISTA DE VERIFICAÇÃO 1

Tabela mostrando as questões trazidas nas entrevistas e seus agrupamentos.

TÓPICO	PERGUNTAS
Perfil	Idade?
	Qual a sua relação com a UFRGS?
	Pronomes gostaria que fossem utilizados?
	Você frequenta ou não este banheiro? Foi a primeira vez?
Sanitários	Você percebeu a nova sinalização?
	Você considera que este sanitário é para todas as pessoas?
	Com esta nova indicação dos sanitários, qual seria a sua interpretação?
	Você acharia necessário uma indicação esclarecendo que qualquer pessoa pode utilizar os sanitários que escolhesse?
	Caso houvesse fila, e o sanitário ao lado fosse sinalizado como sendo para todas as pessoas, você iria utilizá-lo ou preferiria usar os disponíveis em outros andares?